

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 502 | Ano XVII | 10/4/2017

Sociabilidade 2.0

*Relações humanas
nas redes digitais*

Entrevistados

Fábio Malini

Henrique Antoun

Felipe de Oliveira

Eduardo Alves

Wilson Gomes

Adriana Amaral

Raquel Recuero

Leia também

■ João Martins Ladeira

■ Fabio Zanini

■ Rita de Cássia Luckner

Sociabilidade 2.0

Relações humanas nas redes digitais

2

Redes sociais é algo que se estabelece no instante em que o ser humano passa a viver em grupo. Essas relações vão se transformando com o desenvolvimento da humanidade. Tal perspectiva desconstrói a ideia de que o mundo digital trouxe novidade para as relações entre as pessoas a partir das redes sociais digitais. Com a internet, o que passa a haver é uma explosão “de possibilidades de modos de estar junto”, como define o professor **Fábio Malini**, da Universidade Federal do Espírito Santo, um dos entrevistados dessa edição da **IHU On-Line**. Para ele, o interessante dessa perspectiva em rede é a possibilidade de infindáveis articulações sem a dependência de intermediários, sejam mídias ou organizações, pois, por exemplo, “não há mais a necessidade de um sindicato para produzir uma mobilização”.

Na presente edição da revista **IHU On-Line**, além de Malini, pesquisadores e pesquisadoras debatem as redes sociais na internet e suas sociabilidades.

Henrique Antoun, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reconhece as infindáveis possibilidades de relações a partir da internet. Entretanto, chama atenção para o tipo de trabalho gerado a partir das redes digitais, que trazem liberdade, mas que a todo instante tenta se cooptar esse trabalho imaterial pela lógica do capital.

Felipe de Oliveira, doutor em Ciências da Comunicação, observa que a enxurrada de informação produzida pelas redes sociais digitais atualiza o papel da imprensa. Para o pesquisador, apesar da complexidade diante de fluxos comunicacionais do ambiente digital, é a imprensa que deve assumir o papel de curadoria da informação. A **IHU On-Line**, por meio da reportagem de **Ricardo Machado**, também tenta compreender, nesse contexto, as chamadas notícias falsas e a frágil bolha da verdade.

Eduardo Alves, do Observatório de Favelas, analisa a potência criativa das periferias, que é amplificada pelas várias possibilidades que se

abrem a partir da polifônica narrativa web. Para **Wilson Gomes**, professor da Universidade Federal da Bahia, o uso das redes sociais depende tanto do que as pessoas querem fazer com elas quanto das suas características inerentes e, por isso, compreende que nada é efêmero, discreto ou apagável no universo digital.

Adriana Amaral, professora da Unisinos, propõe que se observe esse mundo digital não de forma descolada do mundo *off-line*. Por isso, acredita que redes sociais digitais não criam, mas potencializam relações e identidades já existentes. **Raquel Recuero**, professora da Universidade Federal de Pelotas, foca o olhar nos efeitos que essa potencialização das relações nas redes digitais causa. Segundo ela, há formação de uma modalidade de esfera pública, criando bolhas que restringem circulação de opiniões e ideias.

Também podem ser lidas nesta edição as entrevistas com o jornalista **Fábio Zanini**, que descreve a política externa do Brasil, especialmente nos governos do presidente Lula, e com a mestra em Ciências da Religião **Rita de Cassia Scocca Luckner**, que analisa a obra *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo, desde uma perspectiva teológica.

A todas e a todos, uma boa leitura e uma excelente semana com os melhores votos de uma Feliz Páscoa da Ressurreição.



Foto: Pavlina Rupova
Flickr Creative
Commons

Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 8 ■ **Livro | Fabio Zanini:** Brasil e sua política externa pendular
- 14 ■ **Entrevista | João Ladeira:** Uma nova TV capturada pelo Vale do Silício e que alimenta o resto do mundo
- 20 ■ **Tema de capa | Fábio Malini:** Internet é uma máquina que potencializa minorias
- 26 ■ **Tema de capa | Henrique Antoun:** Redes sociais querem se transformar em currais do trabalho imaterial
- 30 ■ **Tema de capa | Felipe de Oliveira:** Jornalismo deve fazer mediação qualificada entre acontecimentos e a sociedade
- 34 ■ **Tema de capa | Reportagem | Ricardo Machado:** O rastilho de pólvora das notícias falsas no pavio da intolerância
- 37 ■ **Tema de capa | Eduardo Alves:** A potência criativa das periferias na construção de novas narrativas web
- 42 ■ **Tema de capa | Wilson Gomes:** Nada é efêmero, discreto ou apagável no universo digital
- 46 ■ **Tema de capa | Adriana Amaral:** Indissociabilidade entre os mundos on e off-line
- 50 ■ **Tema de capa | Raquel Recuero:** Redes sociais formaram bolhas na internet que restringem circulação de opiniões e ideias
- 54 ■ **Teologia Pública | Rita de Cassia Scocca Luckner:** Crítica social pela leitura teológica-literária de Incidente em Antares
- 62 ■ **Cinema | Vitor Necchi:** A serenidade de *Moonlight* sobre os escombros do abandono
- 64 ■ **Publicações | Carlos Frederico Guazzelli:** A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade
- 65 ■ **Publicações | Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow:** A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica
- 67 ■ **Outras edições**

IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Flores da Cunha - MTB 18.241/RS
(joaoflores@unisinos.br)

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi - MTB 7.466/RS
(vnecchi@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Luísa Boéssio e William Gonçalves.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider
(jacintos@unisinos.br)

Entrevistas completas em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Sistema agroalimentar remove o sentido original da agricultura



“Um Estado efetivamente comprometido com o direito humano à alimentação e à nutrição adequadas promoveria ações regulatórias sobre a ação das transnacionais e das grandes empresas, sobre a liberação de transgênicos e o uso de agrotóxicos.”

Valéria Burity é advogada e mestra em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba

Atlas Agropecuário permitirá relacionar posse da terra com serviços ambientais



Por meio do Atlas poderemos “saber quem é o dono do carbono, da água, da biodiversidade e vários outros serviços ambientais importantes. Podemos saber também quem exatamente será afetado por uma obra de infraestrutura, ou pela criação de um hub logístico como um porto ou silo”.

Gerd Sparovek é graduado, mestre e doutor em Agronomia pela Universidade de São Paulo - USP

4

Equador está dividido, assim como toda a América Latina



“Será pouco provável que Lenín consiga manter suas propostas com todo o potencial que elas merecem, simplesmente porque o Equador passa por seu momento de crise, devido à baixa dos preços do petróleo, que continuam sendo o motor do desenvolvimento do país.”

Elaine Santos é socióloga e professora da Rede Estadual em Santo André-SP, mestra em Energia e atualmente cursa doutorado no Centro de Estudos Sociais em Coimbra

Maior ameaça ao Cerrado é considerar sua vegetação nativa um estorvo ao desenvolvimento



“Como o inverno seco pode durar quase seis meses, para muitos a seca deste período seria a situação predominante. Entretanto, os verões chuvosos, originalmente, podem trazer, em média, para a região cerca de 1.600 mm de chuva.”

José Felipe Ribeiro é graduado em Biologia pela Unicamp, mestre em Ecologia pela UnB e doutor em Ecologia pela University of California

A Lava Jato é um fato, mas o judiciário por si só não faz história



“Então, a sociedade brasileira tem uma estrutura produtiva que se reflete na sua estrutura social e que se reflete na sua estrutura política. Para sair dessa dança, é necessária uma mudança estrutural significativa.”

Carlos Lessa é doutor em Ciências Humanas pela Unicamp. Foi reitor da UFRJ e presidente do BNDES



Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Bill Gates se une ao cerco contra o capitalismo dos robôs

Benoît Hamon não está sozinho. A proposta do socialista francês de tributar robôs com um imposto para compensar os empregos destruídos pelas máquinas inteligentes está sendo debatido nas últimas semanas com intensidade. E a culpa pelo alvoroço é em parte de Bill Gates. O fundador da Microsoft juntou-se ao movimento do imposto sobre robôs, que até agora parecia território exclusivo de socialistas e sindicalistas.

A reportagem é de Ana Carbajosa, publicada por El País, reproduzida no sítio do IHU.

Entre a cidade e a aldeia, jovem indígena luta para salvar nação Assurini do Xingu

Entre dois mundos. É assim que Tímei Assurini, de 22 anos, vive. Ele saiu da aldeia no Médio Xingu, localizado no município de Altamira, no estado do Pará, para iniciar uma jornada em busca de conhecimento no mundo dos Karai [não indígenas]. A missão que se propôs a fazer era também uma forma de curar a depressão, doença que veio acompanhada dos impactos ambientais e culturais na Amazônia.

A reportagem é de Lilian Campelo, publicada por Brasil de Fato, reproduzida no sítio do IHU.

No Brasil, alfabetização entre crianças mais ricas é seis vezes maior que entre as pobres

As desigualdades na qualidade da educação começam desde cedo. No Brasil, crianças com famílias de níveis socioeconômicos mais altos têm desempenho considerado adequado desde a alfabetização. Entre aquelas com nível socioeconômico mais baixo, o percentual das que têm aprendizado considerado adequado chega a ser seis vezes menor. Os dados são de levantamento feito pelo movimento Todos pela Educação (TPE).

A reportagem é de Mariana Tokarnia, publicada por Agência Brasil, reproduzida no sítio do IHU.

5

Guerras e fome: a cegueira do Ocidente

“A fome no mundo não é nenhuma maldição bíblica, nem uma fatalidade que seja necessário suportar, porque o mundo dispõe de recursos suficientes para a enfrentar, caso consigamos (pressionando os governos, insistindo na exigência de justiça e solidariedade, combatendo o imperialismo) que a cegueira do Ocidente, diante dos desastres das guerras, deixe espaço para a maltratada, generosa e imprescindível fraternidade humana”.

Artigo de Higinio Polo, doutor em História Contemporânea pela Universidade de Barcelona, reproduzido no sítio do IHU.

A técnica não salvará o homem. Artigo de Joseph Ratzinger

*Foi publicado nesta terça-feira, 4 de abril, o livro *Il tempo e la storia. Il senso del nostro viaggio* [O tempo e a história. O sentido da nossa viagem] (180 páginas), uma coleção de escritos de Joseph Ratzinger inéditos na Itália. São textos dos anos 1970, anteriores à nomeação episcopal do papa emérito, que está prestes a completar, no próximo dia 16 de abril, 90 anos.*

Um trecho do livro foi publicado por La Stampa e reproduzido no sítio do IHU.

De Martin Luther King a Maria Eduarda Alves, a violência que ameaça os sonhos

No último fim de semana, a adolescente Maria Eduarda, de 13 anos, morreu atingida por três “balas perdidas”, mesmo estando dentro da escola, na Zona Norte do Rio. As balas são oriundas de um confronto entre policiais e bandidos na comunidade. Mais uma vez, o debate se fecha na culpabilização dos indivíduos: saber de onde vieram as balas para saber se os responsáveis são traficantes ou policiais.

A reportagem é de Ronilso Pacheco, publicada por The Intercept, reproduzida no sítio do IHU.

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

<p>Reconstruir em campo minado. Ideias para uma esquerda pós-PT</p> <p>12/abr</p> <p>Horário 19h30min às 22h</p> <p>Conferencista Prof. Dr. Rodrigo Nunes – PUC-Rio</p> <p>Local Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo</p>	<p>Os desafios do trabalho no mundo contemporâneo</p> <p>18/abr</p> <p>Horário 17h30min às 19h30min</p> <p>Conferencista Prof. Dr. José Dari Krein – Unicamp</p> <p>Local Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo</p>	<p>Impactos ambientais e contrassensos no pantanal brasileiro</p> <p>18/abr</p> <p>Horário 19h30min às 22h</p> <p>Conferencista Profa. Dra. Carolina Joana da Silva – UNEMAT</p> <p>Local Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo</p>
<p>IHU Ideias: O pampa invisível: a monopolização das terras e as populações invisibilizadas</p> <p>20/abr</p> <p>Horário 17h30min às 19h</p> <p>Palestrante Profa. Dra. Flavia Maria Silva Rieth – UFPEL</p> <p>Local Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo</p>	<p>EAD – Ciclo de estudos Os Biomas Brasileiros e a Teia da Vida</p> <p>24/abr a 28/abr</p> <p>Semana 1 de 7 Bioma Pampa</p>	<p>A desidentificação da esquerda como possibilidades na política brasileira contemporânea</p> <p>24/abr</p> <p>Horário 19h30min às 22h</p> <p>Conferencista Prof. Dr. Moyses Pinto Neto – Ulbrá</p> <p>Local Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo</p>

6

A reinvenção da política no Brasil contemporâneo.
Limites e perspectivas
23 de março a 17 de maio de 2017
Saiba mais em ihu.unisinos.br

INSCRIÇÕES ATÉ
17/05/2017

**Amazônia:
biodiversidade
e os serviços
ecossistêmicos do
bioma Amazônia**

26/abr

Horário
19h30min às 22h

Conferencista
Prof. Dr. Antônio dos Santos – UEA

Local
Auditório Pe. Bruno
Hammes
Campus Unisinos
São Leopoldo

**IHU Ideias: Impactos
da reestruturação
produtiva no contexto
pós-industrial. Limites
e possibilidades**

27/abr

Horário
17h30min às 19h

Conferencista
Prof. Dr. César Sanson –
UFRN

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

**A escalada da
violência diante dos
avanços econômico-
sociais na (re)produção
das metrópoles**

27/abr

Horário
19h30min às 22h

Conferencista
Prof. Dr. Luis Flávio Saporì
– PUC-Minas

Local
Local: Sala Ignacio Ellacurìa e
Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

14ª Páscoa IHU

**OS BIOMAS BRASILEIROS
E A TEIA DA VIDA**

09 de março a 15 de junho de 2017

Conferencistas confirmados:

Prof. Dr. Marcelo Dutra da Silva – FURG

Demétrio de Freitas Xavier – FM Cultura e TVE Piratini, Porto Alegre/RS

Prof. Dr. Pierre Girard – UFMT

Cláudio Ângelo – Observatório do Clima

Prof. Dr. Antônio dos Santos – UEA

Prof. Dr. José Felipe Ribeiro – UnB

Prof. Dr. Altair Sales Barbosa – PUC Goiás

MS Rodrigo Castro – Aliança da Caatinga
e a Associação Caatinga

Prof. Dr. José Roque Junges – UNISINOS



Brasil e sua política externa pendular

Fabio Zanini analisa a política internacional da Era Lula, o reposicionamento do Brasil no cenário mundial e as novas configurações nas relações entre nações

João Vitor Santos

Como pêndulo de relógio, a política externa brasileira se movimenta hora para uma direção, hora para outra. De um lado, as forças hegemônicas, como Estados Unidos e, de outro, países mais periféricos, como os da América Latina. É nessa perspectiva que vai a análise do jornalista Fabio Zanini. “O Brasil, por seu tamanho e diversidade, tem dificuldade de se encaixar num único modelo de diplomacia”, pontua. Para ele, o país tem vocação como potência regional, “mas também não é absurdo almejarmos um lugar mais privilegiado na mesa dos ricos. Por nossos laços históricos, estamos em posição também de aspirar o papel de líder do mundo subdesenvolvido”.

Zanini concilia sua experiência como repórter de política e correspondente internacional para analisar o que considera, de certa forma, uma fase dourada da diplomacia brasileira durante os governos do presidente Lula. Entretanto, para conseguir esse lugar de destaque no cenário internacional, acaba contrariando alguns princípios de esquerda. “Em seu governo, Lula conseguiu a façanha de embalar uma política externa de cunho mercantil e, portanto, capitalista, numa roupagem ideológica de esquerda”, destaca em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

É, segundo o jornalista, a mesma lógica pendular que embala a política interna lulista. “A política externa ‘de esquerda’, baseada no anti-imperialismo e na ajuda aos mais pobres, muitas vezes foi um contrapeso poderoso a políticas econômicas ortodoxas que eram adotadas em casa”, analisa.

Fabio Zanini é jornalista, formado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA-USP, com mestrado em relações internacionais pela Universidade de Londres. No jornal Folha de São Paulo, é editor do caderno Poder, que trata de assuntos de política. Ainda no mesmo jornal, foi editor de Mundo, correspondente internacional (em Londres e Johannesburgo) e repórter de política em São Paulo e Brasília. É autor de *Euforia e Fracasso do Brasil Grande. Política Externa e Multinacionais* (São Paulo: Contexto, 2017).

Confira a entrevista.



IHU On-Line – O que o senhor compreende por “euforia do Governo Lula”? E no que consiste essa ideia de fracasso?

Fabio Zanini – Entendo a euforia como um período que, grosso modo, vai de 2003 a 2013, compreendendo, portanto, os dois governos

Lula¹ e parte do primeiro governo

¹ **Luiz Inácio Lula da Silva [Lula]** (1945): Trigésimo quinto presidente da República Federativa do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro

“A troca de Lula por Dilma e a saída de Amorim fizeram a política externa descer vários degraus na escala de prioridades do governo”

Dilma², em que uma série de fatores coincidentes criou um clima propício à expansão do Brasil. Os principais foram o ciclo favorável das commodities, que levou à expansão das exportações, a ambição de empresas brasileiras de se internacionalizar, um novo papel do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES de financiamento às vendas para outros países e, como catalisador disso tudo, um presidente com ideias ambiciosas ladeado por um chanceler com visão estratégica, como foi Celso Amorim³.

de 2011. É cofundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso), e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. É investigado na operação Lava Jato. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Dilma Rousseff** (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), presidente do Brasil de 2011 (primeiro mandato) até 31 de agosto de 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment movido contra ela. No dia 31 de agosto, o Senado Federal, por votação de 61 votos favoráveis ao impeachment e 20 contra, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio do impeachment foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Ricci intitulada *Os pacotes de Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder*, disponível em <http://bit.ly/2bLPiHK>. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. Em 2010, foi escolhida pelo PT para concorrer à eleição presidencial. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Celso Amorim** (1942): Celso Luiz Nunes Amorim é um diplomata brasileiro e ex-ministro da defesa. Ao longo de sua carreira, ocupou por duas vezes o cargo de ministro das Relações Ex-

O fracasso acompanha o desmontamento desse modelo, puxado por uma postura mais retraída do país. Isso também se deve a uma série de motivos que espelham quase que à perfeição o período anterior. Em desaceleração econômica brusca, que depois se transformou em recessão aguda, o Brasil teve que recalibrar suas prioridades. Torneiras de financiamento fecharam. A troca de Lula por Dilma e a saída de Amorim fizeram a política externa descer vários degraus na escala de prioridades do governo. Por fim, a Operação Lava Jato⁴ revelou relações promíscuas de empreiteiras com governos e colocou todos na defensiva.

IHU On-Line – Como compreender essa relação do Governo Lula com empreendedores da construção civil, do agronegócio e do setor petrolífero na

teriores do Brasil. Influenciado pelo trabalho de Ulysses Guimarães, filiou-se ao PMDB, mas não teve militância partidária. PT. Em 7 de outubro de 2009, David Rothkopf, um comentarista da revista estadunidense *Foreign Policy* indicou Amorim como “o melhor chanceler do mundo”. No dia 5 de março de 2015, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual da Paraíba. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Operação Lava Jato**: investigação em andamento pela Polícia Federal do Brasil, que deflagrou sua fase ostensiva em 17 de março de 2014, cumprindo mais de cem mandados de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e condução coercitiva, visando apurar um esquema de lavagem de dinheiro suspeito de movimentar mais de R\$ 10 bilhões, podendo ser superior a R\$ 40 bilhões, dos quais R\$ 10 bilhões em propinas. De acordo com investigações e delações recebidas pela força-tarefa da Lava Jato, estão envolvidos os maiores partidos do Brasil, como PP, PT, PMDB e PSDB, além de empresários e políticos de diversos partidos. A seção Notícias do Dia, do sítio do IHU, vem publicando textos e análises sobre os movimentos realizados em cada uma das fases da Operação, que ainda segue em andamento. Confira em ihu.unisinos.br/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

política externa?

Fabio Zanini – O presidente Lula, ao assumir em 2003, colocou a política externa como algo central. Raras vezes a diplomacia teve papel tão preponderante para um governo, chegando a ser algo que o definia política e ideologicamente. Como repórter da *Folha*, cobri a primeira viagem do presidente Lula ao exterior, em janeiro de 2003, para o Equador. Lembro dele dizendo numa entrevista que o Brasil precisava “desabrochar na América do Sul”. Ao longo de seu mandato, uma política externa ambiciosa tinha por objetivo reposicionar o Brasil como líder do Terceiro Mundo.

Vejo uma analogia interessante com a característica do próprio Lula, que surgiu na vida pública como um sindicalista. Como presidente, sua ambição era levar o Brasil a ser uma espécie de “líder sindical” das nações pobres junto às ricas. A expansão econômica e militar se tornou parte fundamental dessa estratégia. Lula e Amorim aplicaram com rigor os manuais tradicionais de projeção de poder, em que o necessário é uma mescla de influência “dura” (econômica e militar) com “suave” (a imagem do Brasil e sua influência como exemplo a ser seguido).

IHU On-Line – A relação do poder público com empresas da construção civil, do agronegócio e do setor petrolífero não é novidade e não tem origem apenas no governo Lula.

Como compreender essa relação de permissividade entre poder público e iniciativa privada ao longo da história política no Brasil?

Fabio Zanini – De fato, essa relação acompanha o Brasil desde a metade do século XX, pelo menos. No regime militar, houve ecos da estratégia que Lula implementou, sobretudo a partir do governo Geisel⁵. A primeira onda de internacionalização de empreiteiras, por exemplo, vem dessa época. A Odebrecht⁶, para citar a mais emblemática, era uma empresa especializada em tocar obras do “Brasil grande” e enxergou rapidamente que a expansão e a mudança de patamar passavam por cruzar fronteiras. Sua primeira grande obra no exterior, a hidrelétrica de Capanda, em Angola, é da virada dos anos 1970/80.

No governo Lula, há uma segunda expansão, bastante marcada pelo ativismo presidencial, como já mencionei. Penso que a permissividade vem de uma série de fragilidades institucionais que não cabem aqui detalhar. Mas destaco uma: a falta, por exemplo, de uma lei específica que puna a corrupção praticada por empresas no exterior, como os EUA têm o Foreign Corrupt Practices Act - FCPA.

⁵ **Ernesto Geisel** (1908-1996): ditador militar e político brasileiro. Foi adido militar no Uruguai, comandante da XI Região Militar em Brasília, chefe do gabinete militar da Presidência da República no governo Castelo Branco, ministro do Superior Tribunal Militar e presidente da Petrobras (1969-1973). Eleito presidente da República por um Colégio Eleitoral (1973), indicado pelos militares, tomou posse em 15 de março de 1974, como penúltimo ditador militar depois do golpe de 1964. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Organização Odebrecht**: é um conglomerado brasileiro de capital fechado que atua em diversas partes do mundo nas áreas de construção e engenharia, químicos e petroquímicos, energia, saneamento, entre outros. A empresa foi fundada pelo engenheiro pernambucano Norberto Odebrecht, no ano de 1944, em Salvador, no estado da Bahia, e atualmente está presente em 21 países distribuídos por todo o Continente Americano, na África, na Europa e no Oriente Médio. Envolvida em escândalos de corrupção, revelado pela Operação Lava Jato, tem seu principal executivo herdeiro do fundador, Marcelo Odebrecht, preso preventivamente. Em dezembro de 2016, o grupo Odebrecht (o que inclui a Braskem) admitiu o pagamento de propina a 12 países e centenas de políticos, e firmou com os Estados Unidos, Suíça e Brasil o maior acordo de leniência do mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Sérgio Buarque de Holanda⁷ é autor do célebre e controverso conceito de *homem cordial*⁸, aquele com dificuldade de separar os âmbitos estatais e privados/pessoais. Como o senhor compreende o conceito? É possível perceber esse conceito na política brasileira do nosso tempo?

Fabio Zanini – Sem dúvida. Estamos vendo isso diariamente nas acusações que têm vindo à tona na Operação Lava Jato. O homem público brasileiro continua com dificuldade de enxergar um limite entre o que é estatal e o que é privado. A cultura da propina, do favor, da nomeação do apadrinhado político permanece forte, apesar dos avanços das últimas décadas. Mudar essa tônica é um processo longo, que engloba educação, mudanças na lei eleitoral e criminal, reforma política, entre outros pontos.

“Lula e Amorim aplicaram com rigor os manuais tradicionais de projeção de poder”

IHU On-Line – Como compreender a lógica das multinacionais brasileiras? No que elas se diferem e se associam às multinacionais com origem em outros países?

Fabio Zanini – O Brasil historicamente teve uma imagem benigna no exterior, e isso acompanhou suas multinacionais. Os brasileiros, de forma geral, se destacam dos concorrentes de outros países favoravelmente. Os chineses na África, por exemplo, têm reputação de fazer obras rapidamente e a baixo custo, mas de má qualidade. Também importam seus próprios trabalhadores, que vivem de forma isolada do restante do país, o que provoca reações de antipatia, sobretudo em contextos de grande desemprego local. Americanos carregam a imagem de imperialismo que os acompanha inevitavelmente em qualquer parte do mundo, enquanto europeus, sobretudo na África, sofrem com os rancores mal resolvidos da época colonial. É bom lembrar que há meros 60 anos a grande maioria dos países africanos eram colônias.

No caso do Brasil, há uma boa vontade pela cultura das empresas de tentar integrar-se aos países hospedeiros. De forma geral, a reputação dos produtos e serviços oferecidos por empreiteiras como a Odebrecht, mineradoras como a Vale, além da Petrobras, continua inabalada. Mas, como eu mostro no livro, sinto que essa imagem corre riscos. Um sentimento contra o imperialismo brasileiro cresce em locais como o Peru. Populações afetadas por obras e projetos grandiosos já não veem com olhos tão benignos a presença brasileira. As recentes revelações de atos de corrupção empresarial brasileira provavelmente agravarão muito esse quadro.

IHU On-Line - Qual sua avaliação sobre a política externa brasileira e seus movimentos (ao longo de sua história) para se inscrever no cenário internacional?

⁷ **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outras obras, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Dr.^a Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento **IHU ideias**, de 22-8-2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e no dia 8-05-2003, a professora apresentou essa mesma obra no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à **IHU On-Line**, publicada na edição nº 58, de 5-5-2003, disponível em <http://bit.ly/152MP1v>. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da **IHU On-Line**, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/SMypxY>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ A Revista **IHU On-Line** número 498, de 28-11-2016, revisita a obra de Holanda e debate o conceito de *homem cordial*. Acesse em <http://bit.ly/2nDmdFE>. (Nota da **IHU On-Line**)

Fabio Zanini – A política externa brasileira é pendular. O Brasil, por seu tamanho e diversidade, tem dificuldade de se encaixar num único modelo de diplomacia. Temos vocação para sermos potência regional, mas também não é absurdo almejarmos um lugar mais privilegiado na mesa dos ricos. Por nossos laços históricos, estamos em posição também de aspirar o papel de líder do mundo subdesenvolvido. Ao mesmo tempo, dividimos com os EUA a responsabilidade sobre a manutenção da estabilidade na América Latina.

Por isso, o Brasil alterna momentos em que se aproxima, por exemplo, dos EUA e dos parceiros europeus e outros em que a ênfase é no chamado Sul Global (América Latina, África e Oriente Médio). O fato é que é difícil categorizar o Brasil, o que não é necessariamente ruim. Nossa tradição de política externa, dado esse cenário, sempre foi flexível, tolerante e pragmática.

IHU On-Line - O senhor avalia que, nos últimos anos, o Brasil usou a política externa como instrumento de política interna. Gostaria que explicasse mais essa perspectiva. Essa posição comprometeu o cenário interno?

Fabio Zanini – Em seu governo, Lula conseguiu a façanha de embarcar uma política externa de cunho mercantil e, portanto, capitalista, numa roupagem ideológica de esquerda. Isso foi possível por sua extrema habilidade política, dotes de negociador, pragmatismo, oratória poderosa e pela biografia que encantou o planeta e lhe deu a latitude necessária para levar a efeito esse experimento.

A política externa “de esquerda”, baseada no anti-imperialismo e na ajuda aos mais pobres, muitas vezes foi um contrapeso poderoso a políticas econômicas ortodoxas que eram adotadas em casa. Marcas bem-sucedidas do governo

petista, como o Bolsa Família, o microcrédito e as ações afirmativas foram exportadas com relativo sucesso. O apoio a governos controversos, como Venezuela e Cuba, serviu como amálgama da esquerda brasileira e deu a Lula cobertura política para executar suas políticas. Muitas e muitas vezes a postura com relação a Hugo Chávez⁹, por exemplo, fez parte do arsenal retórico do presidente contra a oposição tucana.

“O homem público brasileiro continua com dificuldade de enxergar um limite entre o que é estatal e o que é privado”

⁹ **Hugo Chávez Frías** (1954-2013): político e militar venezuelano, tendo sido o 56º presidente da Venezuela, governando por 14 anos desde 1999 até sua morte em 2013. Líder da Revolução Bolivariana, Chávez advogava a doutrina bolivarianista, promovendo o que denominava de socialismo do século XXI. Chávez foi também um crítico do neoliberalismo e da política externa dos Estados Unidos. Oficial militar de carreira, Chávez fundou o Movimento Quinta República, da esquerda política, depois de capitanear um golpe de estado malsucedido contra o governo de Carlos Andrés Pérez, em 1992. Chávez elegeu-se presidente em 1998, encerrando os 40 anos de vigência do Pacto de Punto Fijo (firmado em 31 de outubro de 1958, entre os três maiores partidos venezuelanos) com uma campanha centrada no combate à pobreza. Reelegeu-se, vencendo os pleitos de 2000 e 2006. Com suas políticas de inclusão social e transferência de renda obteve enorme popularidade em seu país. Durante a era Chávez, a pobreza entre os venezuelanos caiu de 49,4%, em 1999, para 27,8%, em 2010. No plano político interno, Chávez fundiu os vários partidos de esquerda no PSUV. Fortaleceu os movimentos e as organizações populares, estabelecendo uma forte aliança com as classes mais pobres. Nas várias eleições, realizadas ao longo de aproximadamente 15 anos, a oposição foi derrotada. Inconformados, os adversários de Chávez promoveram um golpe de Estado, no início de 2002, com apoio do governo dos Estados Unidos. Apesar de o governo norte-americano ter usado de sua influência para obter o reconhecimento imediato do novo governo, a comunidade internacional – inclusive o Brasil, então governado por Fernando Henrique Cardoso – condenou o golpe. Chávez acabou voltando ao poder três dias depois. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – O senhor esteve em países em que atuavam grandes empresas brasileiras que receberam incentivo estatal. O que traz dessa experiência?

Fabio Zanini – Vou dar o exemplo de Angola, que me parece o mais apropriado. Diversas empresas brasileiras receberam financiamento estatal (sobretudo, via BNDES) para realizar grandes obras. Uma delas, impressionante, é a usina hidrelétrica de Laúca, que eu visitei. Nesses países, houve também um momento de euforia e depois fracasso. Cada visita de Lula a um país africano sempre foi um evento comparável a recebermos aqui o presidente dos EUA. O Brasil é visto, até para surpresa minha, como uma potência em diversas partes do mundo. Muitas pessoas com quem eu conversava tinham dificuldade em acreditar que somos um país com bolsões de pobreza e profundamente desigual. E a chegada do presidente trazendo promessas de financiamento para obras, acompanhado de comitivas expressivas de grandes empresários, sempre teve impacto altamente favorável. Aliás, mesmo como ex-presidente isso se manteve intocado, até a Lava Jato começar. Quando a fonte seca, diversos governos sem capacidade de investimento ficam sem saber como dar sequência a projetos grandiosos.

IHU On-Line - Gostaria, ainda, que detalhasse sua experiência com países africanos. Como foi se relacionar com aquela realidade? Que narrativa se constrói do Brasil desde aqueles lugares?

Fabio Zanini – Tenho muita experiência na África. Já perdi as contas de quantas vezes estive por lá. Conheço 25 países. Passei seis meses viajando pelo continente em 2008, num período sabático que rendeu meu primeiro livro, *Pé na África* (São Paulo: Publifolha, 2009). O africano, em geral, gosta muito do Brasil. En-

xergam-nos como um país amigável, que pode fornecer ajuda econômica e humanitária sem a carga negativa que têm outras potências.

Vejo a relação com o Brasil em três estágios: o primeiro, talvez até os anos 70, tinha no brasileiro um povo irmão, tanto na cor da pele quanto na cultura e no futebol. É a época romântica. A segunda fase é a de ver o Brasil como um país forte economicamente. E a terceira, ainda incipiente, é a de perceber que os interesses dos brasileiros nem sempre coincidem com os dos africanos.

12 “Em seu governo, Lula conseguiu a façanha de embalar uma política externa de cunho mercantil e, portanto, capitalista, numa roupagem ideológica de esquerda”

IHU On-Line - Uma das fragilidades dos governos petistas foi, segundo alguns especialistas, apostar no desenvolvimento extremado, passando por cima de questões ambientais e apostando na inclusão pelo consumo. De que forma essas escolhas se manifestam na política internacional e, essencialmente, na relação com países mais pobres?

Fabio Zanini – Desenvolvimento foi o mantra dos anos Lula, e há de se

reconhecer que houve certo sucesso. No Brasil, a tensão com questões ambientais foi permanente, mesmo com o país tendo uma ministra de Meio Ambiente respeitada, como era Marina Silva¹⁰. Para ambientalistas, os anos Lula foram decepcionantes, e foi impossível competir com a formação de uma nova classe média e a expansão do agronegócio, por exemplo, na lista de prioridades. Na política externa, esse discurso se repetiu. A presença de questões ambientais no processo de internacionalização brasileira foi pífia.

IHU On-Line - Como avalia os movimentos do governo de Michel Temer¹¹ no cenário internacional?

Fabio Zanini – Ainda é cedo para ter um quadro geral, mas já se pode perceber uma ênfase voltada para a boa relação com o mundo rico, de acordo com o movimento pendular que descrevi. A maior ruptura foi a perda da “paciência estratégica” com a ala esquerdista de governos sul-americanos (sobretudo Venezuela), e uma tentativa de restabelecer a relação com a Argentina em bases econômicas mais equânimes.

Mas o fato é que esse é um governo frágil, que luta para se legitimar e se estabelecer politicamente, e não conseguiu ainda dar importância à política externa. Mesmo quando teve um chanceler considerado peso pesado na política interna, como foi José Serra¹²,

¹⁰ **Marina Silva** (1958): política brasileira, ambientalista e pedagoga. Foi senadora pelo estado do Acre durante 16 anos. Foi Ministra do Meio Ambiente no Governo Lula do seu início (1-1-2003) até 13 de maio de 2008. Também foi candidata à Presidência da República em 2010 pelo Partido Verde (PV), obtendo a terceira colocação entre nove candidatos. Também foi candidata à presidência em 2015 pelo PSB, depois da morte de Eduardo Campos. Marina era vice de Campos e acabou assumindo a chapa. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Michel Temer** [**Michel Miguel Elias Temer Lulia**](1940): político e advogado brasileiro, ex-presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). É o atual presidente do Brasil, após a deposição por impeachment da presidenta Dilma Rousseff naquilo que inúmeros setores nacionais e internacionais denunciam como golpe parlamentar. Foi deputado federal por seis legislaturas e presidente da Câmara dos Deputados por duas vezes. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **José Serra** (1942): é um economista e político

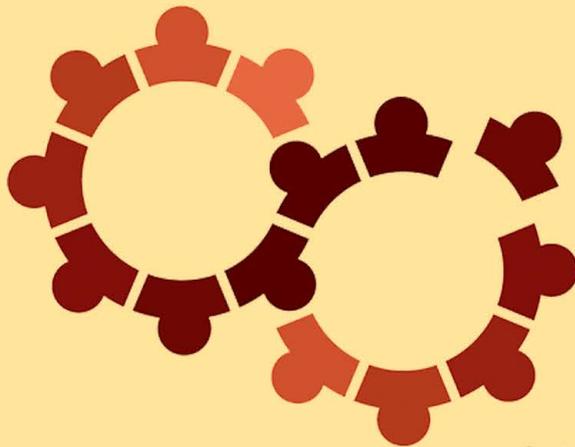
a pauta migrou muito para questões puramente comerciais, sem nenhum esboço de uma estratégia internacional comparável à que foi de Lula.

IHU On-Line - Como o senhor projeta o Brasil no cenário internacional nos próximos anos?

Fabio Zanini – A maior inserção do Brasil no mundo é inevitável. Também acredito que a internacionalização das empresas brasileiras é um movimento irrefreável, e que será retomado quando o país voltar a crescer. Com sorte, será um movimento sob novas regras de transparência e sem a promiscuidade que vem caracterizando a relação com o Brasil e outros países. Onde o Brasil estará vai depender muito de qual direção tomará o cenário internacional.

Se a vertente protecionista e nacionalista triunfar, seguindo os exemplos dos EUA e países europeus, dificilmente o Brasil escapará de aderir a uma atitude de fechamento de mercados e introspecção. Caso contrário, poderá ser visto cada vez mais como um garantidor de estabilidade e moderação. Em qualquer caso, não vejo o Brasil adotando práticas mais ambiciosas que seu tamanho e sua presença permitem, como ocorreu na era Lula. Os fatores que a tornaram capaz não retornarão mais. ■

brasileiro, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Foi titular do Ministério de Relações Exteriores no governo de Michel Temer até o início de 2017, quando voltou a ocupar sua cadeira no senado. Foi o trigésimo terceiro governador de São Paulo entre 1º de janeiro de 2007 a 2 de abril de 2010. Foi um dos fundadores da Ação Popular e foi presidente da União Nacional dos Estudantes. Após o golpe militar de 1964, refugiou-se em embaixadas de outros países. Mais tarde radicou-se no Chile, onde conheceu sua esposa, Mônica Serra, com quem tem dois filhos nascidos lá. Neste mesmo período fez mestrado em Economia pela Escola de Pós-Graduação em Economia da Universidade do Chile. Ficou no país até o golpe militar de 1973, quando foi para os Estados Unidos, onde concluiu um segundo mestrado e um doutorado na Universidade de Cornell. Após 14 anos exilado, Serra voltou ao Brasil e trabalhou na Unicamp até 1983, quando foi nomeado pelo governador Franco Montoro como secretário de Planejamento de São Paulo. Foi eleito deputado federal durante a Assembleia Constituinte de 1988. Foi senador pelo PSDB, ministro da Saúde e Planejamento no governo de Fernando Henrique Cardoso, prefeito de São Paulo, governador do estado e candidato a presidente em 2002 e 2010. (Nota **IHU On-Line**)



Curso em EAD



JESUITAS BRASIL

A CRISE DA SOCIEDADE SALARIAL:

QUE TRABALHO PARA QUE SOCIEDADE?

01 de maio a 02 de julho de 2017

Inscrições: 14 de março a 18 de abril de 2017

Coordenador: Prof. Dr. Cesar Sanson – UFRN / IHU

E-mail: cesarsanson@gmail.com

Carga horária: 60 horas

Local: Plataforma Moodle

13

Uma nova TV capturada pelo Vale do Silício e que alimenta o resto do mundo

João Ladeira analisa o streaming como outro momento da televisão e destaca como essa tecnologia é apreendida por países desenvolvidos, relegando aos demais uma periferia tecnológica e de conteúdo

Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos

A televisão surge e logo assume seu papel de protagonista nos meios de comunicação de massa. O modelo broadcast de TV aberta passa por certas crises de conteúdos e a segmentação parece surgir como verdadeiro mercado, tanto no sentido de tecnologia como de conteúdo. Entretanto, esse modelo, ainda apoiado no esquema broadcast, logo é substituído por uma tecnologia que não só muda o suporte, mas também as formas de produção de conteúdo. É a era da TV na internet, a TV por streaming. “O broadcast introduziu uma experiência centrada no espaço doméstico, em contraponto aos espetáculos públicos típicos do cinema. O streaming rompe com as barreiras a este território da casa, lidando com uma intensa capacidade de conexão, produzida a partir da associação invisível entre tablets/smartphones, televisores inteligentes, redes de fibra e cabo coaxial, conexões sem fio”, explica o professor João Ladeira, que tem se dedicado a refletir sobre essa “nova TV”.

Ladeira explica que “a renovação técnica da qual o streaming depende se assenta em tecnologias de informação intensamente concentradas em certas regiões”. Assim, como essas novas tecnologias estão centradas no Vale

do Silício, por exemplo, é da América do Norte que emerge o maior número de produções. “O Brasil, com suas dificuldades em tantos outros níveis, dificilmente vai conseguir acompanhar o mesmo ritmo”, pontua o professor, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ele, um dos tantos riscos que se corre no streaming é repetir a experiência da TV paga, onde se investe em tecnologia de tráfego, mas quase nada em geração de conteúdo. É assim que o Vale do Silício vai conseguindo “a façanha de transformar boa parte do mundo em sua periferia”.

João Martins Ladeira é professor auxiliar do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos. Possui doutorado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ, mestrado e graduação em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Pesquisador associado aos grupos Unisinos Tcav e Iesp Netsal, seus principais interesses de pesquisa são tecnologias da comunicação e informação, cultura visual, indústria cultural, imagem, indústrias criativas, globalização, teoria social. É autor de *Imitação do Excesso: Televisão, Streaming e o Brasil* (Rio de Janeiro: Folio Digital, 2016).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – No final do século XX, pesquisas apontavam que no Brasil havia mais aparelhos de TV que refrigeradores. Dados recentes mostram que o país tem cerca de 170 milhões de smartphones. Dentro deste con-

texto, como compreender a televisão no Brasil na atualidade?

João Martins Ladeira – Não é segredo para ninguém que a televisão – especificamente a televisão aberta – possui uma imensa presen-

ça no Brasil. Também é amplamente conhecido que, em nosso país, acesse-se internet de modo voraz, recorrendo a dispositivos móveis que se tornaram objetos cobiçados de consumo. Ambas as cifras indicam um imenso público voltado à imagem,

“O consumo de internet no Brasil aponta para um relacionamento com tal recurso repleto de incoerências”

às redes ou à associação de ambas. O que não significa que nossa apropriação destas duas facetas da indústria cultural contemporânea deixe de ocorrer de modo problemático.

Um exemplo talvez torne mais claro o que quero dizer. Uma das cenas mais impactantes de *Muito Além do Cidadão Kane*¹ é um corte abrupto, a certa altura do filme, entre uma publicidade brasileira de alimentos e uma matéria jornalística na qual se pergunta a um carregador se ele come a carne que transporta. O peso do “não”, na velocidade do corte no interior do documentário, indica uma tensão entre um mundo que se vê na tela da televisão e outro, típico da realidade.

Se foi assim com as mídias convencionais, por qual razão se poderia supor que, com os meios digitais, as coisas correriam de modo distinto? O consumo de internet no Brasil aponta para um relacionamento com tal recurso repleto de incoerências. Vemos imagens produzidas em diversas partes do mundo, e apenas uma fração delas possui relação com a nossa realidade. A capacidade de produzir audiovisual se expandiu enormemente, como se percebe, por exemplo, numa rápida olhada no catálogo do Netflix². De fato, há

produções brasileiras; mas qual a possibilidade, hoje, de produzir na escala que esta explosão de imagens demanda? Bem pouca, creio.

IHU On-Line – A expansão da TV no Brasil, a partir da década de 1970, deu-se por meio de um projeto autoritário dentro de um regime de exceção. Quais eram as estratégias políticas em jogo naquela época e quais são as atuais?

João Martins Ladeira – Numa das interpretações mais precisas sobre a televisão no Brasil, Renato Ortiz³, em *A Moderna Tradição Brasileira*⁴, indicou em que termos a consolidação deste meio tornou viável uma expectativa antiga, presente há tempos para aqueles que já pensavam a cultura brasileira: a necessidade de integrar o Brasil, de produzir um senso de unidade para uma população intensamente dispersa. Foi um projeto intensamente bem-sucedido, a despeito de suas múltiplas contradições, de seus limites intrínsecos, de seu caráter acríptico em

relação à modernidade e ao avanço técnico, do autoritarismo no interior do qual se deu.

Ao longo dos anos de 1980 e 1990, este projeto de modernização cede espaço a outro contexto, no qual diversas forças ganham a cena. O Brasil passa a absorver uma transformação técnica e cultural com a qual não pode lidar: a televisão segmentada, em franca expansão global, como parte de um processo de mundialização mais extenso. Os indispensáveis gastos em conteúdo e os investimentos em infraestrutura indicam um descompasso entre aquilo que aqui se pretende e o que efetivamente veio a ocorrer.

Ao sonho do “Brasil grande” se sucede a incerteza da crise posterior, um momento de insatisfação repleto de histórias de refluxo, inclusive na relação com as mídias, com a cultura. Globo e Abril se viram ambas frente a gigantescas dificuldades de levar adiante seus projetos. As operações de tráfego construídas por estes velhos envolvidos com a indústria cultural terminam vendidas para operações internacionais de telecomunicações, Telmex e Telefônica, respectivamente. As duas corporações adquirem importância como parte deste mesmo processo de globalização, através do qual em diversos países se privatizam as estruturas de telecomunicações, estas que se tornariam diretamente envolvidas com o audiovisual segmentado.

Entre estes velhos personagens com a indústria cultural, apenas a Globo conseguiria levar adiante satisfatoriamente o seu projeto de or-

1 **Muito Além do Cidadão Kane**: (Beyond Citizen Kane, no título original): é um documentário televisivo britânico de Simon Hartog exibido em 1993 pelo Channel 4, emissora pública do Reino Unido. O documentário mostra as relações entre a mídia e o poder do Brasil, focando na análise da figura de Roberto Marinho. Embora o documentário tenha sido censurado pela Justiça, a Record-TV comprou os direitos de transmissão exclusiva por 20 mil dólares do produtor John Ellis. (Nota do **IHU On-Line**)

2 **Netflix**: é uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming, atualmente com mais de 90 milhões de assinantes. Fundada em

1997 nos Estados Unidos, a empresa surgiu como um serviço de entrega de DVDs pelo correio. A expansão do streaming, disponível nos Estados Unidos a partir de 2007, começou pelo Canadá em 2010. Hoje, mais de 190 países têm acesso à plataforma. (Nota do **IHU On-Line**)

3 **Renato Ortiz** (1947): professor titular da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, tem graduação em Sociologia pela Université de Paris VIII e doutorado em Sociologia/Antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. Referência nos estudos sobre indústria cultural, modernidade e mundialização, Ortiz foi professor visitante e convidado em diversas instituições fora do país, como New York University, Notre Dame University (Indiana), Stanford University, Institut de l'Amérique Latine (Paris), Leiden University (Holanda) e Universidad de Buenos Aires. (Nota do **IHU On-Line**)

4 São Paulo: Brasiliense, 1988. (Nota do **IHU On-Line**)

denar conteúdo segmentado, permitindo perceber um vácuo gigantesco entre recursos de difusão desenvolvidos com razoável sofisticação e a escassez de imagens disponíveis. Trata-se da imitação de um excesso, presenciado alhures. Esta expansão podemos apenas observar como uma consequência entre outras de certo projeto de modernização pelo alto, falido em mais de um sentido. Seus resultados se sentem até hoje, com um campeão nacional que não desfruta a importância de outrora e outros envolvidos com porte reduzido, incapazes de afirmar uma tarefa que não podem cumprir.

“A televisão como a conhecíamos indicava limites que a apropriação pelas tecnologias digitais preza por eliminar”

IHU On-Line – Levando em conta a TV no Brasil nos dias atuais, estamos diante de que tipo de paradigmas? Por que não se trata, simplesmente, de uma progressão técnica?

João Martins Ladeira – Decerto, não se trata em absoluto de apenas uma renovação tecnológica. Refere-se a algo que ultrapassa em muito este caráter, seja no Brasil ou alhures. O audiovisual contemporâneo oferece a possibilidade de lidar com quantidades imensas de bens culturais, numa proporção e segmentação anteriormente difíceis de imaginar.

Autores importantes, como Baudrillard⁵, indicaram que um traço

essencial da modernidade se assenta na produção de cultura como um instrumento importante não apenas em termos de suas qualidades estéticas, mas como recursos aptos a circular, tornando palpável a extinção das barreiras que caracteriza este período histórico. Parte relevante deste processo, as imagens, por exemplo, vêm a se assentar não mais em sua habilidade de marcar determinados espaços em termos de uma distinção aristocrática inacessível para os indivíduos cujo acesso a estes elementos se encontra vetado. Podem até mesmo se justificar não apenas por sua capacidade de produzir pretensas representações da realidade dotadas de importância em termos restritos ao universo da arte.

Estes objetos se ordenam como gigantescos sistemas de bens, inter-relacionados de modo complexo, cuja importância se mede através de sua habilidade de trafegar sem limites, não mais restritos devido a razões místicas, religiosas ou cerimoniais. A modernidade se constitui como um momento complexo, no qual se vai apropriar a produção de representações. Estas imagens sempre importaram conforme se mostravam capazes de inserir neste fluxo, reduzindo a importância de qualquer tipo de valor de culto, de importância outorgada pela tradição, distante como se encontram de qualquer sacralização.

No que diz respeito aos recursos visuais construídos a partir de tecnologias elétricas, esta livre apropriação da imagem ganha uma dimensão difícil de superestimar. Aquilo que se mostrava importante para as artes visuais ou a fotografia se radicaliza com a televisão, mecanismo de difusão com importância essencial durante o século XX. De fato, nenhum instrumento se mostrou tão hábil em ilustrar claramente esta autonomia de trânsito. Porém, a televisão como a conhecíamos – as redes de broadcast restritas a fron-

teiras nacionais – indicava limites que a apropriação pelas tecnologias digitais preza por eliminar. O fluxo introduzido pela associação do audiovisual com o digital conduz este traço a outro patamar, numa dinâmica de expansão que não oferece sinais de esgotamento. É exatamente neste momento que entra em cena o streaming, como parte deste processo mais extenso, com o qual lida e, ao mesmo tempo, expande.

IHU On-Line – Avançamos no aspecto tecnológico, mas quais são os limites e possibilidades em termos de conteúdo?

João Martins Ladeira – Os limites mais claros, para o Brasil, referem-se a acompanhar esta expansão e diversificação da imagem não apenas como mero observador, se me permite o trocadilho. Este processo de ampliação não ocorre sem contradições. Na verdade, trata-se de um movimento intensamente desigual, como toda dinâmica de modernização. A nossa apropriação de técnicas depende de certa habilidade com que nos apropriamos de um cenário que a semiperiferia não controla e no qual não dispõe de margem muito ampla de interferência.

A renovação técnica da qual o streaming depende se assenta em tecnologias de informação intensamente concentradas em certas regiões. O Vale do Silício, com suas corporações já consolidadas, progressivamente importantes no que se refere à imagem – Google, Apple, entre outras –, além de novas operações, recém-surgidas, mas que dependem do mesmo ambiente – Netflix, Hulu, como exemplos –, conseguiu a façanha de transformar boa parte do mundo em sua periferia, ao menos quando se trata destas renovações.

Sei que este parece um argumento forte, mas basta olhar para o esforço de corporações de telecomunicações para acompanhar o passo desta mudança – Verizon, Comcast e AT&T, que merecem maior destaque – e o contexto fica mais claro. O mesmo ocorre com fabricantes de equi-

logo. Um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, é autor de vários livros entre os quais destacamos: *A troca impossível* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002), *A ilusão vital* (Civilização Brasileira, 2001) e *A sociedade do consumo* (Lisboa: Edições 70, 2000). (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ Jean Baudrillard (1929-2007): filósofo e soció-

pamentos, e um caso nítido está nas iniciativas da Sony, com o seu Playstation e a expectativa de atrelá-lo ao Vue. São esforços gigantes, que não encontram paralelo fora deste ambiente.

O Brasil, com suas dificuldades em tantos outros níveis, dificilmente vai conseguir acompanhar o mesmo ritmo, especialmente num momento como este de agora, de indecisão e incerteza em relação a tantas outras instâncias da sociedade. Iniciativas recentes em termos de políticas públicas são notáveis, mas, além disso, parece existir uma intensa incerteza por parte dos próprios empreendimentos de infraestrutura, por um lado, assim como de criadores de conteúdo, por outro, sobre como proceder.

“O Brasil, com suas dificuldades em tantos outros níveis, dificilmente vai conseguir acompanhar o mesmo ritmo”

IHU On-Line – Poderia explicar, basicamente, quais são as diferenças da TV que opera por broadcast e a TV que opera por streaming? Como esses modelos impactam nas subjetividades?

João Martins Ladeira – O broadcast introduziu uma experiência centrada no espaço doméstico, em contraponto aos espetáculos públicos típicos do cinema. O streaming rompe com as barreiras a este território da casa, lidando com uma intensa capacidade de conexão, produzida a partir da associação invisível entre tablets/smartphones, televisores inteligentes, redes de fibra e cabo coaxial, conexões sem fio. São

arquiteturas distintas, que afirmam lógicas variadas. Em velocidades progressivamente maiores, o on-line promete a todos que tudo estará disponível a qualquer hora em qualquer lugar. Decerto, a fantasia se mostra mais difícil de cumprir em certos casos que em outros. Contudo, importa mais como um horizonte sobre o que se pode esperar para este século.

O broadcast se mostrou um instrumento essencial para a constituição da massa, afirmando, na cultura, a tensão inexorável entre massificação e individualização. Realizou esta tarefa a partir de uma atenção a intervalos fixos de tempo, definidos por uma programação imutável. Neste senso de rotina e ordem, introduziu a experiência de um fluxo interminável de imagens, repetindo-se ciclicamente. Esta tarefa dependeu do caráter intensamente homogêneo de seu conteúdo, sempre guiado pela tentativa de ofender a menor quantidade possível de indivíduos. Este formato começou a se esfacelar com a expansão proporcionada pelo multicanal, radicalizando-se no streaming.

O resultado se torna outra relação com processos essenciais de uma subjetividade que se guia por uma expectativa de diferenciação. Os intermináveis acervos de conteúdo que se pode escolher com intensa liberdade, que se assiste “em qualquer hora, em qualquer lugar”, que se guiam por escolhas pessoais que nada devem a programadores afirmam sistematicamente um desejo contemporâneo de consagrar certa autonomia.

A partir desta ideia, ordena-se toda uma arquitetura para a imagem. Consequentemente, ativa-se sujeitos dispostos nesta malha moldável de opções, vasculhando-as, numa motivação que parte da justificativa de que o entretenimento acessado decorre de uma escolha pessoal, um ato livre de uma vontade autônoma. Não se trata mais das mesmas estratégias de docilização caras ao século XX, mas de outras, típicas ao contemporâneo.

IHU On-Line – De que forma a TV por broadcast opera na lógica disciplinar e a TV por streaming, na lógica do controle? Em termos sociológicos, quais impactos podem ser percebidos?

João Martins Ladeira – O diagrama do controle surge como um desenho que ativa traços anteriormente inviáveis dentro de uma ordem pautada pelas estratégias da disciplina. Estas redes ubíquas de comunicação funcionam como malhas no interior das quais operam estruturas possíveis de se adaptar aos gostos mais diversos. A diversidade de imagens toma parte nos esforços para permitir a qualquer um ser o que quiser, conforme disponha da autonomia para afirmar aquilo que gosta ou deixa de gostar.

A consequência mais clara desta diferenciação se torna certa segmentação, que, algumas vezes, tende à confusão. Quando se busca identificar alguma experiência coletiva compartilhada por todos, pessoas da minha idade sentem certa dificuldade na relação com gerações mais jovens. Digo certa, pois em sociedades com participação ainda duvidosa neste cenário, alguns traços da massificação pregressa parecem duros de ceder. Tente perguntar para alguém sobre o campeonato brasileiro de futebol e a resposta virá sem grandes dificuldades.

O mesmo não acontece quando se fala em filmes ou séries. Todos têm as suas preferidas, e alguns dos universos que se formam ao redor delas passa perto da incomunicabilidade. Rapidamente se descobre que *House of Cards*⁶ não faz muito sentido para fãs de *How I Met Your Mother*⁷ e

⁶ **House of Cards**: é uma série norte-americana de drama político criada por Beau Willimon para o serviço de streaming Netflix. Tem como protagonista Kevin Spacey, como Francis Underwood, um político ambicioso que almeja um alto cargo público em Washington, D.C. *House of Cards* é uma adaptação do romance homônimo escrito por Michael Dobbs e da minissérie britânica criada por Andrew Davies. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **How I Met Your Mother** (no Brasil, *How I Met Your Mother* ou *Como Eu Conheci Sua Mãe*): foi uma premiada sitcom estadunidense da CBS criada por Carter Bays e Craig Thomas. Estreou no dia 19 de setembro de 2005. A temporada 2013-14, sua nona edição, é a última, encerrando-se em 31 de março de 2014, após 208 episódios. A série

que muita gente nem ouviu falar em *Crisis in Six Scenes*⁸, embora Woody Allen⁹ não seja exatamente um novato desconhecido.

Converso com várias pessoas que não fazem ideia do que seja uma novela das oito, embora ainda se mostre difícil ignorar o peso que os programas de auditório e vespertinos de entrevistas possuem no dia a dia de boa parte da população brasileira. Mas opções baratas de entretenimento apresentam a chance de diversificação mesmo para aqueles que nunca tiveram recursos ou disposição para arcar com a televisão segmentada.

Esta mesma fragmentação ocorre, num outro exemplo, quando se fala sobre política. Ao se ultrapassar a barreira de gigantesca indiferença que muitas pessoas nutrem em relação a este tema, depara-se com um público voltado a fontes das mais idiossincráticas na produção de informações. O *Jornal Nacional*¹⁰ ainda retém importância, mas convive com várias opiniões, algumas delas disseminadas a partir de fontes não muito confiáveis. Neste universo de informação – ou, que sabe, de desinformação – existem oportunidades para se afirmar posições das mais particulares, ainda que – alguns dirão exatamente pelo fato de – várias delas não façam sentido ou sejam simplesmente mentiras. Neste terreno, a situação vai se tornar ainda mais aguda quando surgirem plataformas de streaming que imi-

tem práticas jornalísticas, mas – possivelmente – voltadas a visões muito particulares, algumas delas ausentes de responsabilidade.

Todos estes exemplos descrevem estratégias alinhadas com a tentativa de adestrar multiplicidades, típicas de um momento histórico pautado pelo diagrama do controle. Esta intensa variação de material procede não num lugar de liberdade, mas no interior de um ambiente fortemente administrado.

“O broadcast se mostrou um instrumento essencial para a constituição da massa”

IHU On-Line – Em termos políticos, considerando o caso brasileiro, como a atual configuração da TV no Brasil ajuda a explicar o assédio das empresas de telecomunicação em tentar limitar a Internet de banda larga fixa?

João Martins Ladeira – A discussão em torno das franquias despertou grande interesse, assim como outros debates que, no passado, alimentaram certa comoção, como aquele sobre o padrão para a televisão digital. Ambos eram certamente importantes, mas não centrais. Decerto, a preocupação com o possível aumento de cobranças em serviços que já são caros, além de ruins, surge como um problema para o consumidor. Mas eu chamaria a atenção para outros debates, como a tentativa da Ancine¹¹ em regular o streaming. O texto permaneceu em consulta pública entre dezembro de 2016 e março de 2017.

¹¹ **Agência Nacional do Cinema – Ancine:** é um órgão oficial do governo federal do Brasil, constituída como agência reguladora, com sede na cidade de Brasília, cujo objetivo é fomentar, regular e fiscalizar a indústria cinematográfica e videofotográfica nacional. (Nota da **IHU On-Line**)

Esta tentativa, que se justifica por adequar o on-line à Lei do SeAC, trata-se da primeira oportunidade para se criar alguma norma possível de administrar o streaming. Obviamente, encontra-se em pauta a obrigação tributária da ordem do dia: o pagamento do Condecine¹². Além disso, constroem-se regras que podem surgir já com cheiro de velho. O assim chamado serviço de “comunicação audiovisual sob demanda” (CAvD) se dividiria em dois blocos: os serviços que oferecem um acervo previamente delimitado ou que lidam com conteúdo produzido por usuários. Apenas os primeiros possuem obrigações em relação à produção brasileira.

Esta distinção parece absolutamente contingencial, baseada no que se conhece hoje da experiência limitada, cara ao Brasil, mas que não casa com as tendências que parecem guiar o streaming em ambientes mais maduros. Põe-se o Netflix num extremo e o YouTube no outro. O contexto, visto com mais calma, não é assim tão claro. Ignora-se o fato de que, talvez, uma distinção efetivamente importante resida em serviços que se apropriam de publicidade on-line ou que recorrem ou não a assinaturas.

Como enquadrar os multichannel networks neste cenário, ainda escassos no Brasil, mas um formato ligado à profissionalização de conteúdo nativo alhures? Se poderia incluir um produtor deste tipo no conteúdo “criado pelo usuário”, embora, ao seu redor, já se constitua todo um universo profissional? Por que razão não se deve atentar em termos de políticas públicas para este tipo de conteúdo? Ele é menos importante? Não seria interessante investir de nenhum modo em experiências com os assim chamados “youtubers”?

Elas não poderiam se transformar em oportunidades para as produ-

¹² **Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional – Condecine:** tributo brasileiro do tipo Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico, instituído pela Medida Provisória 2.228-1, em 6 de setembro de 2001 e cobrado efetivamente desde 2002. O produto da sua arrecadação compõe o Fundo Setorial do Audiovisual – FSA. (Nota da **IHU On-Line**)

mostra Ted Mosby em 2030 narrando aos seus filhos a história de como conheceu a mãe deles. (Nota da **IHU On-Line**)
⁸ **Crisis in Six Scenes:** é uma minissérie de televisão americana escrita e dirigida por Woody Allen para a Amazon Studios. Allen escreveu e dirigiu seis episódios para a série de meia hora, marcando a primeira vez que ele fez isso para a televisão. Está disponível exclusivamente na Amazon Video. A série é definida na década de 1960 durante os tempos turbulentos nos Estados Unidos. Uma família suburbana de classe média é visitada por um convidado (interpretado por Miley Cyrus) que transforma sua casa completamente de cabeça para baixo. (Nota da **IHU On-Line**)
⁹ **Woody Allen** (1935): nome artístico de Allan Stewart Königsberg, cineasta, roteirista, escritor, ator e músico americano. (Nota da **IHU On-Line**)
¹⁰ **Jornal Nacional:** telejornal brasileiro, produzido e exibido pela Rede Globo desde 1º de setembro de 1969. Exibido em horário noturno, a partir das 20h30, de segunda-feira a sábado, é o telejornal mais assistido e reconhecido do país, tendo, ao longo de sua existência, acumulado diversos prêmios. (Nota da **IHU On-Line**)

ções de TVs públicas, prensadas pelos baixos orçamentos, em busca por alternativas em termos de conteúdo que as permita ocupar algum espaço na rede? Qual a razão de uma universidade não investir na formação deste tipo de profissional voltado a conteúdo nativo? Para que se possa cogitar qualquer alternativa neste espírito, demanda-se espaço em serviços que vão surgindo fora do Brasil (gogo, Watchable), centrados unicamente neste tipo de material, e que cedo ou tarde – mais cedo do que tarde, espero – vão chegar aqui. Não se precisa resguardar espaço neles?

“Uma ‘efetiva democratização’ diz respeito a uma busca constante, e não uma receita que, depois de descoberta, bastaria tão somente repetir”

IHU On-Line – Quais os principais desafios para a democratização efetiva da comunicação no Brasil e como esse debate passa pelos processos relacionados às novas especificidades da TV no país?

João Martins Ladeira – Esta não é uma resposta fácil, especialmente devido ao fato de que uma

“efetiva democratização” diz respeito a uma busca constante, e não uma receita que, depois de descoberta, bastaria tão somente repetir. Questão relevante reside em compreender que, ao contrário da televisão segmentada brasileira, que no passado gastou rios de dinheiro com a aquisição de material estrangeiro, uma melhor opção seria produzir audiovisual. Um dos mistérios inexplicáveis em relação à nossa televisão paga sempre foi o descompasso entre a imensa atenção ao investimento em infraestrutura para tráfego e o escasso interesse na diversificação de conteúdo. Com o streaming, algo semelhante se repete, porém, de modo ainda mais grave: não passou e nem passará pela cabeça de ninguém a ideia de um Netflix brasileiro, uma estrutura de tráfego própria.

Qual o impasse para a criação de material novo? Um problema essencial se torna buscar fontes de financiamento para a criação deste conteúdo. Sempre tive dificuldades de entender por que as corporações de telecomunicações, no Brasil, não podem se envolver com a criação de audiovisual. Não poderiam elas se tornar relevantes para a criação de material voltado ao on-line, já que o nosso país não possui conglomerados de mídia aptos a gastar o necessário nestas atividades? Já não passou o tempo de abandonar a blindagem dos grupos de mídia convencionais?

Nos EUA, os criadores profissionais voltados a “conteúdo nativo” fazem parte de corporações como a Disney (no caso da Maker) ou a Warner (no que diz respeito à Machinima); receberam investimentos de operação de tecnologias de informação (como o Google) ou de firmas de capital de risco. Quem, no

Brasil, poderia cumprir um papel compatível com estes personagens, frente à nossa indústria cultural subdesenvolvida? As redes de broadcast? As produtoras voltadas a criação de alguns filmes, certos programas de televisão ou de anúncios publicitários? Responder a esta pergunta surge como tarefa essencial.

Audiovisual contemporâneo

O audiovisual contemporâneo se assenta na diversidade de oportunidades para afirmar visões de mundo diferenciadas. Pode-se apropriar nos termos mais variados as muitas posições que as pessoas sentem prazer em afirmar. O streaming permite uma diversificação que se mostrava difícil de ocorrer em outras instâncias. Não significa a reedição de fantasias passadas, imaginando que canais segmentados regionais de televisão representariam um sinônimo para a diversidade de conteúdo.

Porém, o que impede, por exemplo, a produção de novos serviços de jornalismo, a não ser uma certa carência de clareza sobre como estas tecnologias operam, além das dificuldades de financiamento recorrentes a uma indústria cultural em dificuldades difíceis de escapar? Este caso, um tema isolado entre outros vários, permitiria a circulação de novas visões de mundo num país profundamente incerto sobre seu próprio futuro, mas ansioso por novas direções. As questões em torno do tema vão se avolumando, e as complexidades em pauta apenas começaram a se mostrar. Enquanto elas não se tornam mais claras, vamos continuar assistindo a federações de futebol bloqueando transmissões de jogos dos times que ousam utilizar o streaming como uma alternativa, recorrendo a desculpas esfarrapadas sobre o credenciamento de profissionais...■



Bioma Caatinga: biodiversidade, riquezas e fragilidades

MS Rodrigo Castro – Aliança da Caatinga e a Associação Caatinga

25 de maio de 2017 (quinta-feira) 19h30 | Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros



Internet é uma máquina que potencializa minorias

Fábio Malini acredita que a rede proporciona uma diversificação de vozes, embora algumas plataformas e dispositivos incidam e tentem regular essa profusão

João Vitor Santos

Para o professor Fábio Malini, “as redes sociais digitais explodem uma série de possibilidades de modos de estar junto” e, com isso, reconfiguram uma série de relações. Um dos efeitos mais instantâneos é o de permitir que vozes possam se manifestar sem a necessidade de mediações. É o caso de determinadas classes que, até bem pouco tempo, precisavam de um agente aglutinador. “É a ideia de que, sem intermediários, é possível se indignar”, pontua. “Muitas vezes, não há mais a necessidade de um sindicato para produzir uma mobilização, não há necessidade de se pedir autorização para qualquer entidade para se indignar e realizar atos de rua no mundo”, explica.

Malini, que concedeu a entrevista à **IHU On-Line** através de mensagens de voz gravadas e enviadas pelo aplicativo WhatsApp, é enfático: “a internet é, sem dúvida, o dispositivo mais importante para as minorias”. Para ele, é pela lógica da rede que os movimentos passam a ser repensados. “Há uma ideia, que ainda veio da internet, de que a construção de

rede pode gerar uma produção de lideranças múltiplas e não mais uma única liderança”, diz. Entretanto, embora reconheça a internet como “uma máquina de produção de minorias”, o professor problematiza que “isso tem uma dimensão diferente quando essas vozes estão dentro de uma dinâmica comunicacional dependente de determinadas plataformas, como por exemplo o Facebook, que se baseia num processo de lógica algorítmica”.

Fábio Malini é professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. Coordena o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cultura – Labic/Ufes, onde desenvolve pesquisas sobre ciência de dados, movimentos sociais e redes sociais (com especialidade em coleta, processamento e visualização de megadados). Escreveu, em coautoria com Henrique Antoun, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, o livro *A internet e a Rua* (Porto Alegre: Sulina, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que forma de sociabilidade emerge com as redes sociais digitais?

Fábio Malini – As redes sociais digitais explodem uma série de possibilidades de modos de estar junto. Tem-se uma sociabilidade muito marcada pela lógica de coordenação das ações de rua através da própria

internet, a partir das redes sociais. Ou seja, tem um papel muito grande de coordenação de ação, seja ela uma mobilização social, uma partida de futebol ou uma ação cultural. A lógica dos perfis tem esse potencial.

Não é à toa que muitos movimentos surgem a partir da própria liberdade até de construção de lide-

rança na internet, que mobilizam e coordenam ações. É claro que essa sociabilidade fez com que os nossos encontros e ações no mundo real, no mundo *off-line*, fossem também acelerados. Então, além das tomadas de decisões aceleradas, as relações que são estabelecidas e os encontros que acontecem também são acelerados. Há uma dinâmica própria de

“As redes sociais digitais explodem uma série de possibilidades de modos de estar junto”

efemeridade que acontece nas redes sociais. Por exemplo: se pegarmos o campo da opinião, da maneira como as pessoas consomem informação, vamos notar que existe um conjunto de ações de consumo marcada pela efemeridade. Então, os grandes fatos sociais nascem, explodem de interações e duram pouco também.

Muitas vezes vemos situações políticas, como vimos agora a partir do escândalo da carne¹, em que o tema surge rapidamente e também se espalha muito rapidamente. Entretanto, é substituído por outro também de forma muito rápida. Temos aí uma dinâmica de aceleração própria da lógica das redes sociais porque ela é baseada na estrutura de cronologia inversa. Os temas atuais e mais novos preponderam em relação aos temas antigos. É isso que, de certa maneira, produz uma forma de vida, uma sociabilidade, também com base na celeridade.

IHU On-Line – Qual o papel dos robôs e dos perfis falsos que fazem circular informações nas redes sociais? Como influenciam a sociabilidade do ciberespaço?

Fábio Malini – A internet tem uma capacidade de também curto-circuitar um conjunto muito grande de processos que eram considerados

estáveis. Por exemplo, o processo de deliberação do voto tem uma lógica pautada na ideia de que cada pessoa vota e se posiciona sobre um candidato, uma marca. A internet vai explodir essa estabilidade, vai permitir que existam curtos-circuitos dentro dessa lógica para o bem e para o mal.

Por um dos lados, os robôs têm a característica de fazer com que um manancial de informações, o excesso de informação, seja sistematizado por processos de automação que lhe dê característica qualitativa em termos do uso e consumo da informação. Assim, a automação, o papel dos robôs no consumo da informação e também da produção da informação, vai se dar a partir de uma lógica curatorial. Os robôs têm esse papel de filtro do que há de interessante e, também, de produzir interações baseadas nesse filtro. Por exemplo: se determinada pessoa acompanhar os temas sobre mudanças nos processos genéticos humanos, os robôs, ou perfis criados – pois são perfis criados, embora considerados falsos – que produzem informação sobre esse tema que você gosta de estudar, vão trabalhar nesse sentido. Se ele identifica informações novas sobre o tema, ele republica também essas informações. Os *boots* vão ter uma característica muito grande de curadoria da informação on-line.

Claro, com o processo político, essa ideia de automação ganhou outra característica, de valorização de temas, ou melhor, de candidatos, de um certo tipo de circuito ideológico. Com isso, temos uma ação que se repete on-line, daquilo que já se

repete no mundo off-line, a ideia de uma claque de pessoas que aplaudem e bajulam continuamente, que produzem informações demagógicas continuamente como modo de inflar um candidato. E aí temos um perigo do ponto de vista democrático. Mas, ao mesmo tempo, esses robôs políticos e ideológicos também antecipam ações e pontos de vista daqueles candidatos ou políticos que lhe agradam. E faz com que os planos desses políticos também sejam vistos mais estrategicamente. É uma faca de dois gumes, pois, de um lado, infla o candidato, mas, de outro, antecipa estratégias que muitas vezes o candidato não faria com seus perfis pessoais.

Há, também, uma complexidade nisso tudo: os perfis de políticos não são muitas vezes produzidos por eles próprios, o que cria também um certo simulacro de performance e atuação dos políticos. No fim das contas, vamos percebendo que a internet também é um local muito ficcionado. E essa ficção vira um terreno para a construção de outros personagens, outras ações, em que o humor, sobretudo o humor crítico, se revela como uma das maiores potências da internet. Então, tem esse campo ficcional, e assim, como toda e qualquer ficção, do ponto de vista narrativo, o usuário pode errar. A ficção dá essa possibilidade de erro, e com isso a internet vira um espaço para a produção de narrativas das mais complexas, que passa pelos usuários reais, ficcionados, simulados, robôs, e tantas formas assim de se produzir informação.

¹ O entrevistado se refere à Operação Carne Fraca, desencadeada pela polícia federal em março de 2017. O IHU, na seção Notícias do Dia, no seu sítio, vem publicando uma série de análises e reflexões a partir da Operação, entre elas *A Operação Carne Fraca da Polícia Federal – cardápio indigesto*, reproduzido em 27-3-2017, disponível em <http://bit.ly/2oiChfH>. Leia mais em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Como compreender o ativismo em rede? O que o aproxima e o que o distancia das manifestações que tomam as ruas?

Fábio Malini – O ativismo em rede também faz parte de um desenvolvimento, como os próprios veículos e meios que foram se constituindo ao longo da história da internet. Nos anos 1990, por exemplo, o ativismo tinha uma característica muito forte da internet dos grupos, das comunidades virtuais, dos grupos de discussão, caracterizado muito mais como uma construção de espaços mais identitários, porque as comunidades são focadas em interesses comuns, ideologias comuns e práticas comuns. Assim, é período em que os grupos têm um papel importante e as relações entre eles acontece de maneira muito menor, em uma velocidade muito menor, porque as comunidades virtuais fazem com que haja um certo tipo de fragmentação social.

Com o papel e a entrada da *web* e, por consequência, o seu aprimoramento do ponto de vista técnico, com o surgimento de meios em que os usuários possam se conectar entre si, e não mais viver em ilhas comunitárias, o ativismo se multiplica e se intensifica no sentido de valorização dos discursos minoritários. As minorias passam a ter um papel muito importante de produzir atos de rua e esses atos podem se aglomerar, como aconteceu em Seattle (Estados Unidos), como também podem se realizar vários atos de maneira isolada. De qualquer forma, o ativismo foi também qualificado pela ação direta que a internet e as redes sociais possibilitaram. É a ideia de que, sem intermediários, é possível se indignar. Não há mais, muitas vezes, a necessidade de um sindicato para produzir uma mobilização, não há necessidade de se pedir autorização para qualquer entidade para se indignar e realizar atos de rua no mundo.

Então, isso tem uma implicação, que também é uma diversificação e intensificação dos movimentos, tam-

bém de uma estrutura comunicativa, que faz chegar a um conjunto mais diversificado de pessoas a suas lutas. Isso acaba explodindo falas que estavam silenciadas. Existe uma relação muito intensa com as ruas nesse sentido, porque a internet possibilita a produção de minorias continuamente na rua.

Mutações no ativismo

Também mudou muita coisa no ativismo. Há uma ideia, que veio da internet, de que a construção de rede pode gerar uma produção de lideranças múltiplas e não mais uma única, como era a liderança verticalizada nos movimentos de massa. É uma multiplicidade de lideranças para também responder a esse conjunto interacional que a sociedade em rede produz.

E há, ainda, modelos muito diversificados na construção de lideranças. Ou seja, há modelos de comando com poucas lideranças produzindo a lógica de rede, há movimentos numa lógica mais distribuída de comando, de maneira que as lideranças acontecem *ad hoc*. É uma diversidade muito grande de possibilidades de construção ativista em que a própria internet não é só espaço de distribuição de informações e de ações do ativismo que vai acontecer na rua, mas é também a produção ativista, onde acontecem atos propriamente ditos. É o caso, por exemplo, de vários movimentos *hackers*.

A internet possibilitou, também, que a relação se tornasse mais intensa, e o conflito com as instâncias de poder também passou a se dar de formas mais aceleradas. O poder e suas estruturas, sobretudo do Estado, tiveram que responder, e a aprender a responder, às demandas sociais de maneira mais acelerada. Afinal, hoje, fazer movimento é algo que também acontece de forma mais veloz. Monta-se rapidamente um grupo no WhatsApp e de lá se levantam os recursos necessários para ir ao ato; assim, os atos são organizados dentro do aplicativo. Dentro dos grupos de discussão do Facebook, as páginas começam a mobilizar e

convocar. Quando o ato acontece, já tem o *streaming*, que mostra o que as pessoas estão pensando sobre o ato enquanto ele vai acontecendo. E, enfim, tem o pós-ato.

Todas essas dimensões comunicacionais acabam gerando no espaço público novas razões, novas agendas, que contaminam também as pessoas na rede, de forma que possibilita o aumento da qualidade da mentalidade pública sobre determinada agenda.

IHU On-Line – Recentemente, o senhor analisou as manifestações de familiares de policiais militares no Espírito Santo² no ciberespaço e também vivenciou toda a paralisação da PM. Que nexos podemos estabelecer entre o que ocorria em redes sociais e nas ruas de Vitória?

Fábio Malini – No caso da paralisação da polícia militar do Espírito Santo, existe uma outra dimensão a ser explorada nessa relação internet e rua, que tem a ver com a construção da ideia do medo. O medo é um dos elementos mais valorizados dos meios de comunicação de massa, sobretudo da televisão – é a fabricação do medo, principalmente no campo do jornalismo. O jornalismo dos últimos 20 anos tem dado ao noticiário um tom maior para aqueles fatos relacionados a homicídios e acidentes de trânsito. Essa fabricação contínua do medo produz no imaginário coletivo a necessidade contínua de segurança. E essa segurança se traduz, muitas vezes, numa blindagem residencial. Vai desde o aumento dos muros das casas, passando pelos sistemas de vigilância com câmeras por toda a cidade, até a construção de territórios de segregação, e que são necessários reprimir, sobretudo as periferias das cidades.

Então, essa fabricação do medo é uma das principais metas da cons-

2 A análise do entrevistado está contemplada na entrevista *Espírito Santo: o modelo de uma tragédia brasileira*, concedida ao IHU e publicada nas Notícias do Dia de 14-2-2017, disponível em <http://bit.ly/2o9qhAd>. (Nota da **IHU On-Line**)

trução da comunicação de massa em sua história, mas isso se radicalizou nos últimos anos. A internet não fica fora disso. Embora ela satirize, deboche, escrache essa sociedade do risco que o telejornalismo impõe, a internet também reflete essas instâncias mediadoras que estão fora dela. É a mediação feita do medo do outro. Medo do outro, como diz o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro³, marca o homem moderno. Daí a necessidade desse homem em construir um ente fora dele, o Estado, para mediar esse medo que tem do outro.

Nesse sentido, quando os policiais militares no Espírito Santo saem das ruas, a internet é tomada, no seu primeiro momento, por um conjunto de boatos que reforçam o medo social. Esses boatos produzem, imediatamente, um aprisionamento domiciliar das pessoas, e esse aprisionamento produz também divulgações de situações de risco de violência que a população passa por não haver força policial. Passa a se dar, também, uma reivindicação por uma força policial mais agressiva, a saber: o Exército, para policiar as regiões, em especial as mais ricas, onde um crime contra a propriedade é mais recorrente, enquanto o crime contra a vida, sobretudo nas periferias, é negligenciado.

Essa hierarquização informacional, o boato e o surgimento dele, deriva também de um conjunto de sujeitos sociais que reivindicam que a temática dessa segurança baseada no aprisionamento e na vigilância possa se manter na realidade social. Podemos ler o boato, muitas vezes, apenas como uma situação perversa de

alguns para produzir o medo no outro. Entretanto, ainda tem esse fundo de acolhimento das pessoas em função de que elas próprias, sobretudo aquelas que vivem nas classes mais altas da sociedade, estão presas a um modelo social que, para garantir seus privilégios, produzem esse efeito colateral nelas próprias - que é viver continuamente sob a ideia do risco e a vigência do medo.

“No fim das contas, vamos percebendo que a internet também é um local muito ficcionado”

IHU On-Line – No que a experiência das manifestações de PMs e seus familiares no Espírito Santo se associa e se dissocia de movimentos como #VemPraRua e #ContraTarifa⁴?

Fábio Malini – São movimentos bastante distintos. Existe toda uma cultura de exploração do medo, da circulação do medo como um processo de tensionamento social para gerar emoção política na rede a partir desse imaginário coletivo baseado no receio da violência. É algo frequentemente ligado ao pavor das pessoas de classe média com relação ao saque de seus bens, à proteção de seus filhos. Mas tem também o elemento comum, que é o fato da utilização do dispositivo de rede como um modo de construção de

uma multidão para se produzir uma ação coletiva nas ruas.

O #VemPraRua, assim como #ContraTarifa, tem a dimensão da construção de um lastro social baseado na produção de direitos. Tem relação com a criação de uma outra mentalidade coletiva, de uma outra mentalidade pública, que institua uma nova agenda social, no caso, passe livre e redução da tarifa do transporte público; ou seja, está num plano de construção política de direitos.

No caso da produção política que acontece em função da greve dos PMs, existe uma exploração do medo na internet, nas redes sociais. Isso é muito curioso porque se reprime a construção do direito a partir da geração do pavor, do medo nas pessoas. Então, enquanto o #VemPraRua e tantos outros movimentos constroem uma relação mais de solidariedade, de produção de novas mentalidades políticas, no caso do Espírito Santo isso não ocorre. É como se um movimento se baseasse no amor e o outro, no pavor.

IHU On-Line – Como se dá o uso de redes sociais digitais pela população das periferias?

Fábio Malini – De fato, temos também um certo tipo de exclusão digital a reduzir. Ainda há uma dívida digital, no sentido do uso pleno das tecnologias, e não apenas numa lógica de consumo, num acesso de download em que todos precisam de internet para baixar música. É preciso também uma perspectiva da produção de conteúdo, para que todos possam ser perfis e possam fazer críticas, produções e construções de ambientes multimídia, de tecnologias e de plataformas, ambientes. Toda essa cultura da programação, da produção, também é uma dimensão central em que a dívida digital não contempla um amplo espectro de sujeitos sociais produzindo.

As periferias das cidades sofrem também de certo tipo de segregação de banda, do ponto de vista de internet, que tem a ver com o fato de que

³ **Eduardo Viveiros de Castro** (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista *O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife* à edição 161 da **IHU On-Line**, de 24-10-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon161>.³ Entre outras publicações, escreveu *Arawete: O Povo do Ipixuna* (São Paulo: CEDI, 1992), *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2002) e *Métaphysiques canibales. Lignes d'anthropologie post-structurale* (Paris: Presses Universitaires de France, 2009). Ele também é autor do prefácio do livro *A Queda Do Céu - Palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras, 2015). Confira um trecho da obra em <http://bit.ly/1Q0Fg5u>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ São movimentos que ganharam notoriedade nas jornadas de junho de 2013. O IHU vem publicando uma série de reflexões sobre os movimentos. Entre elas, *#VEMpraRUA: Outono Brasileiro? Leituras, Cadernos IHU ideias* nº 191, que reúne a análise de diversos professores e pesquisadores, disponível em <http://bit.ly/1NDdpKa>. Leia mais sobre os movimentos em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

parte da banda larga proporcionada do ponto de vista do consumo é ofertada a regiões centrais, regiões de mercado de consumo elevado. Então, tem uma dívida que passa pela infraestrutura tecnológica excludente que nós temos, tanto de um ponto de vista litoral x interior, como do ponto de vista das regiões centrais da cidade para com as periferias.

Mas essa dinâmica, de certa forma, é atravessada por curtos-circuitos que a própria população mais pobre produz. É o aparecimento do “gato net” e de uma série de práticas sociais que vai, muitas vezes na clandestinidade, trazer a internet. Claro que também com a popularização da telefonia móvel, embora ela seja restrita à lógica do pré-pago, à lógica dos pacotes, vai se popularizando a internet para aquele sujeito que tem acesso a partir do celular. Hoje, o Facebook, por exemplo, tem uma parcela significativa de acessos que são feitos pelo celular. Há uma dinâmica, que é *underground*, que também faz com que essa dívida digital seja, de certa maneira, reduzida a uma dinâmica de mercado, a qual, obviamente, é parcial do ponto de vista do direito à comunicação.

IHU On-Line – Como as redes políticas se constituem dentro de determinados grupos? E o que são e como interpretar o que o senhor chama de *betamovimentos* dentro dessas redes?

Fábio Malini – Os movimentos são seres em movimento. Ou seja, existe dentro deles uma certa auto-dinamização baseada também nos conflitos que eles carregam, tanto em relação aos seus antagonistas como também no que diz respeito a suas relações internas conflituosas derivadas da diversidade de sujeitos sociais que os compõem. Esse campo de tensão, que é a própria característica da dinâmica dos movimentos sociais que se baseiam na rede e na rua, faz com que os movimentos nunca estejam fechados. São movimentos abertos no sentido de incorporação de

agendas permanentes que amplificam ou qualificam aquelas pautas sociais que carregam. Por isso chamo de *betamovimento*, inspirado na discussão da própria ideia do que é internet.

Eu me refiro a essa internet participativa 2.0, que se caracteriza também como uma internet continuamente em transformação, porque os serviços tecnológicos que são disponibilizados são sempre *beta*, são serviços que sempre funcionam continuamente *update*, como são os aplicativos. Eles são instalados nos nossos celulares, mas há continuamente atualizações que os melhoram. Esse modo de performar nas ruas, quando ativadas pelas redes, traz também a cultura dessa nova internet, de contínua atualização, de ser aberta, de ser extremamente participativa, e isso cria uma nova qualidade nos movimentos sociais, que tem a ver por eles serem continuamente mutantes. Claro que a característica do ser contemporâneo, ou mesmo moderno, tem a ver com o fato de eles serem seres em movimento. Parece que a internet casa muito bem com as dinâmicas manifestadas pela inteligência coletiva da rede e das ruas.

“A internet possibilita a produção de minorias continuamente na rua”

IHU On-Line – Como compreender as chamadas bolhas das redes sociais, especialmente Facebook, desde a articulação entre os seus integrantes até a conexão com outras bolhas?

Fábio Malini – As bolhas são, na verdade, movimentos concretos das

nossas opções de dar atenção a um conjunto de sujeitos; o que faz com a gente fique preso a esse conjunto de sujeitos, sejam páginas ou pessoas. Mas, ao mesmo tempo, essa relação de circunvizinhança que o Facebook produz, de o algoritmo marcar como relevante aqueles que são nossos vizinhos, nossos mais próximos, e esses mais próximos serem uma eleição definida pelos nossos rastros baseados em *likes*, comentários e compartilhamentos, é contrabalançada por outras dimensões. Quando um determinado conteúdo consegue entrar nessa heterogeneidade das bolhas ideológicas, passa também a ter uma força muito maior de mobilização.

É sempre uma faca de dois gumes, é sempre ambígua a questão da bolha. Por um lado, fecha o sujeito dentro de suas dimensões ideológicas, mas, por outro lado, quando essa dimensão é contaminada por outros, ganha um certo tipo de relevância grande. É óbvio também que há outros dispositivos – Twitter, Instagram, Snapchat, blogs – que também têm características em suas interfaces que permitem outros tipos de uso. No final das contas, essa super, hiperinflação informacional produz uma dieta de mídia que faz com que os assuntos do momento sejam uma construção cada vez mais coletiva do que determinada por um conjunto de editores. Isso modifica a forma como as minorias *performam* e definem suas pautas, na medida em que elas podem performar em diferentes lugares, criando assim uma relação de presença nas suas pautas que, até então, não conseguiam ter.

IHU On-Line – As redes sociais digitais diversificam vozes e perspectivas ou apenas propiciam a formação de bolhas?

Fábio Malini – Sem dúvida alguma, diversificam vozes. A internet é uma máquina de produção de minorias. Ela cria essa possibilidade de concessão de comunidades que se baseiam em interesses próprios,

e isso cria uma dinâmica de implicação de um conjunto de públicos que se baseiam também numa lógica identitária. Baseia-se, ainda, numa perspectiva de difusão de vozes minoritárias. A internet é, sem dúvida, o dispositivo mais importante para as minorias, embora obviamente a radiodifusão tenha a característica de que uma única mensagem chega a muitas pessoas, e por isso as minorias também adotam como estratégia ocupar o espaço da radiodifusão. No entanto a internet acaba se tornando também um meio com custo muito baixo para a produção de notícias

que explicitam as diferenças políticas, culturais e sociais de um conjunto ou de uma população pequena ou mesmo grande. E isso implica novos tipos de política.

As novas pautas políticas, as novas pautas sociais passam por uma atualização que acontece muito em função dessa participação pública das minorias que difundem, se articulam e coordenam ações pela internet. É claro que isso tem uma dimensão diferente quando essas vozes estão dentro de uma dinâmica comunicacional dependente de determina-

das plataformas, como por exemplo o Facebook, o qual se baseia num processo de lógica algorítmica que valoriza aquilo que é produto de uma relevância dada pelos usuários a partir de sua movimentação, que se dá através de *likes*, compartilhamentos, e processos de seguir determinadas pessoas ou não. Então, essa algoritmização da escolha baseada na lógica da relevância produz um certo tipo de tautologia em que nós ficamos presos a nossas bolhas ideológicas. Mas, de certa forma, a vida é marcada por essa característica. ■

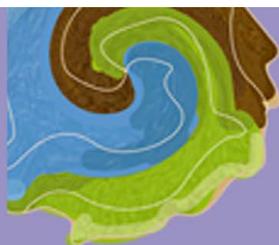
Leia mais

- **Espírito Santo: o modelo de uma tragédia brasileira.** Entrevista Especial com Fábio Malini, publicada nas Notícias do Dia de 14-2-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2o9qhAd>.

- **“Quanto mais democracia, mais desenvolvimento”.** Entrevista especial com Fábio Malini, publicada nas Notícias do Dia de 8-2-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2oenWEw>.

- **As manifestações de 13/15 de março e a artificialização das redes sociais.** Entrevista especial com Fábio Malini, publicada nas Notícias do Dia de 15-3-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2nOXUX9>.

- **Mídia Ninja. “A disputa pelo poder midiático”.** Entrevista especial com Fábio Malini, publicada nas Notícias do Dia de 10-7-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2mSzYTB>.



Ciclo de Estudos em EAD

OS BIOMAS BRASILEIROS
E A TEIA DA VIDA

24 de abril a 09 de junho de 2017

Prof. MS Gilberto Antonio Faggion – Unisinos

Plataforma Moodle



Redes sociais querem se transformar em currais do trabalho imaterial

Henrique Antoun chama atenção para o tipo de trabalho gerado a partir das redes, que pode dar liberdade, mas que a todo instante tenta ser cooptado pela lógica do capital

Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos

No meio do expediente, exaurido do trabalho, você abre o Facebook, checa as mensagens do WhatsApp para relaxar. Mas sabia que nessas ações você continua vendendo sua força de trabalho? O professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Henrique Antoun, destaca esse ponto que parece imperceptível para a maioria dos usuários. “Estamos, de fato, trabalhando todo o tempo que permanecemos nas redes sociais. As redes são consideradas o chão de fábrica do trabalho imaterial nas metrópoles”, aponta. Ele explica que a rede é capaz de cooptar nosso trabalho e não somente o que produzimos nela como músicas, imagens, texto, etc. Através de “nossos compartilhamentos, nossas colaborações e nossos rastros, somos operados, abduzidos, recortados, distribuídos pelos dispositivos de controle do biopoder”.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Antoun reconhece que essa perspectiva das redes concebe um trabalho imaterial que faz emergir a autonomia na produção colaborativa dos coletivos e a infindável colaboração em rede. Entretanto, “o capital investe a sedução monetária corrompedora

dacoopção, da fama, do sucesso, do comando para quebrar a integridade colaborativa, ao mesmo tempo que desregulam os territórios sociais criando gigantescos desníveis de proteção e justiça”. Por isso, considera que “as redes sociais querem se transformar em megafazendas, gigantescos currais que capturem todo este trabalho”.

Henrique Antoun é graduado em Desenho Industrial pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, possui mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, com estágio doutoral em Sociologia da Comunicação pela Université de Paris V e pós-doutorado no McLuhan Program in Culture and Technology da Universidade de Toronto. Atualmente é professor da UFRJ. Atualmente coordena o Cibercult – laboratório de comunicação distribuída e transformação política na Escola de Comunicação da UFRJ. Juntamente com Fábio Malini, é autor de *A internet e a Rua* (Porto Alegre: Sulina, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a identidade de si emerge no contexto das redes sociais?

Henrique Antoun – Não é propriamente uma “identidade”. Nas redes sociais, estamos *dividuados* nos perfis. Somos diferentes amostras repartidas em um sem número de bancos de dados. E os perfis são definidos pela mineração de dados

e por agentes de rede que operam o *big data*¹ que é gerado por nossas produções e por nossos rastros. Na medida que o *big data* dos perfis é operado pela rede, os perfis vão se

definindo junto dos algoritmos que decidem o que veremos, com quem falaremos, quem estará em nossa proximidade e quem ficará distante. A mineração, os agentes e os algoritmos constituem os dispositivos de um biopoder que operam aqueles que penetram as redes.

Entretanto, por mais que nos apontem como *flaneurs*, ou como *dândis*,

¹ **Big Data:** (“megadados” em português), em tecnologia da informação, refere-se a um grande armazenamento de dados e maior velocidade. Diz-se que o Big Data se baseia em 5 “V”: velocidade, volume, variedade, veracidade e valor. (Nota da **IHU On-Line**)

“A mineração, os agentes e os algoritmos constituem os dispositivos de um biopoder que operam aqueles que penetram as redes”

que atribuem à nossa presença na rede um vagar gratuito em um espaço sem direção, estamos, de fato, trabalhando todo o tempo que permanecemos nas redes sociais. As redes são consideradas o chão de fábrica do trabalho imaterial² nas metrópoles. Ao mesmo tempo que produzimos com nossos programas, nossos aplicativos, nossos textos, nossas imagens, nossos audiovisuais, nossas músicas, nossas invenções, nossos compartilhamentos, nossas colaborações e nossos rastros, somos operados, abduzidos, recortados, distribuídos pelos dispositivos de controle do biopoder.

IHU On-Line – Até que ponto a construção de si, nos espaços web, é definida pelo determinismo tecnológico e até que ponto é definida pelo próprio sujeito?

Henrique Antoun – A construção de si exige que nos cuidemos e nos governemos. Na medida em que o trabalhador imaterial pertence a alguma classe de renda e oferece seus serviços como um produto ele é um precário à margem das leis trabalhistas que funciona por “trampas” ou adesão a projetos. Seu serviço especializado - seja ele afetivo,

simbólico ou de criação - forma um mercado colaborativo ou cooperativo que é negociado sem cessar pela ativa corrupção dos dispositivos de controle. As técnicas de rede se aliam a outros aparatos técnicos midiáticos para fazer valer um biopoder que exprime a subsunção do real ao capital. O proplado determinismo tecnológico mede de fato o grau de eficácia da captura do trabalho vivo pelos meios de produção.

Ora, mesmo que as técnicas do biopoder, do poder pastoral de controle, façam valer a exploração do trabalho submetendo as subjetivações, nada impede que o trabalho possa gerar uma técnica de governo de si que as desvie da dominação e transforme estes que se deixam operar por elas em coisas com um alto grau de indeterminação. Se historicamente as tecnologias fazem o sujeito aparecer como o produto passivo das técnicas de dominação histórica, cultural e psicológica, uma avaliação genealógica que se pergunte pelas condições e indefinidas possibilidades de transformação do sujeito poderá encontrar técnicas de si historicamente constituídas geradoras de uma relação consigo em um sujeito. Estas técnicas de si vão se compor com as técnicas de dominação fazendo o sujeito emergir no entrecruzamento de uma técnica de dominação do biopoder com uma técnica de si biopolítica.

IHU On-Line – Que jogos de (bio)poder estão implicados nestas dinâmicas?

Henrique Antoun – Os atuais dispositivos comunicacionais de

controle empreendem uma ativa captura do trabalho, gerando funestos desejos de propriedade, riqueza, segurança que vão determinar submissões e colaborações com o capital, subjetivações que aceitam as disputas por exclusão e os territórios de eliminação social como parte do jogo da lei metropolitana. Ao mesmo tempo em que o trabalho imaterial faz valer sua autonomia na produção colaborativa dos coletivos e na ilimitada cooperação das redes, o capital investe a sedução monetária corrompedora da cooptação, da fama, do sucesso, do comando para quebrar a integridade colaborativa, ao mesmo tempo que desregulam os territórios sociais criando gigantescos desníveis de proteção e justiça, gerando fortes demandas de segurança para a saúde e para o convívio social.

A ameaçadora propagação das doenças e as ameaçadoras violências no território da metrópole tornam a eliminação da pobreza como fator de risco uma demanda onipresente politicamente. A comunicação distribuída em rede interativa, entretanto, permite a geração de técnicas de si nascidas da colaboração e da cooperação que produzem as novas subjetivações. Estas inventam canais que permitem vazar a informação oculta dos governos, revelando suas verdades, operam pelo anonimato o desvio da atenção do público, lançando luz nas operações que buscam a obscuridade para serem processadas; e ocupam espaços públicos transformando-os em gigantescos acampamentos de transformação cultural e política.

² **Trabalho Imaterial:** conceito aplicado na linha do pensamento de Negri e Lazzarato. São aquelas atividades que possuem como conteúdo principal a comunicação, a cooperação, o conhecimento e o saber. Leia mais sobre o conceito em *Capitalismo cognitivo e trabalho imaterial*. Entrevista com Maurizio Lazzarato, publicada em Notícias do Dia, de 6-12-2006, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1LejOsv>; *As Revoluções do Capitalismo. Um novo livro de Maurizio Lazzarato*. Reportagem publicada em Notícias do Dia, de 6-12-2006, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1GXuMlq>. Mais reflexões sobre o conceito estão disponíveis em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – De que maneira as tecnologias de produção e divulgação de conteúdo web, muito impulsionadas pela produção individual, acabam produzindo uma espécie de panóptico³ digital capaz de capturar a maior parte da vida em sociedade?

Henrique Antoun – A vida capturada nas redes sociais está de fato no chão de fábrica da produção empreendida pelo trabalho imaterial. Não fossem as redes e a metrópole, o trabalhador imaterial jamais teria consciência de sua potência e de seu valor. As redes sociais, entretanto, querem se transformar em megafazendas, gigantescos currais que capturem todo este trabalho. E, para evitar que haja defecção, geram filtros que distribuem e recorram os perfis de modo a gerar uma pequena bolha de conforto para cada um habitar.

Ao contrário de um panóptico que dá plena visibilidade ao olhar do poder para os corpos distribuídos nas celas da prisão, esses algoritmos derivados da mineração dos agentes no *big data* tornam a plena visibilidade impossível. A cada operação o território da visibilidade se modifica e o efeito global se transforma. Mesmo porque outros agentes invadem este espaço em busca de efeitos globais dentro desta gigantesca segmentação móvel que se tornaram. A vida tida como capturada nas redes sociais é uma vida

infinitamente mais livre do que a vida que se submetia ao panóptico das fábricas disciplinares. Mesmo sua exploração se faz de modo móvel e tateante, pois as estratégias de corrupção do capital não possuem a mesma potência que as técnicas de organização panóptica da produção que dominavam o trabalho material assalariado.

IHU On-Line – Como as redes sociais impactam no processo de participação democrática? Quais suas potencialidades e limites?

Henrique Antoun – A democracia participativa, o ativismo e a ação direta são amplamente beneficiados nos processos de comunicação distribuída das redes interativas. Aqueles que sabem gerar as técnicas de si que sedimentam sua comunicação e suas chamadas para ação recebem imenso benefício. Em 2008, o fenômeno Obama⁴ e na eleição de 2016 a campanha de Sanders⁵ são sinalizações claras de um processo ao mesmo tempo evolutivo e amplificador que se movimenta na direção de uma municipalização e parceirização da política. Cresce a demanda pela franqueza nesta comunicação que se faz entre parceiros.

As parcerias se fazem ao gerar um meio de gênese que beneficie suas individualizações, mais do que comunhão ideológica de modos de pensar. Por outro lado, cres-

cem as estratégias de denúncia da política representativa que aposta em uma grande governabilidade, a construção de um amplo palanque a partir da definição de estratégias comuns de ação definidas por grandes programas ou megaeventos. Candidaturas que se apresentam como antipolíticas ou não políticas ganham a adesão daqueles que se consideram prejudicados pelas políticas de conciliação representativa. Mesmo porque para que se possa conciliar interesses estranhos e distantes precisa-se pôr de lado um verdadeiro benefício para as diferentes demandas dos movimentos sociais.

É por esta insatisfação generalizada que as campanhas identificadas com diferentes formas de intolerância têm ganhado um espaço cada vez mais ameaçador na política. Le Pen⁶, Brexit⁷, Bolsonaro⁸ ou Trump⁹

⁶ **Marion Anne Perrine Le Pen** (1968): mais conhecida como Marine Le Pen, é uma advogada e política de direita da França. Deputada do Parlamento Europeu desde 2004, foi eleita presidente da Frente Nacional em 16 de janeiro de 2011, em substituição a seu pai, Jean-Marie Le Pen. É também conselheira regional de Nord-Pas-de-Calais desde março de 2010 e conselheira municipal de Hénin-Beaumont desde março de 2008. (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Brexit**: a saída do Reino Unido da União Europeia é apelidada de Brexit, palavra-valise originada na língua inglesa resultante da fusão das palavras Britain (Grã-Bretanha) e exit (saída). A saída do Reino Unido da União Europeia tem sido um objetivo político perseguido por vários indivíduos, grupos de interesse e partidos políticos, desde 1973, quando o Reino Unido ingressou na Comunidade Econômica Europeia, a precursora da UE. A saída da União é um direito dos estados-membros segundo o Tratado da União Europeia. Em 21.06, a saída foi aprovada por referendo realizado em junho 2016, no qual 52% dos votos foram a favor de deixar a UE. O Instituto Humanitas Unisinos – IHU, na seção Notícias do Dia de seu site, vem publicando uma série de análises sobre o tema. Entre elas, *A alma da Europa depois do Brexit*, artigo de Roberto Esposito, publicado no jornal La Repubblica e reproduzido nas Notícias do Dia de 01-07-2016, disponível em <http://bit.ly/2gazMuF>; e *O Brexit e a globalização*, artigo de Luiz Gonzaga Belluzzo, publicado por CartaCapital e reproduzido nas Notícias do Dia de 12-07-2016, disponível em <http://bit.ly/2eY4F68>. Confira mais textos em ihu.unisinos.br. (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Jair Bolsonaro [Jair Messias Bolsonaro]** (1955): militar da reserva e deputado federal brasileiro. De orientação política de direita, cumpre sua sexta legislatura na Câmara, eleito pelo Partido Progressista. Foi o deputado mais votado do estado do Rio de Janeiro nas eleições gerais de 2014. Ficou conhecido pela luta contra os direitos LGBT. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Donald John Trump** (1946): é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Trump tomará posse em 20 de janeiro de 2017 e, aos 70 anos de idade, será a pessoa mais velha a assumir a presidência. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano

³ **Panóptico**: termo utilizado para designar uma penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785. Ela permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que eles saibam que estão ou não sendo observados. O sistema teria, segundo Bentham, a vantagem de ser mais barato do que o adotado nas prisões de sua época, pois necessitaria de menos vigilantes. Ele seria aplicável não apenas a prisões, mas a qualquer outro tipo de estabelecimento baseado na disciplina e no controle. O termo foi resgatado pelo filósofo Michel Foucault. Conforme ele, no século 18 se inicia um processo de disseminação sistemática de dispositivos disciplinares, a exemplo do panóptico, permitindo vigilância e controle social cada vez mais eficientes, embora não necessariamente com os mesmos objetivos de Bentham. O filósofo utilizou o termo em sua obra *Vigiar e Punir* (1975) para tratar da sociedade disciplinar. Novas tecnologias de comunicação e informação permitiram novas formas de vigilância nem sempre percebidas pelos indivíduos. Teóricos como Pierre Lévy e Dwight Howard Rheingold também utilizam o termo panóptico para designar o controle exercido pelos controladores dos novos meios de informação sobre os utilizadores. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Barack Obama [Barack Hussein Obama II]** (1961): advogado e político estadunidense. Foi o 44º presidente dos Estados Unidos, tendo governado o país entre 2009 e 2017. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Bernard “Bernie” Sanders** (1941): é um político estadunidense, atualmente servindo como senador júnior dos EUA pelo estado de Vermont. Filiado ao Partido Democrata desde 2015, ele foi o político independente com mais tempo de mandato na história do Congresso dos Estados Unidos, embora sua coligação com os democratas permitiu-lhe postos em comissões parlamentares e, por vezes, deu maioria ao partido em votações. Sanders representa a minoria na Comissão de Orçamento do Senado desde janeiro de 2015 e, anteriormente, serviu por dois anos como presidente da Comissão dos Veteranos de Guerra. Sanders concorreu às eleições primárias que definiram o candidato democrata à presidência dos Estados Unidos no pleito de 2016. Derrotado nas urnas pelos eleitores de Hillary Clinton, Sanders acabou reconhecendo a derrota em julho de 2016 e declarou apoio à ex-Secretária de Estado nas eleições presidenciais daquele ano. (Nota da IHU On-Line)

vem preencher este território de insatisfação generalizada com uma política incapaz de fazer algo que não seja beneficiar e ampliar a riqueza das megacorporações.

Podemos ver como exemplar, por exemplo, a estratégia da trollagem sem fim e da megainvasão de *fakes* que sedimentaram a vitória de Trump na eleição americana. Mas ela rapidamente se esgota em função dos novos filtros e dos novos operadores que se apresentam para neutralizá-la ou capturá-la.

IHU On-Line – De que forma podemos compreender dois fenômenos hegemônicos, mas aparentemente contraditórios entre si como a criação de “bolhas sociais digitais” e o aumento da intolerância? Como esses dois acontecimentos interagem entre si?

Henrique Antoun – As bolhas são estratégias da administração das redes sociais para reduzir o risco de defecção. Os algoritmos gerados pela mineração dos agentes sobre o *big data* procuram gerar pequenos grupos confortáveis para os perfis de rede verem e conversarem. Isto gera a impressão de que todo mundo interpreta como você os fenômenos com que você interage. A continuidade reiterativa desta impressão pode produzir forte intolerância com a manifestação divergente.

Na mídia irradiada, há um alto teor de invasividade, estamos sempre sendo coagidos pelos formadores de opinião a aderir à opinião ofertada como a opinião de todos. Na comunicação distribuída, pelo contrário, possuo um sem número de instrumentos e estratégias para impedir a invasão e a coação. A irritação explode toda vez que me sinto invadido. Insultos,

no, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

bloqueios e vitupérios se sucedem nesta decepção do uso dos filtros que deveriam impedir o indesejado invasor. Na internet, eu quero estar no controle do território narrativo que habito.

“Estamos, de fato, trabalhando todo o tempo que permanecemos nas redes sociais”

IHU On-Line – Quais os impactos dos modos de agir no espaço digital nas formas de vida off-line?

Henrique Antoun – Os movimentos sociais têm cada vez maior importância na política metropolitana. Eles se sustentam em inúmeros coletivos. São as alianças entre os diferentes coletivos que fazem as bases da mobilização política. A política mais e mais se apresenta como movimentação. Em Barcelona um governo vai emergir das lutas do 15M¹⁰ sob a batuta de uma ativista que vai gerar inúmeros experimentos no governo da metrópole. Sua imagem apresentada como a de uma ativista radical pelos adversários cresceu e ganhou confiança na medida em que ela promovia uma ampla conversação sobre os planos de governo e ouvia os coletivos incorporando suas demandas aos seus planos. Sua radicalidade transformou-se em franqueza que fez com que muitos passassem a confiar no que ela dizia. As parcerias e

10 **15M**: O Movimento 15-M, também chamado de “Movimiento de los indignados”, é um movimento popular formado na sequência da manifestação de 15 de maio de 2011 (organizada por diversos coletivos), quando depois que 40 pessoas decidiram acampar uma noite na Puerta del Sol espontaneamente, houve uma série de protestos pacíficos na Espanha. O objetivo foi promover uma democracia mais participativa longe do bipartidarismo e do domínio de bancos e corporações, bem como uma “verdadeira separação de poderes” e outras medidas destinadas a melhorar o sistema democrático. (Nota da **IHU On-Line**)

as conversações substituem na sociedade as contratações e diálogos da mídia irradiada. A verdade que cada vez mais ganha apreço é aquela do jogo da franqueza que domina a conversa dos parceiros.

IHU On-Line – Qual o papel das redes sociais na intensa radicalização e polarização política, que tende às generalizações e imposições de uma espécie de “pré-identidade”, geralmente expressa nos termos “petralha” e “coxinha”?

Henrique Antoun – No caso destas polarizações, a rede social exprime em seu território aquilo que as mídias irradiativas de massa e as instituições sociais produziram para operar sua política. Uma divisão é operada a partir de um gigantesco e inusitado efeito global da comunicação em rede que foram as megamanifestações de 2013. A ameaça daquela multidão fez com que ela fosse segmentada pelas iniciativas institucionais e partidárias. Grupos que faziam parte dos partidos governantes nas cidades e no país se bateram nas manifestações contra aqueles que não tinham apreço pelas organizações partidárias. Estas, por seu lado, vendo o movimento sem lideranças da política institucional, tentaram se apresentar como os legítimos representantes do movimento.

Movimentos vinculados aos partidos nos governos entraram em choque com os manifestantes e aplaudiram as ações de repressão policial. Os agentes políticos investiram violentamente em um grande processo de segmentação para quebrar a integridade multitudinária. A multidão original acabou repartida em dois grupos que em tudo eram apresentados como antípodas pelas novas lideranças. Mas a fonte da radicalização e polarização são os violentos processos de desregulamentação promovidos por ambos os grupos sob demanda de grandes corporações empresariais. Os dois grupos acabaram identificados por cores: o vermelho e o verde e amarelo. ■

Jornalismo deve fazer mediação qualificada entre acontecimentos e a sociedade

Para Felipe de Oliveira, a imprensa ainda lida perplexa com fluxos comunicacionais do ambiente digital

Vitor Necchi

A disseminação das redes sociais digitais obrigou a imprensa a repensar suas dinâmicas. Para o doutor em Ciências da Comunicação Felipe de Oliveira, “o jornalismo tem sido, potencialmente, beneficiado pelas redes sociais”. Mas há uma tensão nesse processo, porque o jornalismo “ainda lida com perplexidade com fluxos comunicacionais do ambiente digital; reage de forma meramente instintiva”. Ao mesmo tempo, “as redes sociais digitais têm se constituído como uma espécie de extensão das redações”, e isso se refere “não apenas para a descoberta de pautas”, mas também para apuração de informações.

A repercussão de determinado acontecimento no âmbito das redes sociais acaba gerando um novo acontecimento. Nestas situações, “é preciso que, da primeira à última ‘vida’ do acontecimento, a cobertura respeite os princípios éticos e deontológicos do campo, de modo que a notícia, finalmente, não seja frágil”, afirma em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. No entanto, observa-se que o jornalismo tenta disputar com as redes sociais no que tange à velocidade e à abundância de informa-

ções que circulam. Para Oliveira, nesse cenário, há um debate fulcral acerca do que caberia ao jornalismo. No seu entendimento, parte da resposta refere-se à noção de curadoria, “habilidade que se espera do jornalista”.

Frente à crise que o jornalismo enfrenta em razão das “novas formas de intervenção social no espaço público contemporâneo”, Oliveira aponta que “sai o verbo transmitir, entra mediar”. No seu entendimento, “o jornalismo ocuparia um lugar de mediação qualificada entre os acontecimentos públicos e a sociedade”. Este seria o papel do jornalismo no espaço público contemporâneo.

Felipe de Oliveira é doutor e mestre em Ciências da Comunicação e graduado em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Em sua tese, discute processos sociais e suas implicações sobre o jornalismo contemporâneo a partir de incursões às redações dos jornais Folha de S. Paulo (Brasil), El País (Espanha) e The New York Times (EUA). Leciona na Faculdade de São Francisco de Assis – Unifin.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O jornalismo tem se beneficiado das redes sociais?

Felipe de Oliveira – Eu diria que uma afirmação mais precisa indicaria que o jornalismo tem sido, potencialmente, beneficiado pelas redes sociais. Isso quer dizer que não se trata de um benefício estimulado pelo próprio jornalismo, que ainda lida com perplexidade com fluxos

comunicacionais do ambiente digital; reage de forma meramente instintiva. Por outro lado, as redes sociais digitais têm se constituído como uma espécie de extensão das redações. E não apenas para a descoberta de pautas, mas também de apuração de informações. Estive na redação da Folha de S. Paulo, em 2013, acompanhando a cobertura das Jornadas de Junho, por exem-

plo, quando fora perceptível a atenção que as chefias de reportagem davam a esse novo espaço de articulação e interação social. Ora para saber quando e onde ocorreriam manifestações, ora para investigar quem as promovia. O passo seguinte é que é preciso pensar: como sistematizar processos que contribuam para uma narrativa mais complexa dos acontecimentos.

“O jornalismo tem sido, potencialmente, beneficiado pelas redes sociais”

IHU On-Line – A repercussão de determinado acontecimento no âmbito das redes sociais acaba gerando um novo acontecimento. As notícias que decorrem disso não são frágeis demais?

Felipe de Oliveira – Prefiro pensar a questão na perspectiva de teorias que concebem uma “segunda vida” do acontecimento no espaço midiático. É o caso do sociólogo francês Louis Quéré¹, que defende que o acontecimento, ao afetar “a” alguém, dispara sentidos e revela campos problemáticos; demanda explicações de causa e efeito que dependem do contexto ao qual é associado. Na sua histórica necessidade de rápida contextualização, o jornalismo encerrou o acontecimento em representações que não ultrapassam a sua epiderme. Quando esse acontecimento ganha, então, a “segunda vida” nas redes sociais digitais, revela outros sentidos, num movimento de característica viral. E o jornalismo se vê compelido, sob pena de perder em credibilidade, a se ocupar novamente dele, incorporando sentidos que, eventualmente, omitiu na representação inicial. Numa tentativa de responder objetivamente

à pergunta, é preciso que, da primeira à última “vida” do acontecimento, a cobertura respeite os princípios éticos e deontológicos do campo, de modo que a notícia, finalmente, não seja frágil.

IHU On-Line – Denúncias feitas em redes sociais têm pautado a imprensa que, com frequência, publica a própria denúncia, sem antes proceder a uma apuração criteriosa que deveria subsidiar a decisão de publicar ou não uma reportagem sobre o assunto. O jornalismo virou refém das redes sociais?

Felipe de Oliveira – Mais do que refém das redes sociais, o jornalismo tem sido atravessado pelas lógicas de uma nova espacialidade – em sentido de tempo e espaço – constituída pela incidência do ambiente digital em todos os seus processos de produção. Isso implica em procedimentos empreendidos por portais de notícias, por exemplo, que determinam dois minutos como tempo padrão entre o acontecimento e uma primeira representação dele na forma da notícia. Há uma clara tentativa do jornalismo de concorrer com a velocidade e abundância de informações que circulam nas redes sociais. Esse me parece ser um problema mais grave do que a descoberta de eventuais denúncias no ambiente digital. A possibilidade de denúncias que afetam o jornalismo, e por ele são potencializadas, especialmente a partir do recurso que o denunciante faz do que o professor Ronaldo

Henn, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, chama de *ciberacontecimento* (acontecimentos cujo “acontecer” se dá no ambiente digital), me parece, inclusive, um elemento importante com vistas à superação dos conflitos sociais. A própria pergunta, contudo, já indica o caminho para o jornalismo: apuração. Ou investe nesse princípio, ou perderá a legitimidade que alcançou ao longo da história no espaço público.

IHU On-Line – Grande parte da leitura de conteúdos publicados em sites de jornais ocorre a partir de links compartilhados em redes sociais. O que isso impacta nas rotinas jornalísticas?

Felipe de Oliveira – Se é verdade a afirmação que dá lastro à pergunta, também é verdade que essa leitura, majoritariamente, tem base em conteúdos produzidos pelo jornalismo hegemônico. Tomando novamente como exemplo as Jornadas de Junho, em 2013, chegamos a dados do site Topsy que revelam que 80% do conteúdo compartilhado durante as manifestações era oriundo de portais de jornais brasileiros de referência. Mais: apenas 5% eram de blogs independentes. Decorre disso uma demanda crescente sobre os jornais por narrativas que atendam às dinâmicas do ambiente digital. O risco que se corre, pois, na relação com a pergunta anterior, é que tenhamos notícias que prezem mais pela lógica do consumo rápido – que, a propósito, não é novidade; é típica da Indústria Cultural que se estabeleceu em

¹ **Louis Quéré** (1947): nascido na França, é sociólogo, professor e pesquisador do Centre d'Études des Mouvements Sociaux - CEMS da École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS de Paris. Em suas reflexões, trata da teoria dos problemas públicos de Jürgen Habermas, a etnometodologia de Harold Garfinkel, a hermenêutica narrativa de Paul Ricoeur e o pragmatismo norte-americano de George Herbert Mead, John Dewey e Charles Sanders Peirce. Dedicou-se aos estudos da teoria do acontecimento desde o início da década de 1990. Escreveu vários livros, destacando-se *Des miroirs équivoques* (1982). (Nota da **IHU On-Line**)

meados do século passado – em detrimento da qualidade do conteúdo.

IHU On-Line – As redes sociais tomaram um espaço que era próprio dos jornais, no que se refere à circulação de notícias?

Felipe de Oliveira – Não. Definitivamente, não. Por mais assertiva que seja a resposta, dá conta de demarcar um lugar de fala a partir do qual o entendimento é menos objetivo, porém convicto: as redes sociais tensionam o espaço próprio do jornalismo no espaço público. É o que denota, por exemplo, a fala do editor-chefe da versão digital do jornal *El País*, da Espanha, a quem entrevistei em 2015. “As pessoas estão nas redes sociais. Nós temos que estar. Temos que extrair informações, mas, ao mesmo, ampliar as regras do nosso jornalismo. Temos que entender o que é importante para as pessoas”, é o que diz Bernardo Marín, em diálogo com a ideia do ambiente digital como extensão das redações. A questão reside nessa ampliação das regras, em sentido de sobrevivência no espaço público mesmo.

IHU On-Line – As redes sociais são um filtro precário?

Felipe de Oliveira – Na minha avaliação, as redes sociais não são um filtro. Pelo contrário, elas rompem com a lógica dos filtros no espaço público. São, na verdade, um ambiente de profusão de sentido, muitas vezes antagônicos aos produzidos pelo jornalismo; se constituem no *locus* em que se concretiza uma intensa disputa de sentidos entre os atores sociais. O jornalismo deixa de ostentar a chave de acesso aos debates públicos. Caberia a ele, como concebe o sociólogo alemão Jürgen Habermas²,

² **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o *logos* deve se construir pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabele-

ao definir seu conceito de esfera pública, escrutinar a força do melhor argumento, a partir da outorga que lhe é conferida pela sociedade e da formação como campo social e profissional, entre aqueles que circulam em abundância nas redes sociais digitais – tendo sempre o bem-comum habermasiano como fim teleológico.

IHU On-Line – Há muito a se ler, sem necessariamente estar preservada a qualidade e a credibilidade da informação. Neste sentido, a ideia de curadoria de informação ganha força no jornalismo?

Felipe de Oliveira – Também no contexto da questão anterior, esse me parece ser o debate fulcral que se impõe ao jornalismo em meio ao ambiente digital. O que caberia ao jornalismo em meio à abundância de informações no ambiente digital? Entendo a curadoria como parte da resposta; habilidade que se espera do jornalista. Em entrevista que também realizei em 2015, dessa vez com Michel Roston, editor de Mídias Sociais do jornal *The New York Times*, dos Estados Unidos, essa ideia fica muito evidente: “Os jornalistas são mais capazes de contar a história como ela é, e não como eles querem que ela seja. Um manifestante pode estar dizendo parte da verdade, mesmo em seu favor. Mas suspeito que não está dizendo tudo”. É absolutamente legítimo, e avissareiro do ponto de vista do exercício da democracia, que os cidadãos possam se expressar, em seu favor, nas redes sociais. Ao jornalismo cabe, retomando Habermas e em perspectiva de um projeto ideal, escrutinar (como sinônimo da ação de curadoria) aquilo que mais atenderia ao bem-comum na esfera pública.

IHU On-Line – Qual a relevância do jornalismo em tempos de instantaneidade e volatilidade da informação?

cendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da **IHU On-Line**)

Felipe de Oliveira – Tenho defendido, num esforço de compreensão da crise que o jornalismo enfrenta face a novas formas de intervenção social no espaço público contemporâneo, uma reflexão, de natureza dialética, sobre o seu principal ofício. Sai o verbo transmitir, entra mediar. O jornalismo ocuparia um lugar de mediação qualificada entre os acontecimentos públicos e a sociedade. É um exercício que implica um deslocamento da objetividade, hoje princípio deontológico. O fim da atividade (social e profissional) não seria meramente transmitir o acontecimento à sociedade – o que pelas perspectivas da linguagem com as quais trabalho é, inclusive, impossível. Seria, sim, representar o acontecimento numa notícia que contenha o que é dele mais essencial; singular, na definição de Adelmo Genro Filho³. A objetividade, nessa proposta, por um movimento epistemológico, comporia a dimensão metodológica do estatuto do jornalismo. A objetividade como método, não como fim. É uma função, pois, que só o jornalismo, por força de um investimento profícuo em formação, poderia cumprir. A mediação qualificada se constituiria, metaforicamente, na toga que caracteriza o campo jurídico ou na tribuna, no caso do campo político, como exemplos com os quais trabalha o professor Adriano Rodrigues, da Universidade Nova de Lisboa.

IHU On-Line – O governo alemão está discutindo uma legislação severa contra empresas que não coíbam notícias falsas ou a disseminação de ódio. A produção de notícias falsas está relacionada a uma fragilidade da imprensa ou, antes

³ **Adelmo Genro Filho** (1951-1988): jornalista, teórico e político brasileiro. Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Sua dissertação resultou na publicação do livro *O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*, uma das principais referências sobre teoria do jornalismo na América Latina. Lecionou na UFSC, onde o centro acadêmico do curso de Jornalismo é batizado com seu nome. (Nota da **IHU On-Line**)

disso, a uma crise mais ampla da sociedade?

Felipe de Oliveira – Antes de começar uma resposta mais objetiva, convém dizer que ainda não me apropriei suficientemente do debate sobre “notícias falsas” – do termo em inglês “fake news”, famoso desde a eleição de Donald Trump⁴ nos Estados Unidos, pelo menos. Entretanto, antecipo uma tendência a considerá-lo ontologicamente inadequado, na medida em que as mais clássicas definições de notícia demandam relação com acontecimentos da ordem da realidade. Em relação à pergunta propriamente dita, me parece, sim, que a crise é mais ampla. Ao mesmo tempo em que as redes sociais digitais são espaço de concretização de debates com fins legítimos, com vistas à superação de conflitos sociais, também são espaço de circulação de sentidos conservadores, proliferação de ódio e preconceito. Numa aproximação com a ideia de “memórias subterrâneas” do historiador austríaco Michael Pollak⁵, o recru-

descimento do fascismo é expressão desse movimento, exemplificado na popularidade que alcançam nas redes sociais figuras como o deputado federal Jair Bolsonaro. As redes sociais aproximam seguidores, os encorajam; possibilitam que suas ideias ganhem em visibilidade.

IHU On-Line – Em tempos de self e de autopromoção, há jornalistas que usam redes sociais para enaltecer seus trabalhos e relatar suas rotinas. Isso não denota perda de foco ou de papel?

Felipe de Oliveira – Não é exatamente um tema sobre o qual tenho me dedicado nas pesquisas que empreendo atualmente, mas arrisco uma resposta – provavelmente, decorrente desse contexto, não das mais precisas. Sim, teríamos, nos exemplos que a pergunta se refere, desvio de foco em relação ao que defendo ser o papel do jornalismo no espaço público contemporâneo. Lembremos: exercer uma mediação qualificada entre os acontecimentos públicos e a sociedade. Isso porque jornalistas que atuam com base na autopromoção acabam por se constituir em mais um agente que disputa sentidos. Inviabiliza, com isso, a tarefa de escrutinar a força do melhor argumento, ao passo que o que fazem é, justamente, produzir argumentos em torno dos acontecimentos. Manifestações de colonistas de política no Brasil ante o golpe midiático-civil-parlamentar que vivemos, com implicações diárias concretizadas na subtração de direitos sociais, são pródigas em exemplos desse movimento.

como professor visitante do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Costuma-se dizer que as bolhas podem ser negativas, pois acabam reduzindo o alcance de interações e de novas perspectivas. Mas isso não pode ser positivo também, na medida em que as bolhas criam zonas de diálogo e amparo em tempos de tanto ódio e belicosidade?

Felipe de Oliveira – Eu não faria juízo de valor sobre a repercussão social das chamadas “bolhas” que se constituem nas redes sociais. Não por me furtar da questão, mas porque entendo que pode ser positiva ou negativa. Por outro lado, me parecem ser, as bolhas, um dos elementos que geram ruptura sobre o *ethos* do jornalismo contemporâneo. Pesquisa publicada no ano passado pelo Knight Center apresentou ao campo o conceito de “notícia incidental”. O consumo de notícias pelas novas gerações atende justamente à lógica das bolhas; não é mais hierarquizada pela capa do jornal, pela escalada do telejornal, tampouco pela primeira página dos portais. Se dá pelo compartilhamento que se desenrola nas suas bolhas. Caberia ao jornalismo, nesse cenário, encontrar formas de alcançar esses públicos de modo que estimulasse o debate em torno dos temas que considera os mais importantes no tempo presente – como pretendeu fazer historicamente. Por que aciono novamente o jornalismo para esta resposta? Porque entendo, fundamentalmente, que é também seu papel oferecer as condições para as zonas de diálogo em tempos de ódio a que a pergunta faz referência. O problema, no entanto, é que o que ele mais tem feito é exatamente o inverso: contribuir para o crescimento da belicosidade. ■

4 **Donald Trump (1946):** Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Trump tomou posse em 20 de janeiro de 2017 e, aos 70 anos de idade, é a pessoa mais velha a assumir a presidência. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Michael Pollak (1948-1992):** sociólogo natural da Áustria e radicado na França. Foi pesquisador do Centre National de Recherches Scientifiques – CNRS, ligado ao Institut d’Histoire du Temps Present e ao Groupe de Sociologie Politique et Morale. Estudou as relações entre política e ciências sociais. Também desenvolveu pesquisas sobre sobreviventes dos campos de concentração e sobre a aids. Em seu doutorado, orientado por Pierre Bourdieu na École Pratique des Hautes Études, estabeleceu uma reflexão teórica sobre o problema da identidade social em situações limites. Esteve no Brasil entre outubro e dezembro de 1987



O pampa invisível: a monopolização das terras e as populações invisibilizadas

Prof. Dra. Flavia Maria Silva Rieth – UFPEL

20 de abril de 2017 (quinta-feira) | 17h30 | Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros



O rastilho de pólvora das notícias falsas no pavio da intolerância

Nas novas sociabilidades web, as redes sociais permitiram a criação de um terreno fértil para a propagação da desinformação de modo exponencial

Ricardo Machado

A “pós-verdade” foi a palavra do ano em 2016, segundo o dicionário Oxford. Também pudera. A corrida eleitoral nos Estados Unidos, que levou Donald Trump ao posto de presidente de uma das maiores potências mundiais, foi de intensa disputa desde as primárias dos partidos Democrata e Republicano. As redes sociais, entretanto, tiveram papel importante na disputa. Durante esse período, uma notícia chamou atenção, não por sua densidade factual, mas por seu engajamento no Facebook, com mais de 1 milhão de interações, de acordo com informações públicas divulgadas pela própria rede social. O título da matéria era *“Papa Francisco choca o mundo e anuncia apoio a Donald Trump”* e versava sobre uma suposta crítica do pontífice à ineficiência do FBI em investigar Hilary Clinton, adversária no pleito.

Mergulhado no centro da disputa presidencial dos Estados Unidos, o papa Francisco, que por diferentes razões tem chamado atenção em âmbito global por sua atuação geopolítica, tornou-se, de acordo com esta notícia, “cabo eleitoral” de Trump. O problema, no entanto, é que a notícia é falsa. Assim como eram mentirosos milhares de outros conteúdos que circularam na rede. Na era da comunicação instantânea, compartilhar tornou-se um imperativo muito mais forte que apurar. Isso decorre, entre outros motivos, do fato que o Facebook e seu algoritmo levam a sério a desinformação, como o próprio Zuckerberg escreveu em uma postagem dias após o resultado da eleição

de Donald Trump (<http://bit.ly/opiniaoface>, em inglês).

Embora Mark Zuckerberg tenha classificado como “uma bobagem” a ideia de que o compartilhamento de notícias falsas no Facebook tenha influenciado o resultado da eleição presidencial nos Estados Unidos, foi ele próprio quem reconheceu que é necessário criar um algoritmo mais sofisticado de identificação de notícias falsas. O recuo de Zuckerberg se deu em meio à contestação de engenheiros que trabalham no Facebook e que concederam entrevista anonimamente ao BuzzFeed News.

Ao analisar o fenômeno, o professor e coordenador do curso de Comunicação Digital da Unisinos, Daniel Bittencourt, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, complexifica a abordagem. “Não cabe ao Facebook resolver essa questão, até porque ele se beneficia dessa lógica entrópica dos sites de redes sociais - as pessoas passam mais tempo discutindo a veracidade ou não das informações que ali são compartilhadas”, explica. No entanto, chama atenção para a necessidade de pensarmos menos no sentido tecnológico e mais no âmbito social. “Com bom McLuhaniano, não acredito que a resposta seja técnica ou tecnológica. McLuhan falava, na década de 1960, numa espécie de letramento da audiência sobre os meios de comunicação. Sempre acreditei no poder mediador das pessoas, em sua capacidade de discernimento e de aprendizado ao longo do tempo. Passa por um amplo processo cultural,



“As metrópoles contemporâneas funcionam ao modo de rede, menos hierarquizadas e com uma capacidade de penetração mais dispersa, embora não menos impactante”

e todo processo cultural leva algum tempo”, aponta.

Para se ter uma dimensão mais precisa do que significa a propagação das chamadas *fake news*, tomemos em conta o seguinte cenário. No primeiro trimestre da campanha eleitoral nos Estados Unidos, entre fevereiro e março de 2016, o engajamento nas redes sociais de notícias baseadas em fatos reais era de 12 milhões de interações, contra 3 milhões das notícias falsas. À medida que o dia da eleição foi se aproximando, as proporções inverteram-se, até que na semana da votação as notícias falsas alcançaram 8,7 milhões de compartilhamentos e ultrapassaram as verdadeiras, com 7,3 milhões de interações. A apuração leva em conta o relatório apresentado pelo site *buzzsumo.com*, que mede engajamento de conteúdos web.

Para Ralph Keyes, autor do livro *The post-truth era* (New York: St. Martin's Press, 2004), a prevalência das notícias falsas na web torna ainda mais difícil as definições do que é, de fato, verdadeiro. Keyes conversou com a reportagem da **IHU On-Line** por e-mail, em que considerou que “a perda da confiança é a principal desvantagem na era da pós-verdade, tanto na política quanto em outras áreas”. Ao analisar particularmente o fenômeno Trump, o autor sustenta que muito de sua popularidade ocorreu porque ele “deu voz a muitas queixas dizendo o que eles [a população] queriam ouvir, não importando se as informações eram verdadeiras ou não”.

O fenômeno brasileiro

No Brasil, qualquer semelhança com o caso dos Estados Unidos não é mera coincidência. De acordo com dados apurados pelo Buzzfeed Brasil, o número de compartilhamentos de notícias falsas relacionadas à operação Lava Jato, em 2016, foi cerca de um terço maior que as verdadeiras. Enquanto o engajamento no conteúdo falso foi de 3,9 milhões, as notícias apuradas e fundamentadas de modo empírico tiveram 2,7 milhões de interações. Embora as médias de acessos apresentem um panorama geral, elas não ajudam muito na interpretação do fenômeno. Isso porque na lista das dez notícias verdadeiras mais acessadas, somente a matéria do G1 “*Por 10 votos a O, STF decide aceitar denúncia, e Eduardo Cunha vira réu*” soma mais de 1,1 milhão de compartilhamentos. Todas as demais notícias verdadeiras mais compartilhadas não somam mais que 350 mil interações.

Já no que se refere às notícias falsas, há um equilíbrio maior entre o volume de compartilhamento dos conteúdos. A notícia com maior acesso, atualmente fora do ar, tinha como manchete “*URGENTE: Bolsonaro é citado na Lava Jato*”, com mais de meio milhão de interações. Na listagem completa, acessível no link <http://bit.ly/notfalsas>, pelo menos quatro notícias têm mais de 400 mil compartilhamentos e outras quatro mais de 300 mil. Dispersas na rede, há, porém, uma infinidade de artigos e conteúdos

totalmente desprovidos de valores noticiosos, apuração jornalística e até mesmo de relação com o mundo concreto. Essa miríade forma a constelação de notícias falsas que iluminam uma parte significativa do debate público nas redes sociais. Ainda que tais conteúdos sejam relativamente impermeáveis aos setores mais esclarecidos, embora eles não estejam imunes, tais produções são capazes de alimentar todo um imaginário coletivo baseado simplesmente em mentiras, mas com implicações sociais verdadeiras.

Evidentemente a produção de notícias falsas serve aos mais variados interesses políticos. No entanto, essa prática é reveladora de um aspecto social ainda mais decisivo em nosso tempo, que é a dimensão do intenso controle micropolítico na era da web. Isso se deve à forma pela qual os sites e as redes sociais são construídos tecnicamente, permitindo a produção de relatórios detalhados de acesso, o que gera, por sua vez, a venda de espaços publicitários nas páginas com volumes expressivos de visitas. Diferente das sociedades de comunicação de massa, pautadas mais pela lógica da disciplinaridade, as metrópoles contemporâneas funcionam ao modo de rede, menos hierarquizadas e com uma capacidade de penetração mais dispersa, embora não menos impactante.

Outro efeito bastante decisivo nas sociedades das interações mediadas por dispositivos conectados à internet é a criação de “bolhas sociais”, a quais funcionam a partir das lógicas dos algoritmos de redes sociais, como Facebook e Twitter, que apresentam a linha do tempo com base no perfil de interações;

isto é, tendem a aparecer com mais frequência na página dos usuários aqueles conteúdos compartilhados pelas pessoas com as quais mais nos relacionamos. É nesta dinâmica que as *fake news* encontram um ambiente propício para se disseminarem. “Compartilhamos com mais frequência aquilo que tem relação direta com o nosso credo, e desqualificamos o que confronta nossas convicções”, frisa. “Para alguns segmentos da sociedade e de usuários de sites de redes sociais, há, ainda, a Suspensão da Verdade – a “informação” é dividida com seus seguidores independentemente de guardar relação e proximidade com fatos reais. Esses dois fatores – um ético e outro estético – funcionam para impulsionar a proliferação de boatos, notícias falsas ou fatos distorcidos para que caibam no Campo de Distorção da Realidade de cada um de nós – termo tão bem cunhado pelo biógrafo de Steve Jobs, Walter Isaacson, para explicar por que as histórias do fundador da Apple eram moldadas sob um ângulo que melhor o favorecesse (não importando se fosse verdade ou não)”, complementa.

A convergência tecno-estética de nosso tempo nos jogou em um espaço digital favorável para a propagação de conteúdos falsos, impulsionado, também, pela velocidade em que tais trocas de informação ocorrem. “As notícias falsas se propagam numa velocidade impressionante – tanto por quem nelas acredita, quanto por quem as combate. É um rasilho de pólvora aceso dentro de um paiol coberto de munição. E redes como Facebook são o melhor lugar para que se toque fogo nesse pavio”, pondera Daniel.■



O Sistema Biogeográfico do Cerrado, as comunidades tradicionais e cultura

Prof. Dr. Altair Sales Barbosa – PUC Goiás

16 de maio de 2017 (terça-feira) 19h30 | Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros





A potência criativa das periferias na construção de novas narrativas web

Eduardo Alves chama atenção para os tensionamentos que os moradores das favelas produzem ao difundir conteúdos informativos sobre si próprios

Ricardo Machado

Na narrativa hegemônica, da mídia e do senso comum, as periferias são zonas de medo e carência, o que deriva de uma produção simbólica pobre, sem levar em conta toda a complexidade destes territórios. Com a web, esse discurso encontra um contraponto, ainda que disperso, rico sobre a potência criativa das favelas. “As periferias são zonas centrais; estão na centralidade das artes, de ações empreendedoras criativas, das invenções de relações que reforçam a convivência. O reconhecimento como periferia não apresenta uma visão de territórios separados da cidade ou em suas beiras e pontas”, destaca Eduardo Alves, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Evidentemente há diferenças substanciais no acesso aos meios digitais por parte das populações periféricas, sobretudo porque o uso de banda larga, por exemplo, nem sempre é acessível geograficamente e economicamente.

Tal dificuldade, resultado da profunda desigualdade social que caracteriza a sociedade brasileira, é superada em certa medida pelo uso de computadores de mão, os chamados smartphones. “É importante registrar que esse novo ambiente sociocultural permitiu a ampliação da mobilidade simbólica”, pondera o entrevistado. “Para os territórios populares, para as periferias, o grande desafio está na utilização da internet, principalmente as redes sociais, no Brasil, para ampliação dos direitos e construção de novas narrativas na cidade”, complementa.

Eduardo Alves cursou Ciências Econômicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É membro da direção do Observatório de Favelas, onde atua como coordenador de comunicação.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como as redes sociais web reorganizam a relação entre as pessoas nas favelas?

Eduardo Alves – Tanto a tecnologia da informática (computadores de mesa, smartphone, smart tv), quanto as novas linguagens, os novos conceitos, os novos ambientes socioculturais criados (redes sociais e web) abriram possibilidades absolutamente novas no século 21. Para as periferias, na cidade, esse impacto

é marcante, pois criou-se a possibilidade de abertura de ambientes e canais para que os setores populares se expressassem diretamente e não ficassem dependendo apenas da grande mídia para isso. Registra-se que todos os setores sociais e políticos se expressam por meio das redes, a diferença principal, no caso das periferias, está na constituição de canais próprios. Os canais da grande mídia são, hegemonicamente, dos setores poderosos e dos “donos do poder”.

De alguma forma, os ambientes socioculturais chamados de redes sociais impactam na relação das pessoas em toda a cidade. E é fundamental destacar que a internet não é o lugar dos chamados “espaços virtuais”, como se fossem sem efeitos reais. As redes, assim como todos os espaços de comunicação via internet (tecnologias, linguagens e conceitos), com a variedade de recursos que possui, já acumularam muito efeito real na vida, nas relações, em atitudes, gos-

tos, preferências artísticas, participação política etc. E esse movimento só tende a ampliar (uma tendência não inexorável, mas uma tendência). Coloca-se, para as periferias, o desafio de disputar cada vez mais tal ambiente sociocultural do século 21.

É muito importante, portanto, destacar a centralidade dessa nova vaga de conexão (comunicação, contatos, divulgação de pensamento, apresentação de peças multimídia, sons e de artes em geral), por meio da qual as periferias possam mostrar sua potência, apresentar novas narrativas sobre a cidade, disputar os símbolos e reivindicar mais investimentos do Estado. Apresentar as periferias, entre as quais estão as favelas, como lugar de encontros, criação, inventividade é importante para a disputa de hegemonia da cidade. Mais que isso, atuar nos novos canais para apresentar uma narrativa contemporânea sobre a violência que os moradores sofrem, como consequência da política hegemônica do Estado e do mercado. Este movimento, que busca alterar cultura e estética, é decisivo no momento atual.

Os moradores das periferias ainda possuem na presença dos corpos, por meio de interação dos vizinhos, familiares, amigos, algo muito característico e marcante no território. Ainda que, em certa medida, o fato de estarem conectados, majoritariamente, via computador de mão (chamados de celular ou smartphone), principalmente a juventude, demonstre a consequência de uma desigualdade que restringe acessos aos computadores de mesa e à banda larga. Mas é importante registrar que esse novo ambiente sociocultural permitiu a ampliação da mobilidade simbólica. Os territórios da cidade, de forma “positiva” ou “negativa”, realizam novas formas de comunicação e conexão e as periferias não ficaram de fora. Muito pelo contrário, os moradores, os coletivos e as organizações das periferias construíram canais que ampliam e apresentam a potência desses territórios. Mas ainda é marcante nos

territórios¹ periféricos, mais que em outros territórios da cidade, os encontros dos corpos.

IHU On-Line – A internet, especialmente as redes sociais, possibilita às periferias um maior protagonismo social? Como isso se dá?

Eduardo Alves – O *upload* múltiplo, as novas linguagens e os novos conceitos permitem às periferias, assim como a todos os territórios da cidade, uma maior possibilidade de instrumentos e canais para apresentar uma narrativa própria. Os ativismos do *passinho* fizeram isso, por exemplo, via YouTube. O Observatório de Favelas faz isso, principalmente, por meio do Facebook. A possibilidade de apresentar olhares, arte, recortes, articulados com narrativas originárias dos territórios populares, criando sobre todas as variações que a internet disponibiliza é uma ação estratégica para o período. No Brasil há destaque para as várias redes e o *www*, mas é um desafio avançar para outros modelos de conexão, como o *P2P* (*Peer-to-peer*), pouco usado no Brasil. Trata-se de ações contemporâneas que podem potencializar a construção da cidadania ativa e a conquista de uma cidade de direitos. As organizações da sociedade civil, assim como as pessoas, possuem instrumentos que podem ampliar os raios de alcance e as conexões.

A ampliação dos repertórios variados sobre as diferentes tecnologias digitais, as técnicas de utilização, os conceitos e a expressão multimídia, é um dos grandes desafios da atualidade para avançar nesse sentido. Vale destacar que, seja a expressão multimídia uma nova linguagem ou uma nova organização dos símbolos das variadas línguas existentes, tais reportórios ocupam papel central

que ultrapassa fronteiras de tempo e espaço. No caso das periferias, é muito importante superar a visão hegemônica de que são territórios do medo e da carência. O Observatório de Favelas já afirma, faz algum tempo, que esses territórios são potências inventivas na cidade.

São sim territórios com menos investimentos do Estado, utilizados para ampliação do lucro do mercado, com seus moradores vivendo as consequências da exploração, opressão e discriminação. São sim territórios no qual a violência do Estado e dos grupos criminosos armados ocorre com incidência muito superior, se comparados aos outros territórios de toda a cidade. No ano de 2016, somente na favela da Maré, se ficou 18 dias sem escola e postos de saúde, foram assassinadas 17 pessoas e 28 sofreram várias formas de violência. Isso não é natural, nem tampouco pode ser visto como normal.

Utilizar as redes para conquistar uma convivência ampla, com respeito à diferença e que amplie a vida nesses territórios, alterando a prática hegemônica do Estado, é uma ação urgente e decisiva. Trata-se da defesa da vida, em todos os seus sentidos e significados, pois as pessoas precisam viver, e com dignidade. Fica, portanto, colocado o desafio de ampliar os direitos, conquistar mais investimentos, mas, também, de apresentar uma nova narrativa sobre as periferias, apresentando-as como espaço de potência e seus moradores como sujeitos estratégicos para conquistar uma cidade de direitos. E, principalmente, que o restante da cidade não considere “normal” um jovem, negro, pobre, morrer em territórios periféricos. Juventude deve ser compreendida sempre como um verbo de vida em todos os territórios da cidade.

Destaca-se, nesse sentido, a importante e grandiosa iniciativa que teve o Observatório de Favelas, a Redes da Maré e o Instituto Maria e João Aleixo em organizar o importante e grandioso Seminário Internacional das Periferias, que contou com a presença de estudiosos e ativistas

1 O conceito de território aqui utilizado é baseado em Milton Santos. Eis aqui o de escrita mais reduzida por mim encontrada, retirada do livro TERRITÓRIO, TERRITÓRIOS – ENSAIOS SOBRE O ORDENAMENTO TERRITORIAL, editora Lamparina: “O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”. (Nota do entrevistado)

de 15 países e mais de 20 estados brasileiros. Unificados, com vários ensinamentos sobre as questões e os desafios das periferias, dedicaram-se em responder a questão-chave e provocativa do encontro: *O que é periferia, afinal, e qual seu lugar na cidade?* Neste encontro foi aprovada a *Carta da Maré, Rio de Janeiro – Manifesto das periferias: as periferias e seu lugar na cidade*. Documento, já disponível na internet², que, entre outras questões fundamentais, para pensar, atuar e construir o lugar da periferia na cidade, afirma: “a definição de periferias não deve ser construída em torno do que elas não possuíam em relação ao modelo dominante na dinâmica socioterritorial ou da distância física em relação a um centro hegemônico. Elas devem ser reconhecidas pelo conjunto de práticas cotidianas que materializam uma organização genuína do tecido social com suas potências inventivas, formas diferenciadas de ocupação do espaço e arranjos comunicativos contra-hegemônicos e próprios de cada território”. Trata-se de um marco fundamental para construir narrativas e práticas estruturantes em escala internacional, com o objetivo de ampliar a potência das periferias e fortalecer a disputa por uma cidade de direitos.

IHU On-Line – As redes sociais preservam os marcadores sociais entre a periferia e as zonas centrais?

Eduardo Alves – As periferias são zonas centrais; estão na centralidade das artes, de ações empreendedoras criativas, das invenções de relações que reforçam a convivência. O reconhecimento como periferia não apresenta uma visão de territórios separados da cidade ou em suas beiras e pontas. Não é a localização dos territórios que as fazem se conformar como periferias, indicando que estão afastadas do centro. O centro de ações políticas e socioculturais, na cidade, passa

pelo que é inventado e praticado nas periferias existentes.

No caso dos “marcadores das desigualdades”, não se trata de serem preservados nas redes sociais, e sim da presença em todos os elementos econômicos e sociais, como trabalho, estudo, moradia, saneamento, transporte etc. Isso aparece nos discursos marcados pela denúncia e naqueles que incidem sobre uma ação afirmativa. O Observatório realizou uma campanha marcante, com os jovens da Escola Popular de Comunicação Crítica - Espocc, chamada *Juventude marcada para viver*. Colocar a importância da defesa dos jovens, pobres, negros, que são os que mais sofrem as consequências da violência letal com um olhar afirmativo, apresentando propostas de políticas públicas e culturais, assim como uma nova narrativa sobre o genocídio que sofrem os jovens das periferias, principalmente os negros, foi uma ação fundamental para mostrar tais contradições. A cidade é um lugar de conflitos e enfrentar tais conflitos com direitos, respeitando as diferenças, apostando na convivência, na empatia e na dignidade humana, é um passo fundamental para conquistar uma cidade de direitos. Isso demonstra que ainda que as desigualdades sejam hegemônicas nos territórios populares, também se faz marcante a potência de ação e transformação que desses emergem.

IHU On-Line – Como as redes sociais aproximam e distanciam as pautas das periferias com as pautas das zonas mais abastadas da cidade, como o caso Amarildo, de um lado, e as manifestações “verde-amarelo”, de outro?

Eduardo Alves – As várias fotografias da cidade, em todos os seus territórios, que demonstram a diversidade existente em cada local e entre os vários espaços da cidade, são importantes para o conhecimento e para vida. Os exemplos citados na pergunta foram emblemáticos nas redes e desenvolveram campanhas que alcançaram impor-

tâncias distintas. Destacam-se principalmente as atrocidades que fizeram com o Amarildo.

Há, no entanto, vários aspectos de encontros e desencontros dos territórios das cidades. Tais exemplos demonstram, de um lado, a diversidade existente nos territórios e entre os territórios. A maneira pela qual as redes sociais criaram um raio muito mais amplo para as manifestações de ideias e das práticas cotidianas, pois ampliam o raio de alcance para informações, mensagens e conexões. Tal ampliação, tanto da velocidade quanto do alcance, por sua vez, não significa, automaticamente, uma mudança do mundo. As redes podem, por exemplo, servir para ampliar preconceitos e intolerâncias, como servir para criar a convivência das diferenças em várias dimensões da vida. Para os territórios populares, para as periferias, o grande desafio está na utilização da internet (principalmente as redes sociais, no caso do Brasil) para ampliação dos direitos e construção de novas narrativas na cidade.

IHU On-Line – De que forma o acesso à internet e às redes sociais atualiza o “ser” na periferia?

Eduardo Alves – O “ser” na periferia está em constantes mudanças. E ainda bem que as mudanças são possíveis e são inventadas por homens e mulheres. Não há nada de natural em como são as pessoas e em suas relações. Desnaturalizar o que aparece como “natural”, tornar inaceitável o que pode ser visto como “comum”, principalmente a violência letal, são ações urgentes e fundamentais. Desnaturalizar a violência, desnaturalizar a miséria, desnaturalizar as várias discriminações, desnaturalizar o centro. As periferias não podem ser vistas e muito menos narradas como um lugar de medo, de violência, de miséria. Há muita beleza, criação, invenção e sorrisos que tomam essas ruas e é necessário ampliar os direitos nesses territórios para superar progressivamente tamanha desigualdade que possuem em rela-

² O documento pode ser acessado através do link <http://bit.ly/2oy1W77> (Nota do entrevistado)

ção ao conjunto da cidade. Por isso, também, é importante apresentar e construir as periferias como centros de potência para a construção de uma cidade de direitos.

IHU On-Line – Ainda há nas favelas do Rio de Janeiro muitas *lan houses*? Qual foi (ou é) a importância desses espaços para a sociabilidade destas populações?

Eduardo Alves – Ainda há *lan houses* nas favelas cariocas. Mas, sem dúvida, hoje as pessoas estão conectadas principalmente via computador de mão, os chamados smartphones. Esse é o instrumento (ou aparelho) tecnológico que mais garante as conexões. Hoje em dia seria importante inverter e não perguntar quando as pessoas se conectam na internet; o mais importante seria perguntar em que momento não estão conectadas na internet ou rompem com suas conexões. Coloca o corpo em uma dimensão muito diferente em relação aos séculos passados, nos quais os encontros dependiam da aproximação dos corpos. Essa é uma questão muito importante que precisa estar colocada sempre. E, para as periferias, onde os encontros dos corpos ainda são momentos marcantes com vizinhos, parentes, amigos, é ainda mais simbólico. Cabe ressaltar que as desigualdades da cidade, que coloca a periferia em condições adversas dos outros territórios, atingem seus moradores também no caso da internet, pois banda larga de fibra ótica e computadores de mesa são escassos ou inexistentes.

IHU On-Line – A internet, por definição um espaço potencialmente democrático, permitiu a ampliação dos modos de vida e culturas das periferias no espaço digital? Como isso ocorreu? O que isso significa?

Eduardo Alves – A internet, por si só, não é um espaço democrático. As desigualdades de acesso, tanto das bandas largas (que permitem o

fluxo de dados variados) como das tecnologias, não permitem ver a internet, por si só, como espaço democrático. Mas sua chegada, principalmente com o *www* e as redes sociais (no caso do Brasil de hoje), criou sim um novo ambiente sociocultural inexistente até o século passado. Volto a lembrar, o P2P é, praticamente, inexistente no Brasil e é uma arquitetura de rede na qual, cada ponto, cada computador, funciona tanto como emissor e receptor de dados e mensagens quanto como servidor. Algo que não depende de mediações e servidores centrais, como a grande maioria das redes sociais que conhecemos por aqui possuem. Portanto, a internet como temos no século 21, por sua novidade em tempo e escala, é um ambiente que muito há para desvendar, descobrir e inventar.

Há um grande percurso histórico quando falamos de internet. Esse processo de mudanças, em escala mundial, vem ocorrendo desde o fim da Segunda Guerra Mundial³ e deu um grande salto quando, na década de 1960, ocorreu a primeira ação do que seria conhecido logo em seguida como internet. A ARPAnet⁴ foi fundamental, surgiu com a criação da ARPA em 1957, e foi lançada em 1969, ganhando terreno durante toda a década de 1970. A partir de 1990, com a criação e divulgação da internet como conhecemos hoje – World Wide Web (*www*) –, foi dado um salto decisivo para a criação, no

³ **Segunda Guerra Mundial:** conflito iniciado em 1939 e encerrado em 1945. Mais de 100 milhões de pessoas, entre militares e civis, morreram em decorrência de seus desdobramentos. Opôs os Aliados (Grã-Bretanha, Estados Unidos, China, França e União Soviética) às Potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O líder alemão Adolf Hitler pretendia criar uma “nova ordem” na Europa, baseada nos princípios nazistas da superioridade alemã, na exclusão - eliminação física incluída - de minorias étnicas e religiosas, como judeus e ciganos, além de homossexuais, na supressão das liberdades e dos direitos individuais e na perseguição de ideologias liberais, socialistas e comunistas. Essa ideologia culminou com o Holocausto. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **ArpaNet:** é a sigla para *Advanced Research Projects Agency Network*, do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, que foi a primeira rede operacional de computadores à base de comutação de pacotes, e o precursor da Internet, tendo sido criada inicialmente para fins militares. Desenvolvida pela agência Americana ARPA (*Advanced Research and Projects Agency - Agência de Pesquisas em Projetos Avançados*) em 1969, tinha o objetivo de interligar as bases militares e os departamentos de pesquisa do governo dos Estados Unidos. Esta rede teve o seu berço dentro do Pentágono. (Nota da **IHU On-Line**)

século 21, das várias redes conhecidas e das tais *redes sociais*, tão disseminadas e discutidas no Brasil, em particular.

O crescimento (e as chamadas revoluções do século 21 no ambiente da internet) se deu em conceitos e tecnologia. Quanto maior o repertório, os conceitos e as tecnologias serão manipulados com mais qualidade e poderão ser superados para os vários objetivos. As periferias são territórios de novos personagens em cena para superar esse conjunto de coisas a favor das pessoas na construção de uma cidade de direitos.

Lançando mão das alterações na linguagem, da estética da comunicação e da possibilidade de realizações de *upload*, temos insumos para alterações fundamentais nesse novo século. Objetivamos, por um lado, criar uma ferramenta fértil para a desnaturalização das práticas sociais e culturais hegemônicas e, por outro, potencializar a ação criativa e transformadora dos novos sujeitos em cena.

IHU On-Line – Quais são os principais desafios a serem enfrentados pelas comunidades das favelas no ambiente digital? Que tipos de preconceitos se perpetuam em novas formas?

Eduardo Alves – Ainda há uma visão hegemônica na cidade que as periferias, favelas entre elas, são lugar de medo, de bandidos, de desocupados; espaços de dor. O livro de Jailson de Souza e Silva e de Jorge Luiz Barbosa, ambos fundadores e da direção do Observatório de Favelas, lançado em 2005, já apresentava tal narrativa. O título do livro é *Favela: alegria e dor na cidade* (Rio de Janeiro: Editora SENAC RJ, 2005).

Apresentar esses territórios de periferias como espaços de potência, ampliar o que já apresentam para cidade como encontros com alegria, inventividade, tecnologias de vários tipos e formas, é um grande desafio para o contemporâneo. Conquistar direitos que garantam a dignidade da vida e uma nova representação simbólica

dos territórios de periferias são grandes desafios para o momento atual.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Eduardo Alves – Agradeço o convite e o espaço gentilmente oferecido. Se for possível concluir com uma de minhas poesias (que gosto de chamar de “junção ou arranjo de letrinhas”), assim o farei:

OLHA AÍ: A FAVELA

Olha o que é a favela

Veja suas próprias cores

Descubra a identidade da vida

Deixe aberto o canal de amor

Passe na rua ocupada

Chegue de casa em casa

Descubra a convivência diversa

Encontre-se em cada ferida

No som que agora chegou

Arte que brota do chão

Temas lançados de mão em mão

Frases que são decoradas

Monte a própria versão

Cada encontro repentino

Chegadas com sorrisos ou sustos

Com corpos gratinados por sol e lua

É mais que bemol na vida

Mais que um hasteg na trilha

Sustenidos dissonantes no ar

Há alegre os afetos despedaçando distopias

Grito de potência da esperança

Reanima a lembrança

Com o território múltiplo e singular

Reinvenção que brota no solo

Chão ocupado, inventado, ilimitado

Assim se transforma a vida

No longo encontro presente

Com imaginário popular

Com os nervos e músculos candentes

Narrativas humanas para desenhar

Essa é a favela da gente

É nessa que vamos entrar

É nessa que o corpo dança e se alegra

E deixo assim o convite

Para o seu olhar, sobre a favela, se transformar

Para a presença ativa revolucionar a cidade

Mudar você e o lugar

Eduardo Alves



VI Colóquio Internacional IHU Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben

23 de maio e 24 de maio de 2017

Carga horária: 18h

**Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Instituto Humanitas Unisinos – IHU**

ihu.unisinos.br

Nada é efêmero, discreto ou apagável no universo digital

Para Wilson Gomes, o uso das redes sociais depende tanto do que as pessoas querem fazer com elas quanto das suas características inerentes

Vitor Necchi

As redes sociais digitais podem propiciar a sensação de que, nelas, há mais discussão, mais agressividade. Não é bem assim. “Não foram inventadas novas formas de odiar, humilhar, linchar pessoas. Nós sempre fomos muito bons nisso”, ressalva o professor Wilson Gomes, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “O que acontece hoje é que todas as formas de interações e de redes sociais podem ser digitalizadas, ganhar forma em ambientes digitais ou ter ambientes digitais como suas extensões.”

Gomes salienta que “o ódio circula muito facilmente por qualquer rede ou ambiente social e não apenas nos sites de mídias sociais”. No entanto, “a diferença dos meios digitais é o fato de que qualquer ato, qualquer fala, qualquer comportamento de ódio deixa rastros”.

Por conta da ampla disseminação, “os meios e os ambientes digitais podem ser empregados de muitos modos e com muitas finalidades”, explica. O que decorre deles “depende tanto do que as pessoas querem fazer com eles quanto das suas características inerentes”. Uma possibilidade é em prol da democracia, “um sistema de gerenciamento das diferenças que supõe claramente a

existência de arenas em que haja atrito de pensamento, contraste de ideias e a formação de uma opinião esclarecida”.

Um dos problemas é o excesso de polarização e o ódio. “A formação de redes sociais por afinidade em meios digitais é campo fecundo para que indivíduos formem ou se agreguem em coletivos com identidades bem demarcadas e muito homogêneas”, descreve Gomes. No entanto, “facilmente se passa da constatação da diferença para a afirmação de que há divergência, e do registro da divergência para a marcação da hostilidade”.

Wilson Gomes é doutor em Filosofia, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia e coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital – INCT.DD. Autor de *Transformações da política na era da comunicação de massa* (Paulus), *Jornalismo, fatos e interesses* (Insular) e *A política na timeline* (Edufba), além de coautor, com Rousiley Maia, de *Comunicação & democracia: problemas e perspectivas* (Paulus).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – As redes sociais digitais podem fomentar ou transformar a democracia?

Wilson Gomes – Os meios e os ambientes digitais podem ser empregados de muitos modos e com muitas finalidades. O que decorre desses meios e dos ambientes digi-

tais que eles proporcionam depende tanto do que as pessoas querem fazer com eles quanto das suas características inerentes. Assim, há certamente um número muito grande e muito bem documentado de empregos das mídias sociais em benefício da vida democrática. Isto inclui um grande

número de coisas, dentre as quais destaque o livre mercado de ideias proporcionado pelos novos ambientes sociais. Os sites de mídias sociais no Brasil se tornaram um ambiente muito usado para a discussão da política, para a politização das questões sociais e para a circulação e comen-

“Os sites de mídias sociais no Brasil se tornaram um ambiente muito usado para a discussão da política, para a politização das questões sociais e para a circulação e comentário de informação política”

tário de informação política. Há como que uma atualização da esfera pública política, estrutura essencial da democracia liberal, nesses novos ambientes digitais, com ampla circulação de informação, intenso contraste de opinião, ofertas de oportunidade de expressão e agrupamento dos mais variados pontos de vista.

A democracia é um sistema de gerenciamento das diferenças que supõe claramente a existência de arenas em que haja atrito de pensamento, contraste de ideias e a formação de uma opinião esclarecida. Gostemos ou não da qualidade da divergência online ou da opinião que as pessoas nelas formam, as arenas digitais representam uma renovação muito importante do interesse político e do engajamento na discussão dos problemas nacionais de públicos pouco dispostos para empregar os meios tradicionais de participação política, além de produzir um aumento considerável da atenção pública ao que acontece no campo político e na sociedade.

IHU On-Line – Por que o ódio circula tão facilmente nas redes sociais?

Wilson Gomes – O ódio circula muito facilmente por qualquer rede ou ambiente social e não apenas nos sites de mídias sociais. O preconceito, a intolerância, o discurso e as práticas de ódios são nossos velhos conhecidos muito antes da disseminação das tec-

nologias móveis para a conexão e dos aplicativos de mídias sociais. A diferença dos meios digitais é o fato de que qualquer ato, qualquer fala, qualquer comportamento de ódio deixa rastros e, portanto, pode ser encontrado, registrado, arquivado, distribuído em grande velocidade e para um número grande de pessoas. Nada é realmente efêmero, discreto ou apagável no universo das coisas digitais. Tudo pode ser ampliado, monitorado e replicado indefinidamente, mesmo o ódio. E mesmo a condenação do ódio.

Por outro lado, a formação de redes sociais por afinidade em meios digitais é campo fecundo para que indivíduos formem ou se agreguem em coletivos com identidades bem demarcadas e muito homogêneas. E isso sem que precisem sair da sua zona de conforto e dos seus próprios ambientes sociais no trabalho ou na família, por exemplo. Digamos que eu seja um conservador radical, mas conviva em um ambiente liberal no bairro, na universidade e no esporte, de forma que posso ser levado a filtrar muito o que eu digo em público por saber que isso vai criar atritos e enfrentar contestação dos outros com quem convivo. Mas em ambientes sociais digitais eu não preciso conviver com os colegas da faculdade, com a minha mãe ou tia que me reprimem ou contestam, de modo que posso facilmente me relacionar exclusivamente ou principalmente com grupos que pensam como eu e que estão aglomerados ao redor de estrelas conservadoras como Marco

Feliciano¹, Silas Malafaia², Lobão³ e Olavo de Carvalho⁴. No interior des-

1 **Marco Feliciano** (1972): pastor da Catedral do Avivamento, igreja neopentecostal ligada à Assembleia de Deus, e deputado federal brasileiro. Eleito pelo Partido Social Cristão (PSC) em 2010 com 212 mil votos, foi o segundo político evangélico com maior número de votos no país e o 12º entre os 70 deputados eleitos pelo estado de São Paulo. Elegeu-se presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados, cargo que exerceu durante o ano de 2013, gerando controvérsia pelas suas diversas declarações polêmicas, principalmente em relação a temas como direitos dos homossexuais e ao aborto. Além de pastor, Feliciano é empresário, autor de 18 livros e produtor de DVDs com mensagens de autoajuda que venderam cerca de 600 mil cópias. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Silas Malafaia** (1958): pastor pentecostal líder do ministério Vitória em Cristo, ligado à Assembleia de Deus. Televangelista, graduado em psicologia, presidente da editora Central Gospel, vice-presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB), entidade que agrega cerca de 8 mil pastores de quase todas as denominações evangélicas brasileiras. Malafaia se tornou muito conhecido por sua crítica a temas como direitos dos homossexuais e ao aborto, bem como por defender a chamada teologia da prosperidade. Em janeiro de 2013, uma reportagem da revista Forbes, dos Estados Unidos, o classificou como o terceiro pastor mais rico do Brasil, com um patrimônio estimado em 150 milhões de dólares. Malafaia negou a informação no programa De Frente com Gabi, quando afirmou que seu patrimônio girava em torno de R\$ 6 milhões. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Lobão** (1957): cantor, compositor, escritor, multi-instrumentista, editor de revista e apresentador de televisão brasileiro. Sua carreira musical é marcada por grandes parcerias; compôs sucessos como *Me chama*, muito famosa na voz de vários intérpretes, e *Vida louca vida*, conhecida na voz de Cazuza. Apesar de ter surgido e conseguido sucesso no ambiente marginal e underground do rock brasileiro nos anos 1980, Lobão vem dialogando com diversos gêneros, como o samba, ao longo de sua carreira. Tem emitido opiniões conservadoras e polêmicas, ao mesmo tempo em que elogia Olavo de Carvalho e o Instituto Ludwig von Mises Brasil. Apresentou-se em palcos de manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Olavo de Carvalho** (1947): não tem nenhum título acadêmico formal. Costuma ser apresentado como escritor, conferencista, ensaísta, jornalista, filósofo e ex-astrólogo. É um dos principais nomes no discurso do conservadorismo brasileiro. Militou no PCB de 1966 a 1968, mas posteriormente decepionou-se com a ideologia e tornou-se anticomunista convicto. Trabalhou em revistas e periódicos, passando por veículos como Folha de S.Paulo, Planeta, Bravo!, Primeira Leitura, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Globo, Época e Zero Hora. Atualmente escreve para o Diário do Comércio na coluna Mundo Real. Seu primeiro livro, *A imagem do homem na astrologia*, foi lançado em 1980. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* é de 2013 e vendeu algo

ta nova rede social, a minha posição conservadora não apenas é tolerada, mas incentivada. A minha coragem de expressar as minhas convicções é incentivada e quanto mais radical for o que publico, mais serei recompensado pelo meu novo grupo de referência. Troque-se “conservador radical” por “feminista radical”, “esquerdista radical” etc. e o sistema identitário (“encontrei a minha turma”) se replica do mesmo jeito, com o incentivo à expressão e à publicação da opinião em conformidade com o novo ambiente social de referência e com os sistemas de apoio e recompensas à base de likes e compartilhamentos.

Em um momento em que há extrema polarização com relação a temas políticos (esquerda x direita, petistas x antipetistas) ou temas politizáveis (a questão homossexual, o feminismo, o aborto, os valores familiares), é muito fácil o sujeito ser atraído para redes baseadas em identidades políticas fortes e voltadas para confrontar qualquer posição diferente, divergente ou adversária. Assim, vão se formando ambientes digitais com ideias e causas muito homogêneas e com sistemas de distribuição interna de recompensas (afetos, likes), de prestígio e de distinção disponíveis para quem compartilhar wmais fortemente os valores do grupo e a quem contrastar mais agressivamente “os outros”, a este ponto transformados em adversários ou inimigos. Redes identitárias traçam um círculo ao seu redor e estabelecem um “nós” por contraste com “eles” e confirmam a identidade das próprias convicções nesta contraposição básicas – “eles não são como nós”. Redes desta natureza não são baseadas apenas em homogeneidade de opinião, mas em identidades sociais: eu me defino como X e, a partir do modo como me defino, eu acho a minha turma, um estilo de vida e uma posição existencial.

Em situações de polarização, “eles” os “outros” não contrastam conosco apenas porque são diferen-

tes: facilmente se passa da constatação da diferença para a afirmação de que há divergência, e do registro da divergência para a marcação da hostilidade. Minha causa é minha vida e, pelo menos no meu turno de guarda, “eles”, os outros, os-que-não-são-nós, não prevalecerão. Assim, se passa rapidamente do registro da diferença para a certeza de que os outros em geral – ou alguns “outros” específicos – são nossos inimigos, e o inimigo se trata com hostilidade. O ódio, portanto, não surge fortuitamente de eventuais discordâncias, mas é o resultado inevitável da formação de coletivos baseados em identidades em uma situação de polarização política e social, definida como aquela em que os nervos estão tensos e as mínimas divergências, aceitáveis em outras circunstâncias, são uma diferença inaceitável, uma provocação. O ódio e as rugas digitais (as “tretas”) são uma consequência, então, da formação de redes identitárias e da polarização ou extremo tensionamento da vida pública, que são fenômenos muito contemporâneos e que ganham particular importância em ambientes digitais.

IHU On-Line – O escritor Michel Laub lançou no final do ano passado o romance *O tribunal da quinta-feira (Companhia das Letras)*, que trata de intolerância e do julgamento sumário a que algumas pessoas são submetidas nas redes sociais. Os linchamentos virtuais são rápidos. O que isso diz sobre as nossas sociedades?

Wilson Gomes – O conceito de “redes sociais” foi inventado muito antes de podermos falar de mídias digitais e de sites para redes sociais. Refere-se apenas ao conjunto de amigos, colegas e contatos pessoais que uma pessoa tem e da rede de interações entre eles. É parte do que é necessário para a produção de capital social, definido como um conjunto de “ativos” socialmente disponíveis, decorrentes de vínculos, contatos, valores compartilhados,

acordos de reciprocidade e confiança mútua, que permite que indivíduos e grupos cooperem em benefício próprio. Capital social é parte dos recursos necessários para a vida humana, de forma que redes sociais são das coisas mais disseminadas na história humana.

Os sites e aplicativos para redes sociais são uma inovação do início do século 21 e só são realmente populares há pouco mais de dez anos. Não há como diagnosticar que a sociedade simplesmente enlouqueceu na última década e apenas por causa de uns sites que permitem às pessoas construir novas redes de contatos e publicar, consumir e compartilhar conteúdo produzido para e pelas pessoas da sua rede. Não foram inventadas novas formas de odiar, humilhar, linchar pessoas. Nós sempre fomos muito bons nisso. As redes sociais baseadas em vínculos religiosos, as igrejas e formas semelhantes, por exemplo, foram usadas por milênios para fazer este trabalho. Os ambientes escolares, por exemplo, sempre foram muito empregados para o trabalho de assédio, humilhação, difamação e destruição de reputação de pessoas, como o sabe muito bem a minha geração, muito antes que contássemos com o auxílio de mídias digitais e de outros modos de comunicação baseados em tecnologias digitais. E continuamos muito hábeis em empregar a mais eficaz das redes de comunicação, a fofoca, para linchamentos rápidos e eficazes de pessoas.

O que acontece hoje é que todas as formas de interações e de redes sociais podem ser digitalizadas, ganhar forma em ambientes digitais ou ter ambientes digitais como suas extensões. Lembrem-se que o Facebook foi inventado para ser uma extensão da vida escolar de uma universidade americana, como dispositivo auxiliar para uma das atividades típicas desses ambientes, que é arrumar parceiros para o amor e o sexo. A “digitalização” das interações sociais vai assimilando tudo, da fofoca ao consumo de informações publicadas em jornais, das redes sociais do Ensino

próximo de 320 mil exemplares. (Nota da **IHU On-Line**)

Médio às redes de contatos de familiares dispersos geograficamente, do ambiente religioso ao ambiente de trabalho. Assim, o que fazíamos antes por meio de outras redes sociais e em outros ambientes, o fazemos agora em ambientes digitais e por meio de sites de mídias digitais. Inclusive o básico humano do assédio, da humilhação, da difamação.

Há características específicas do digital envolvidas nos linchamentos que hoje fazemos? Certamente. As tecnologias digitais nos deram hoje um alcance que outras redes sociais e ambientes sociais nem de longe

nos poderiam oferecer. Deste modo, também a nossa maldade tem o braço mais longo e chega a pessoas que, em outra época, estariam fora do nosso alcance. Em um recente episódio de ofensas racistas postadas contra a atriz Taís Araújo e a jornalista Maria Júlia Coutinho, foram presos indivíduos que moravam em Brumado (BA), Sertãozinho (SP), Jandira (SP) e Porto Alegre (RS). É claro que a probabilidade de uma rede formada por pessoas que moram tão distantes umas das outras e tão distantes das suas vítimas, às quais jamais viram pessoalmente, repousa

exclusivamente nas características das novas tecnologias digitais de comunicação. Por outro lado, também a punição foi possível em decorrência do fato de que nada se faz em ambientes digitais sem que se deixem pegadas que podem ser rastreadas. Não obstante isso, o digital pode ter provido o meio e a oportunidade, mas não a motivação, o ódio racial. Ódio que, inclusive, sempre tem encontrado meios de ferir e humilhar, de um jeito ou de outro, tanto por meio de um post do Facebook como por meio de uma inscrição numa parede ou um cartaz de cartolina.■

19h30min às 22h – Conferência: A escalada da violência diante dos avanços econômico-sociais na (re)produção das metrópoles

27 de abril
(quinta-feira)



Conferencista
Prof. Dr. Luis Flávio Saporì
PUC-Minas

Indissociabilidade entre os mundos on e off-line

Adriana Amaral acredita que redes sociais digitais não criam, mas potencializam relações e identidades já existentes no mundo concreto

João Vitor Santos

As gerações mais jovens, usuários nativos das redes sociais digitais, tendem a ver o mundo pela timeline do perfil de sua rede social. A professora Adriana Amaral alerta para os riscos dessas perspectivas de forma bem-humorada: “o mundo é maior que a timeline”. Por isso, defende que se tenha consciência das chamadas bolhas das redes. “As bolhas criam nossas próprias zonas de conforto, nas quais nos relacionamos com pessoas que possuem os mesmos gostos e postam conteúdos similares”, explica. Entretanto, assim como os jovens, pesquisadores desse campo podem acreditar que esse ambiente cria novidade nas relações.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Adriana prefere tratar as redes sociais digitais como um terreno de apropriações e não invenções. “O importante é pensar que esses processos de sociabilidade são tanto determinados pelas tecnologias quanto pelos agentes humanos”, alerta. Para ela, “não há uma separação tão dura entre o presencial e os ambientes on-line”. “Alguns autores acreditavam e apostavam que haveria um isolamento

das pessoas para viver no ‘mundo virtual’. A comunicação móvel desconstruiu bastante essa noção”, acrescenta.

Adriana Amaral é doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, com estágio de doutorado em Sociologia da Comunicação pelo Boston College, EUA. Fez estágio pós-doutoral em Mídia, Cultura e Comunicação pela University of Surrey, no Reino Unido. É professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Na mesma instituição, é coordenadora da Especialização em Cultura Digital e Redes Sociais. Entre suas publicações, destacamos *Cultura pop digital brasileira: em busca de rastros político-identitários em redes* (Revista EcoPós, V.19, n.3, 2016) e “*De Westeros no #vemprarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira*”. *Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital* (Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. N. 29, 2015).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que tipo de sociabilidade as redes sociais do ambiente digital proporcionam?

Adriana Amaral – É impossível falar sobre um tipo de sociabilidade, e sim de sociabilidades de acordo com diferentes usos, apropriações de diferentes grupos e culturas. O importante é pensar que esses processos de sociabilidade são determi-

nados tanto pelas tecnologias quanto pelos agentes humanos. Como um exemplo disso temos os “aplicativos de pegação” como Tinder¹, Grindr²

¹ **Tinder**: é uma aplicação multiplataforma de localização de pessoas para encontros românticos, cruzando informações do Facebook e localizando as pessoas geograficamente próximas. Esta aplicação está disponível para os sistemas Android e iOS. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Grindr**: é uma rede geossocial que pode ser usada no Android, iPhone, iPod touch, iPad, BlackBerry OS. O aplicativo faz uso do dispositivo geolo-

etc. A partir da geolocalização, que é uma questão importante, ele vai nos mostrar uma lista de pessoas diferentes de acordo com os lugares. É um tipo de apropriação e uma sociabilidade específica, que difere, por exemplo, de um site de rede social

calização, que permite aos usuários acessar outros gays e homens bissexuais que estejam numa área próxima. (Nota da **IHU On-Line**)

“Processos de sociabilidade são determinados tanto pelas tecnologias quanto pelos agentes humanos”

focado em livros, ou do grupo da família do Whatsapp e seus encontros ou de redes mais genéricas como Facebook, Twitter etc.

À medida que negociamos nossas informações com essas redes, temos tipos de sociabilidades que podem tanto ser diferentes quanto ser utilizadas de uma forma similar. Relações mais ou menos efêmeras, encontros com desconhecidos ou aprofundamento de conhecimento de amigos, laços sociais mais fortes ou mais fracos com quem está mais longe ou mais perto, tudo deriva da forma com que nos relacionamos com essas mediações.

IHU On-Line – Quais os limites e as possibilidades das chamadas bolhas de relações nas redes sociais digitais?

Adriana Amaral – Os limites e as possibilidades são configurados tanto a partir dos elementos humanos – o tipo de informações, conteúdos e engajamentos que temos – quanto de elementos não humanos como dos sistemas de recomendações, algoritmos etc. As bolhas criam nossas próprias zonas de conforto, nas quais nos relacionamos com pessoas que possuem os mesmos gostos e postam conteúdos similares, o que de certa forma é importante para manter nossa identidade coletiva/grupal.

O aspecto negativo disso é que muitas vezes tendemos a perder a noção de acontecimentos globais ou de entendimento de outros públicos e tipos de pessoas. Se a minha *Timeline* é constituída por uma maioria

de ativistas de esquerda ou de fãs de seriados, tendo a pensar que essa proporção é a mesma no âmbito da rua. E isso não é necessariamente verdade. É o que chamo, em tom de brincadeira, de paradigma do “o mundo é maior que a timeline”.

Então, nada substituiu a multiplicidade de pensamentos, por mais que muitos deles nos mostrem uma face cruel com a qual talvez não saibamos ou não consigamos dialogar. A possibilidade de não se fechar em bolha é compreender melhor as alteridades.

IHU On-Line – O ciberespaço proporciona o surgimento de novas identidades? Por quê?

Adriana Amaral – Muitos pesquisadores têm discutido os aspectos relacionados a identidades e subjetividades desde os primeiros agrupamentos proporcionados pela internet e pelas comunidades virtuais, como chamávamos nos anos 90. Acho complexo atribuir à materialidade dos ambientes digitais a constituição de “novas identidades”, uma vez que a fluidez ou não das mesmas depende muito mais da relação entre os pares, entre os grupos em um determinado contexto que é cultural, social etc.

A internet permite, de repente, que pessoas com determinados contextos identitários se encontrem e possam se fortalecer em grupo, mas não vejo isso como uma “nova identidade”. Aparecem rótulos, desdobramentos que são mais facilmente visualizados ali, isso sim. A vontade de pertencimento ou não a determina-

dos estilos e grupos sempre existiu, mas são amplificadas via internet.

IHU On-Line – O que compreende como ativismo em rede? Como ele se dá hoje?

Adriana Amaral – O ativismo em rede é um conjunto de práticas políticas que acontece desde os primórdios das BBS³ e outras formas históricas da internet. Não é uma invenção de agora ou privilégio da geração do “lacre⁴ e do textão⁵”. Acredito que aconteceram muitos avanços e que o fato de que temos acesso a uma variedade grande de informações – se elas são confiáveis ou não é outro ponto – é muito positivo e demonstra o quanto crescemos enquanto sociedade. Ainda acredito na importância da luta política on-line, embora nesse momento a veja – em alguns casos – esvaziada por um excesso de performatização em rede e pouca pragmática. Acredito que as práticas ativistas estão muito mais próximas das lógicas de fãs⁶ e atividades que eram feitas em outros espectros da vida pública, o que mostra o quanto a política e o entre-

³ **Bulletin board system (BBS)**: é um sistema informático, um software, que permite a ligação (conexão) via telefone a um sistema através do seu computador e interagir com ele, tal como hoje se faz com a internet. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Lacre, lacrou**: expressão do jargão popular. É uma maneira de dizer que a pessoa foi bem em algo. Realizou algo e obteve sucesso. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Textão**: expressão do jargão popular para definir texto considerado inconveniente devido à sua extensão e interpretado como pedantismo nas redes sociais. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ A entrevistada compreende que lógicas de fãs “são as formas como eles se organizam na produção de conteúdo e materiais midiáticos, além de mobilizações como por exemplo escrever usando uma hashtag como #ajojusto ou #lacrou”. (Nota da **IHU On-Line**)

tenimento estão interseccionados e ao mesmo tempo nos demonstra essa polarização em que nos sentimos cada vez que lemos uma *thread* (debate) em rede.

IHU On-Line – As redes sociais fomentam a democracia? Como?

Adriana Amaral – Num primeiro momento, pelo fato de ela proporcionar e amplificar uma multiplicidade de vozes, podemos dizer que sim. No entanto, com o tempo e as apropriações mercadológicas, as lógicas de visibilidade transformam as ideias sobre a política (sobretudo nas lógicas identitárias) em *commodities*. A questão das curtidas e compartilhamentos, ou seja, a aferição numérica, personaliza o debate político. Isso acaba, muitas vezes, tirando o foco do conteúdo para uma discussão em que quem dá a resposta mais curtida “ganha” o debate. A democracia também fomentou as redes sociais.

IHU On-Line – De que forma as redes sociais atualizam o conceito de cultura pop para o nosso tempo?

Adriana Amaral – Uma das características mais marcantes da cultura pop é o fato de ela ser acessível e democrática, ao mesmo tempo que também é padronizada. Essa característica garante sua sobrevivência nas lógicas das plataformas de redes sociais e nos *memes*⁷, pois a repetição (reboots, remakes, prequels, sequels, referências etc.) sempre fizeram parte dela e agora acharam seu ambiente mais propício. Mas torno a lembrar que os *fanzines*⁸ dos anos 60

sobre Star Trek⁹, por exemplo, e outros formatos de mídia underground produzidos por fãs ou por produtores de cenas musicais também cumpriam esse papel, mas numa escala de menor alcance.

“Nada substituiu a multiplicidade de pensamentos, por mais que muitos deles nos mostrem uma face cruel com a qual talvez não saibamos ou não consigamos dialogar”

IHU On-Line – Qual a influência das redes sociais nos produtos de cultura pop?

Adriana Amaral – A influência é decisiva tanto no que diz respeito ao consumo e à própria discussão dos produtos. Casos de representatividades étnicas, sociais, de gênero, por exemplo, têm sido debatidas exaustivamente on-line. A força e a pressão que os fãs têm exercido aparece de várias formas, desde pequenos boicotes até a escrita de *fanfics*¹⁰, a produção de

fanvídeos. Enfim, a cultura pop pauta as redes sociais e as redes sociais se utilizam da cultura pop em sua linguagem e de diversas formas.

IHU On-Line – É possível fazer cultura pop – e fazer todos os seus produtos e valores circularem – sem considerar o ambiente virtual das redes sociais?

Adriana Amaral – Há uma questão apontada pelo teórico Marcel Danesi¹¹ que é de ordem histórica. Para ele, há um relacionamento entre os estágios das mídias (não num sentido hierárquico) para a entrega da cultura pop em seus mais variados formatos e conteúdo da própria cultura pop. A ideia de cultura pop, enquanto experimento e ao mesmo tempo um padrão inconsciente, que se retroalimenta e é retroalimentada pela mídia é útil para pensarmos na continuidade da mesma ao longo dos anos.

É essa característica – ser democrática mas de certa forma também padronizada – que faz com que seus valores circulem. Não há mais como pensar cultura pop e internet de formas separadas. Um caso como o sucesso do K-POP (Pop Coreano) no Brasil é um exemplo disso. É um fenômeno que depende da circulação on-line e que por retroalimentação tem feito muitos jovens estudarem coreano e até mesmo se interessarem pela cultura do país.

IHU On-Line – Qual é o impacto das redes sociais na relação entre fã e ídolo?

por fãs em blogs, sites e em outras plataformas pertencentes ao ciberespaço, que parte da apropriação de personagens e enredos provenientes de produtos midiáticos como filmes, séries, quadrinhos, videogames, etc. sem que haja a intenção de ferir direitos autorais ou obter de lucros. Portanto, tem como finalidade a construção de um universo paralelo ao original e também a ampliação do contato dos fãs com as obras que apreciam para limites mais extensos. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Marcel Danesi** (1946): professor de Semiótica e Antropologia Linguística na Universidade de Toronto, no Canadá. É conhecido por seu trabalho em linguagem, comunicação e semiótica, sendo diretor do Programa em Semiótica e Teoria da Comunicação. Ele também ocupou cargos na Universidade Rutgers (1972), na Universidade de Roma “La Sapienza” (1988), na Universidade Católica de Milão (1990) e na Universidade de Lugano. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Memés**: termo grego que significa imitação. Mas, no ambiente de internet, é uma imitação que ganha imensa proporção de popularidade, que se espalha rapidamente. Pode ser uma ideia, pessoa, imagem, música, etc. O conceito de “meme” foi criado pelo zoólogo e escritor Richard Dawkins, em 1976, quando escreveu no livro “The Selfish Gene” (O Gene Egoísta). Tal como o gene, o meme é uma unidade de informação com capacidade de se multiplicar, através das ideias e informações que se propagam de indivíduo para indivíduo. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Fanzine**: Aquilo que é organizado por fãs de um determinado tema, destinado a fãs do mesmo tema. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Star Trek**: é uma franquia de entretenimento norte-americana criada por Gene Roddenberry. A franquia iniciou-se como uma série de televisão em 1966, originalmente chamada *Star Trek* mas posteriormente renomeada para *Star Trek: The Original Series*. Essa série levou à criação dos spin-offs *Star Trek: The Animated Series*, *Star Trek: The Next Generation*, *Star Trek: Deep Space Nine*, *Star Trek: Voyager* e *Star Trek: Enterprise*. As seis séries de televisão são consideradas parte da mitologia de Star Trek, apesar de existir um debate acerca da posição de *The Animated Series* no cânone da franquia. Em 2017 virá ao ar a sétima série de televisão derivada, sob o título *Star Trek: Discovery*. O cânone de Star Trek também inclui uma série de filmes. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Fanfiction, fanfic, ficção de fã** ou ainda **fic-fã**: é uma narrativa ficcional, escrita e divulgada

Adriana Amaral – É uma relação de intimidade e performance mediada entre fãs e ídolos, embora cada caso deva ser pensado e analisado de forma distinta. Por um lado, temos a busca pelas informações sobre os artistas: datas de shows, álbuns etc. Por outro, há uma intimidade performatizada pelos artistas ao se colocarem em um plano mais próximo dos fãs. Lady Gaga¹² no Instagram, tomando café em sua casa, por exemplo. O artista que posta a foto no camarim antes do show, Justin Bieber¹³ bloqueando o Instagram porque xingaram sua nova namorada... Cada ato performativo amplifica essa relação na qual há evidentemente um gerenciamento das impressões, daquilo que o artista quer comunicar com o público.

Por outro lado, o fã também se utiliza desse expediente, por exemplo, retuitando quando o ídolo o responde, publicando a foto do encontro na rua, ou até em um nível como o do fã de Beyonce que fez um vídeo paródia

¹² **Lady Gaga** (1986): Stefani Joanne Angelina Germanotta, mais conhecida pelo nome artístico Lady Gaga, é uma cantora, atriz, compositora, produtora musical, modelo, ativista e dançarina estadunidense. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Justin Drew Bieber** (1994): é um cantor e compositor de música pop e R&B e ator canadense. (Nota da **IHU On-Line**)

e depois foi convidado a conhecê-la em um show. Nesse sentido é uma relação bastante distinta da relação estabelecida entre fãs e ídolos nas mídias convencionais onde o acesso era mais restrito.

IHU On-Line – Como, em tempos de redes sociais, as mídias tradicionais se reconfiguram?

Adriana Amaral – Assim como no início da internet ela remediava o impresso, o rádio e a TV, as mídias tradicionais também se reconfiguraram com as redes sociais da internet, sobretudo em tentativas de linguagens e formatos que articulam a participação da audiência on-line. Um bom exemplo é o MasterChef¹⁴.

IHU On-Line – De que forma é possível relacionar as interações no ciberespaço com a ocupação de espaços públicos e a promoção de eventos sociais?

¹⁴ **MasterChef Brasil**: é um *talent show* de culinária brasileiro exibido pela Rede Bandeirantes, baseado no consagrado formato original de mesmo nome exibido pela BBC no Reino Unido. Em Portugal, é exibido no canal SIC Mulher. (Nota da **IHU On-Line**)

Adriana Amaral – As interações em redes estão bastante relacionadas às ocupações e à promoção de eventos, embora não necessariamente uma coisa vá apenas levar à outra. No início dos anos 1990, alguns autores acreditavam e apostavam que haveria um isolamento das pessoas para viver no “mundo virtual”. A comunicação móvel desconstruiu bastante essa noção, embora obviamente isso sempre tenha sido uma falácia, pois não há uma separação tão dura entre o presencial e os ambientes on-line. Estamos na rua e estamos on-line. Se você observar muitas das pessoas que estão utilizando troca de mensagens, estão combinando encontros com os amigos, saídas, namoros, idas a shows, eventos.

Claro, há também que se considerar que quem tem tendências ao isolamento, vai ter mais facilidade para não sair. A questão da ocupação dos espaços públicos é um fenômeno mais complexo do que só a promoção dos eventos em redes; tem a ver com questões que passam por políticas públicas, cidadania, gentrificação, cidades inteligentes, entre outras questões. ■

Leia mais

- *Perfil de Adriana Amaral*, publicado na seção IHU Repórter, da revista **IHU On-Line** nº 359, de 2-5-2011, disponível em <http://bit.ly/2nfcFzz>.

- *A superficialidade e as relações sociais na web*. Entrevista especial com Adriana Amaral, publicada nas Notícias do Dia de 5-2-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2ndI7gQ>.

- *Twitter: a nova via da revolução?* Entrevista especial com Sandra Montardo, Pollyana Ferrari, Adriana Amaral e Matheus Lock dos Santos, publicada nas Notícias do Dia de 29-3-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2nfcq7q>.

Amazônia: biodiversidade e os serviços ecossistêmicos do bioma Amazônia

Prof. Dr. Antônio dos Santos – Fundação Rede Amazônica

26 de abril de 2017 (quarta-feira) 19h30 | Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros



Redes sociais formaram bolhas na internet que restringem circulação de opiniões e ideias

Nesses ambientes, a professora Raquel Recuero identifica a formação de uma modalidade de esfera pública

João Vitor Santos | Edição: Vitor Necchi

Ao refletir sobre a maneira como as pessoas se comportam nas redes sociais digitais, a professora Raquel Recuero evita falar em nova sociabilidade. “O que acontece é que os processos de criação e manutenção dos laços sociais podem ser diferentes”, explica. Essas redes, de modo geral, “formam uma modalidade de esfera pública porque proporcionam um espaço público onde há circulação de informações, debate e onde as opiniões públicas são formadas (e, muitas vezes, acirradas)”. No seu entendimento, é possível falar também em microesferas públicas, “pois as redes sociais passaram a fragmentar-se ideologicamente, constituindo ‘bolhas’ onde apenas algumas opiniões e ideias circulam livremente”.

Em relação às mídias tradicionais, ela acredita que as redes sociais digitais têm com elas uma relação de complementaridade. “A mídia social circula informação (nem sempre fidedigna) e cabe aos veículos jornalísticos, por exemplo, apontar quais dessas informações são verídicas e quais não são”, observa em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Conforme Raquel, se percebe, nas redes sociais digitais, “um acirramento dos posicionamentos políticos, seguido por uma apatia generalizada após o início do governo Michel Temer”. Nos últimos tempos, verifica-se “uma apatia muito grande quanto aos grandes temas”, como se houvesse um esgotamento. “Veremos de modo mais claro como o processo de impeachment e o governo atual impactaram nesses discursos, creio, agora em 2018”, projeta.

Raquel Recuero é doutora e mestra em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas – UCPel e em Direito pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Professora e pesquisadora dos cursos de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Autora de *Redes sociais na internet* (Sulina, 2009) e coautora, com Marco Toledo Bastos e Gabriela Zago, de *Análise de redes para mídia social* (Sulina, 2015).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – As redes sociais digitais proporcionam uma nova sociabilidade?

Raquel Recuero – Não sei se podemos falar em “nova sociabilidade”. O que acontece é que os processos de criação e manutenção dos laços sociais podem ser diferentes. Por

exemplo, é possível você conhecer alguém on-line primeiro, conhecendo as ideias e os posicionamentos deste ator, e apenas conhecê-lo pessoalmente depois. Ou seja, primeiro você conhece como a pessoa pensa e constrói sua visão de como é sua personalidade e somente depois a

conhece fisicamente. A manutenção dos laços também se dá de modo diferente, uma vez que os sites de rede social mantêm essas conexões e você recebe informações sobre os atores por eles. Esses dois processos são diferentes off-line: você precisa primeiro conhecer alguém fisi-

“A mídia social circula informação (nem sempre fidedigna) e cabe aos veículos jornalísticos, por exemplo, apontar quais dessas informações são verídicas e quais não são”

camente para depois conhecer sua personalidade. Para manter o laço nesse contexto, é preciso interação, é preciso conversar com as pessoas. O acesso ao capital social também se dá de modo diferente, e o ambiente on-line também proporciona formas de acesso a valores diferentes. Então há uma série de diferenças em termos sociais.

IHU On-Line – As redes sociais na internet constituem uma esfera pública? Por quê?

Raquel Recuero – Acredito que sim, levando em conta o segundo conceito de Habermas¹ (há diferentes conceitos de esfera pública). Mas, de modo geral, essas redes formam uma modalidade de esfera pública porque proporcionam um espaço público onde há circulação de informações, debate e onde as opiniões públicas são formadas (e, muitas vezes, acirradas). Hoje, podemos falar também em microsferas públicas, pois as redes sociais passaram a fragmentar-se ideologicamente, constituindo “bolhas” onde apenas algumas opiniões e ideias circulam livremente. Há uma mudança em curso, que precisa ser analisada em termos de impacto na sociedade nessas bolhas.

1 **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o *logos* deve se construir pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Que mudanças as redes sociais digitais impõem às mídias tradicionais (rádio, TV e jornal), desde a produção de conteúdo até a relação com seus públicos?

Raquel Recuero – Creio que têm sido complementares. A mídia social circula informação (nem sempre fidedigna) e cabe aos veículos jornalísticos, por exemplo, apontar quais dessas informações são verídicas e quais não são. A mídia social também tem sido vista como câmara de eco para a televisão, onde é possível compreender como as pessoas assistem à TV, o que veem e o que comentam.

IHU On-Line – Recentemente, a senhora produziu uma reflexão a partir da discussão que gerou nas redes sociais a mudança da vinheta de Carnaval da Rede Globo². O que todo esse episódio revela sobre as discussões nas redes sociais? E que associações podemos fazer com os acalorados debates políticos polarizados?

Raquel Recuero – Há uma associação entre as redes sociais na internet e um novo tipo de esfera pública que constitui e reverbera discursos. As pessoas discutem, comentam, apontam elementos sobre o que acreditam ou não nos sites de rede social, talvez, até mesmo, com menos escrúpulos do que nesses debates e discussões presenciais.

2 <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2017/01/a-nova-vinheta-da-globeleza-e-o-discursao-no-twitter.html>

No caso da vinheta de Carnaval, há discussões positivas sobre o papel da mulher negra, por exemplo, bem como comentários negativos, mas vemos um embate discursivo relevante sobre a exploração do corpo das mulheres. Há um debate que, até então, não aparecia nessas ferramentas. Ao mesmo tempo, também observamos, desde 2014, uma polarização nos debates políticos na mídia social, um acirramento e radicalização dos discursos políticos. Ou seja, vemos esses espaços como esferas públicas onde podemos observar a constituição e a mudança dos discursos na sociedade, através dessas conversações. Essas mudanças refletem outras mudanças sociais, mas não sei se podemos dizer que são causas. Há sim, nas redes sociais na internet, uma exposição maior a discursos diferentes, mas também uma resistência muito grande a eles.

IHU On-Line – As redes sociais digitais endossam discursos sociais padrões, reiterando preconceitos, por exemplo, sobre gênero e identidade sexual, ou podem apresentar novas perspectivas? Por quê?

Raquel Recuero – Temos visto, desde 2014, por exemplo, uma mudança importante na descrição das mulheres no Dia Internacional da Mulher. O conceito de feminismo cresceu muito nas discussões, enquanto outros posicionamentos mais conservadores foram desaparecendo. A ideia de que o dia da mulher é propício para flores, bombons ou a redução da mulher a estereó-

tipos (bela, recatada e do lar, vadia etc.). A descrição mudou bastante. Os temas associados também. Ou seja, podemos ver que há mudanças nos discursos que são aceitos e não aceitos pela sociedade, entre o que se “pode” ou não dizer. Mas não sei se podemos ver isso como uma consequência da mídia social, ou se é simplesmente um sintoma de uma mudança maior.

IHU On-Line – Como a violência contra a mulher é atualizada no ambiente de redes sociais digitais? Quais os desafios para se proteger e denunciar? Que analogias podemos fazer com o mundo off-line?

Raquel Recuero – Acredito que existe um reflexo na mídia social das ideias presentes na sociedade sobre as mulheres. O que se “diz” ali é o que se vê como aceitável, o que se escuta sobre gênero, raça e identidade sexual. Assim, os discursos que circulam estão ali. E penso que na base da violência contra as mulheres (e minorias) está esse discurso. Por isso, quando podemos observá-lo, podemos compreender as raízes da violência física, que é apenas um dos vários tipos de violência. A violência simbólica, assim, a violência do dis-

curso, é fundamental para que compreendamos como a violência física aparece e como se correlacionam. Este é um projeto que temos em andamento, mas ainda não há resultados finais.

“Há sim, nas redes sociais na internet, uma exposição maior a discursos diferentes, mas também uma resistência muito grande a eles”

IHU On-Line – Como analisa os movimentos e manifestações políticas no Brasil desde o início do processo de impeachment de Dilma Rousseff até agora, nas redes sociais pela internet? E como compreender esses movimentos

à luz das manifestações de rua?

Raquel Recuero – Vimos um acirramento dos posicionamentos políticos, seguido por uma apatia generalizada após o início do governo Michel Temer³. Até pouco tempo após o impeachment⁴, havia muita coisa sobre política e contra e a favor do PT. O que temos observado agora é uma redução desse acirramento, uma apatia muito grande quanto aos grandes temas. Há manifestações contra a reforma da previdência, por exemplo. Mas não vemos mais manifestações partidárias, parece que houve um esgotamento. Veremos de modo mais claro como o processo de impeachment e o governo atual impactaram nesses discursos, creio, agora em 2018. ■

³ **Michel Temer** (1940): Michel Miguel Elias Temer Lulia é político e advogado brasileiro, ex-presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Atual presidente do Brasil, após a deposição por impeachment da presidenta Dilma Rousseff naquilo que inúmeros setores nacionais e internacionais denunciam como golpe parlamentar. Foi deputado federal por seis legislaturas e presidente da Câmara dos Deputados por duas vezes. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Impeachment**: a economista e política brasileira Dilma Rousseff (1947), filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), foi presidente do Brasil de 2011 (primeiro mandato) até 31 de agosto de 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment movido contra ela. No dia 31 de agosto, o Senado Federal, por votação de 61 votos favoráveis ao impeachment e 20 contra, afastou Dilma definitivamente do cargo. (Nota da **IHU On-Line**)

O Cerrado Brasileiro: berço das águas e celeiro do mundo

Prof. Dr. José Felipe Ribeiro
– Universidade de Brasília – UnB

08 de maio de 2017 (segunda-feira)
19h30 | Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros



14º Féscoa IHU

OS BIOMAS BRASILEIROS
E Δ TEIA DA VIDA



19h30min às 22h – Conferência: Itinerários versados – redes, pertencças e modos de ser nas periferias de Porto Alegre



**10 de maio
(quarta-feira)**

Conferencista
Prof. Dr. Leandro Rogério
Pinheiro – UFRGS

53

5º CICLO DE ESTUDOS

Políticas públicas e
tecnologias de governo.

ME
TRÓ
PO
LES

A centralidade das
PERIFERIAS
brasileiras.

UNISINOS | São Leopoldo
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br



Crítica social pela leitura teológica-literária de *Incidente em Antares*

Rita de Cassia Luckner demonstra como as perspectivas do *bem* e do *mal* na obra de Erico Verissimo se associam aos conceitos de Tomás de Aquino

Patricia Fachin e João Vitor Santos

Literatura e Teologia são campos que se cotejam. Para a professora Rita de Cassia Scocca Luckner, mestra em Ciências da Religião, a Literatura pode ser um caminho para se aproximar de conceitos e dogmas tratados na Teologia. São esses os movimentos que faz na análise minuciosa da obra *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo. “Linguagem simbólica, própria da Literatura e da Teologia, possibilita observar elementos dentro da obra que indiquem a ambivalência da natureza humana, em que o Bem (virtudes) e o Mal (pecados) inevitavelmente coexistem”, destaca. É uma articulação, segundo a professora, que aproxima Verissimo de Tomás de Aquino. “A articulação das pontuações de Tomás de Aquino acerca dos sete pecados capitais, para a releitura da obra *Incidente em Antares*, permite uma reflexão sobre o comportamento humano por meio de uma analogia com os personagens da trama”, completa.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Rita também destaca a crítica social presente na subjetividade da história contado por Verissimo. “A

greve ocorrida na fictícia Antares afirmou-se como convocação democrática, pela qual os trabalhadores exercem pressão sobre a força empresarial para negociação, buscando conquistar melhores condições de trabalho”, pontua. Para ela, a Literatura se permite uma liberdade de crítica, que sempre motiva reflexões mais densas acerca de uma ética humana. E, para isso, busca uma ancoragem contextualizadora na realidade que se vive. “Erico Verissimo dá voz a pensamentos e questões sociais que faziam parte do seu contexto, mas também de contextos passados e que se estendem ao contexto presente, visto que a desigualdade social e problemas relacionados à política continuam sendo aspectos da realidade atual”, analisa.

Rita de Cassia Scocca Luckner possui graduação em Letras – Português e Inglês pela Universidade do Grande ABC. Também é especialista em Língua Inglesa e mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – Umesp. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em projetos educacionais.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a ambivalência da natureza humana acerca do bem e do mal é expressa na obra *Incidente em Antares*¹, de Erico Verissimo²?

1 Porto Alegre: Globo, 1975. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Erico Verissimo** (1905-1975): um dos mais importantes escritores brasileiros. Em 1932, o autor publica uma coletânea de contos “Fantoche”, sua estreia na literatura. Recebeu o Prêmio Machado de Assis, com *Música ao Longe*, e o Prêmio Graça Aranha, com *Caminhos Cruzados*. Integra o Sé-

Rita de Cassia Scocca Luckner – Erico Verissimo, assim como os demais escritores modernistas da década de 1930, voltou sua atenção

segundo Tempo Modernista (1930-1940), período em que a literatura brasileira refletiu os problemas sociais do país. A obra de Erico costuma ser dividida em três fases: Romance urbano; Romance histórico e Romance político. Na segunda, encontra-se o épico *O tempo e o vento*, trilogia (O Continente, O Retrato e O Arquipélago) que cobre 200 anos da história do Rio Grande do Sul, de 1745 a 1945. (Nota da **IHU On-Line**)

para os problemas de sua realidade imediata, devido principalmente ao momento de efervescência política pelo qual o país passou em sua época, o que ocasionou o surgimento de uma literatura regional, caracterizada pela crítica e denúncia social. Porém, Erico Verissimo foi além dos problemas relacionados à política, compondo obras diversificadas, carregadas de humanidade e valores

“A morte representa o final da vida, a inevitável transitoriedade à qual o ser humano está submetido

éticos. A obra *Incidente em Antares*, último romance de Verissimo, escrita em 1971, mistura fatos da vida real, vivenciados pela sociedade da época do autor, com fatos ficcionais, próprios da farsa fantástica. Trabalha com a linguagem de paradoxos: fato X ficção, novo X velho, opressores X oprimidos, vida X morte, Bem X Mal etc., assim como a linguagem própria da realidade humana.

Incidente em Antares retrata, entre outros acontecimentos, o surgimento de uma cidade que sempre esteve permeada pela violência e pelo autoritarismo. Após vários anos sofrendo injustiças, a classe carente e desfavorecida da cidade, composta principalmente pelos operários e funcionários das empresas localizadas na cidade fictícia de Antares, resolve fazer uma greve geral para reivindicar seus direitos. Devido ao ocorrido, sete defuntos deixam de ser sepultados pela paralisação de todos os setores, inclusive o dos cozeiros.

Deixados ao relento, os defuntos levantaram-se um a um de seus esquifes e marcharam em direção ao centro da cidade para uma conversa, em particular, com as autoridades de Antares. Naquele dia 13, sérias revelações foram proferidas, como uma espécie de julgamento e de confissão, feitas pelos defuntos, por causa da liberdade que a morte lhes dava. Livres de convenções, os defuntos deixam as suas “máscaras caírem” e desmascaram os demais cidadãos, provocando arrependimentos ou resistência diante das revelações feitas. Assim, vão conferindo a ambivalência humana, que parte das ações

dos personagens da trama para relacionar-se à vida real, visto que o ser humano é um ser que carrega em si o bem, pois, por ser criação de Deus, é, em essência, pleno de virtude, porém possui o livre-arbítrio e isso lhe confere as escolhas para a vida, que quando são feitas de forma incorreta podem servir de porta de entrada para o mal.

IHU On-Line – Como a morte é personificada na obra? Em que medida ela é posta como depuração de todo o mal?

Rita de Cassia Scocca Luckner
– A morte representa o final da vida, a inevitável transitoriedade à qual o ser humano está submetido, mas que se torna cômica na obra com o surgimento de sete defuntos com seus corpos em deterioração, que agem como se estivessem vivos: andam, falam, visitam familiares e amigos. Sendo assim, torna-se uma inversão do sentido da morte a partir do momento em que os cidadãos encaram o incidente como sendo algo aceitável e inclusive concordam em comparecer ao encontro marcado pelos defuntos. Tal encontro em praça pública e a revelação feita pelos mortos sobre as faltas cometidas por eles e pelos poderosos de Antares, que remete a um julgamento, acabam por ser motivo de riso para alguns moradores da cidade, tornando-se uma carnavalização do inferno: a declaração dos pecados dos mortos e de seus cúmplices, o sofrimento das vítimas perante a crueldade de seus malfeitores, as injustiças e crimes, entre outras faltas cometidas, que

foram proferidas com tom de deboche, o que tornou o encontro na praça central de Antares uma arena de comicidade.

O conceito de *carnavalização* foi elaborado a partir das observâncias feitas por Mikhail Bakhtin³ sobre a obra de Rabelais, escrita na Idade Média, em que o conjunto de elementos carnavalescos, dentro da visão oficial do inferno, passa a ser chamado de *Carnavalização do inferno*: o inferno visto como símbolo da cultura oficial, como encarnação do acerto de contas, como imagem do fim da vida e do julgamento definitivo sobre ela, que é transformado em um alegre espetáculo, ideal para ser montado em praça pública e no qual o medo é vencido pelo riso graças à ambivalência dessas imagens.

O riso literário, na Idade Média, não era permitido dentro dos domínios sacros, mas a nobreza e o clero não tinham como controlar a oralidade cômica criada e propagada pelo povo, inclusive como forma de libertação do dogmatismo religioso imposto na época e da realidade

³ **Mikhail Mikhailovich Bakhtin** (1895-1975): linguista russo. Seu trabalho é considerado influente na área de teoria literária, crítica literária, análise do discurso e semiótica. Bakhtin também é considerado como filósofo da linguagem, e sua linguística é uma “translinguística” porque ela ultrapassa a visão de língua como sistema. Isso porque, para Bakhtin, não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise linguística deve incluir fatores extralinguísticos como contexto de fala, intenção do falante, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico. Bakhtin professa uma abordagem marxista da língua e da linguística, pois para ele “a palavra é o signo ideológico por excelência” e também “uma ponte entre mim e o outro”. Alguns conceitos fundamentais de Bakhtin são o dialogismo, a polifonia, a heteroglossia e o carnavalesco. Entre suas obras, destacamos *Problemas da poética de Dostoiévski* (2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

que enfrentavam aqueles que pertenciam às camadas inferiores da sociedade em contraste ao poder da riqueza aristocrática. A sátira meni-peia⁴ é um gênero que possui a estrutura carnavalesca e sua característica particular é a capacidade de abranger elementos relacionados ao céu, terra e inferno, que podem indicar morte simbólica ou alegre, ou paródia do corpo humano. A morte simbólica é significativa, pois representa a morte do antigo regime e o nascimento de outro, e incorpora elementos da utopia social, pois abala o poder do sistema e estimula a mudança ou denúncia de um estado de acomodação.

A obra *Incidente em Antares* se aproxima dessas características, pois indica um desejo de transformação, tempo de novos pensamentos complementarem as tradições, ou mesmo substituírem o antigo visando melhorias coletivas. Para que a disparidade econômica que somente existe em função de interesses políticos, sociais e econômicos pudessem dar lugar à igualdade de direitos e oportunidades independente de classe social, a greve ocorrida na ficção *Antares* afirmou-se como convocação democrática, pelo qual os trabalhadores exercem pressão sobre a força empresarial para negociação, buscando conquistar melhores condições de trabalho. Encontra-se na morte em *Antares* a representação da crítica político-social, como reflexo da sociedade, como também crítica ao comportamento humano, e, para tanto, o autor coloca a morte para confrontar os vivos, como um meio de reforçar a ideia de que as boas mudanças partem das reflexões das ações humanas.

IHU On-Line – Que relações você estabelece entre essa obra de Erico Verissimo e os pecados

⁴ **Sátira meni-peia:** é uma forma de sátira escrita geralmente em prosa, com extensão e estrutura similar a um romance, caracterizada pela crítica às atitudes mentais ao invés de a indivíduos específicos. Teria sido criada por Menipo, escritor grego antigo cujas obras não restaram, mas foi principalmente mantida por Luciano de Samósata e Marco Terêncio Varrão. Outras características são as diferentes formas de paródia e crítica aos mitos da cultura tradicional. (Nota da **IHU On-Line**)

dos capitais e virtudes morais listados por Tomás de Aquino⁵?

Rita de Cassia Scocca Luckner – Uma obra literária como a de Erico Verissimo está sempre aberta para novas (re)leituras, o que a torna sempre atual. Ela é também profética e escatológica, pois é uma ligação da realidade para algo ainda maior; dessa forma, a vida não é vista como apenas realidade dogmática, mas como possibilidade de questionamentos e de novas possibilidades. É possível observar a linguagem alegórica em *Incidente em Antares*, onde os personagens mortos trazem um significado mais amplo que apenas a indicação da transitoriedade do ser humano. Nos conflitos entre os poderosos e a população pobre de *Antares*, que são narrados desde a primeira parte do livro, já é uma prova de ira, soberba, inveja e até mesmo de gula, não por comida, mas por poder, fama, terras ou outros bens materiais.

Assim, o incidente com os sete mortos servirá para representar os pecados capitais que desde o início do povoamento de *Antares* foram demonstrados, e que, por meio da linguagem simbólica, própria da literatura e da teologia, possibilita observar elementos dentro da obra que indiquem a ambivalência da natureza humana, em que o Bem (virtudes) e o Mal (pecados) inevitavelmente coexistem. A articulação das pontuações de Tomás de Aquino acerca dos *sete pecados capitais*, para a releitura da obra *Incidente em Antares*, permite uma reflexão sobre o comportamento humano por meio de uma analogia com os personagens da trama. A busca pela felicidade traz ao homem desejos que podem ser guiados pelo bem ou pelo mal. Desejar algo excessivamente provoca um desequilíbrio e faz o ser

humano pensar e agir de forma prejudicial a si mesmo e às outras pessoas. O pecado é especificamente um bem que foi pervertido por ele.

Tomás de Aquino analisou e elaborou uma lista contendo os sete pecados capitais, finalizando-a da seguinte forma: Vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia. A palavra capital vem de *caput*, latim, relativo à cabeça, e pode significar: principal, líder, chefe, aquele que comanda. É nesse sentido que Tomás de Aquino, que uniu pensamentos filosóficos aos pensamentos cristãos, refere-se aos pecados capitais, pois seriam os chefes que comandam outros pecados, isto é, dão origem a outros vícios que são condicionamentos para o humano agir mal.

Bem e mal em si

Outra pressuposição tomista é que o ser humano é um ser ambivalente que carrega em si o bem, porém, que pode agir pelo mal que corrompe parcialmente suas virtudes. A partir do axioma da simbologia do número sete como número ambivalente, em que se revelam o divino e o infernal, e considerando que Erico Verissimo cria sete personagens defuntos, verifica-se que não somente os pecados podem ser listados dentro da obra *Incidente em Antares*, mas também as virtudes. As virtudes são consideradas, seguindo os estudos tomistas, *habitus* operativos bons no sentido de serem aspectos naturais do ser humano. Hábitos (*habitus*) humanos são predisposições que se interpoem entre as faculdades humanas e os atos humanos.

Tomás de Aquino divide as virtudes em três: intelectuais, morais e teologais, mas, segundo o aquinate, toda virtude pode ser definida por sua relação com o bem, assim, outras virtudes também podem fazer parte da natureza humana, como a *contemplação*, *delicadeza*, *equidade*, *ética*, *indignação*, *sobriedade*, *solidariedade*, *tolerância*, as quais estão relacionadas diretamente às três classificações das virtudes feitas por ele. O personagem padre Pedro-Paulo, figu-

⁵ **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas *Summae*, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

ra virtuosa na trama, tem em sua natureza, entre as virtudes que lhe podem ser direcionadas, a *contem-plação*, *delicadeza* e *equidade*. O jovem padre busca refletir sobre os questionamentos quanto às injustiças as quais ele observa e, por meio do amor ao ser humano, ele busca defender aqueles que são negligenciados pelas autoridades, porém, é no amor divino que ele se fortalece para lutar pelos necessitados.

A literatura também oferece abertura para o exercício da indignação, pois é o espaço de dramatização dos saberes, pensamentos e sentimentos humanos, que são lidos e atualizados pelos leitores. Tal aspecto pode ser também observado na obra de Erico Verissimo, sendo que a crítica social, em que há indignação perante as injustiças, está fortemente marcada por seus personagens marginalizados.

Sobriedade

A *sobriedade* é uma qualidade relacionada às outras virtudes. Pois, indivíduos que vivem em uma sociedade virtuosa, em que há bondade e justiça, colaboram com o aperfeiçoamento do todo, tornando-o sóbrio. A *solidariedade* é vista como uma das maiores manifestações de amor, em que há a disponibilidade para o outro, pelos direitos comuns e o empenho pelo bem-estar e compreensão do próximo. Na obra de Verissimo, observa-se o relato de que a notícia sobre o incidente correu para fora dos limites de Antares, e chamou a atenção de repórteres e fotógrafos de jornais de Porto Alegre que chegaram à cidade para conferir os tais fatos insólitos. Tentaram entrevistar, em vão, diversos cidadãos, inclusive foram até a Vila Operária para falarem com o padre Pedro-Paulo, que lhes disse: “– Querem um conselho? Deixem os mortos em paz. Tratem dos vivos ou, antes, dos subvivos... Os marginais que se encontram numa condição mais animal do que humana. Os nossos favelados”. (VERISSIMO, 2005, p. 403).

Essa preocupação de Pedro-Paulo com a comunidade carente e ne-

gligenciada é mais um indicativo de suas qualidades voltadas para o bem e que representam as virtudes: *indignação* – pois ele não aceitou passivamente que se cometessem injustiças; *sobriedade* – porque o bem comum era uma de suas metas; *solidariedade* – ao se dispor a ajudar o próximo; e *tolerância* – pois sua luta também inclui a defesa dos que sofrem intolerância.

A obra *Incidente em Antares* apresenta a luta de indivíduos que são tratados com desigualdade e desrespeito, mas que não se encontram sozinhos. Personagens como o padre Pedro-Paulo, padre Gerônimo, Zóximo, João da Paz, professor Martim, entre outros, se apresentam tanto pelo sofrimento como em solidariedade aos que sofrem, mesmo que manifestações de virtudes apareçam em níveis diferentes.

“A greve ocorrida na fictícia Antares afirmou-se como convocação democrática”

IHU On-Line – Como, desde uma perspectiva teológica, é possível pensar o ser humano a partir dos personagens de Erico Verissimo? Como compreender a representação de cada um dos personagens defuntos?

Rita de Cassia Scocca Luckner – Refletir sobre o ser humano e seu modo de agir na sociedade, que abrangem seus valores e limites, e recriar a realidade por meio da linguagem simbólica, são aspectos que indicam a relação dialógica entre literatura e teologia. As relações entre tais saberes têm sido temas de várias pesquisas, sobretudo em cur-

sos de pós-graduação em Ciências da Religião e Teologia, cujos trabalhos acadêmicos produzidos, como teses e dissertações, são de grande valia, visto que teologia e literatura dialogam entre si sem perderem suas essências. Aproximam-se uma da outra tanto pela linguagem simbólica e metafórica de suas estruturas, como também pelo caráter antropológico em que temas religiosos e criativos permeiam ambos os textos – teológico e literário – e permitem reflexões sobre o ser humano e sua relação com o próximo e com o meio, que abrange seus valores e limites.

Com a releitura da obra, constatou-se que os personagens criados por Erico Verissimo escolheram caminhos diferentes para o seu mundo de ficção. Dessa forma, pode-se pensar teologicamente no ser humano do mundo real, visto que o conhecimento sobre a natureza humana pode surpreender, mas em sentido duplo, negativo e positivo, o que lhe dá a escolha para construir e afirmar a sua fé.

Devido à greve geral ocorrida em Antares, os coveiros se recusaram a realizar o sepultamento dos sete falecidos naquele dia, ficando assim, enfileirados os esquifes de onde saíram os corpos já em estado de putrefação, como que despertados do sono. Dona Quitéria, Cícero Branco, Menandro Olinda, José Ruiz, Pudim de Cachaça, Erotildes e João da Paz olharam-se tentando entender a situação. Entre eles, em vida, havia um distanciamento em relação à classe social, uns viveram uma vida de poder aquisitivo, outros de miséria e descaso. No entanto, com a condição de mortos, nada mais os diferenciava. A morte simboliza o aspecto perecível e destrutível da existência, mas também é indicadora de revelação e introdução. Segundo Chevalier⁶ & Gheerbrant⁷ (2008),

⁶ **Jean Chevalier** (1906-1993): um escritor, filósofo e teólogo francês. Ele é conhecido por suas colaborações no *Dictionary of Symbols*, publicado pela primeira vez em 1969, pela Editions Robert Laffont. O *Dicionário de Símbolos*, coescrito pelo poeta francês Alain Gheerbrant, é uma obra enciclopédica de antropologia cultural dedicado ao simbolismo de mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números encontrados na mitologia e folclore. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Alain Gheerbrant** (1920-2013): um poeta, es-

a morte indica que o ser humano precisa chegar ainda mais longe e que ela é a própria condição para o progresso e para a vida. Ela dá a estrutura familiar e da sociedade, pois é fim e recomeço; para que uns nasçam, outros precisam morrer, é o ciclo natural da vida, sendo algo também positivo.

Os personagens e os pecados

Pode-se apontar que na obra *Incidente em Antares* os sete mortos indicam não apenas a podridão de suas falhas, mas o tempo de renovação, como uma chance que lhes foi dada para uma necessária reflexão. A partir de informações recolhidas no texto de Verissimo, nota-se que o autor construiu um caráter para cada um dos personagens defuntos, o que possibilita que sejam relacionados a um pecado capital: Dona Quitéria, a matriarca da família Campolargo, pode ser relacionada à *soberba*. Por ser descendente de uma das famílias mais poderosas de Antares, ela fazia parte da burguesia local e julgava-se superior principalmente por seus conhecimentos em relação à política, acreditava estar sempre certa em suas opiniões e gostava de dar ordens e lição de moral. Seus atos de caridade eram apenas para demonstrar que era boa cristã, mas eram poucos, comparados ao que poderia fazer com todo o prestígio e poder financeiro que possuía, porém a presença de pessoas humildes nunca lhe foi agradável, a menos que fosse para prestar-lhe serviços.

O advogado, Dr. Cícero Branco, pode ser associado à *avareza*. Era desonesto em seus atos, para conseguir dinheiro forjava documentos aos clientes que transgrediam as leis. Para ele não bastava trabalhar como um advogado e ganhar o que lhe era cabível honestamente, mas sim trapacear no que fosse preciso para adquirir mais. O maestro Menandro Olinda pode ser relacionado à *acídia*, pois, sem coragem de enfrentar os problemas da vida, solidão e fracasso

profissional, e demais frustrações, comete suicídio.

O senhor José Ruiz, o sapateiro conhecido como Barcelona, pode ser associado à *inveja*. Sempre estava julgando e comentando sobre a vida alheia, se alegrava com a desgraça do outro, diminuía as qualidades do próximo, falando mal dele pela murmuração, fofoca, ou abertamente, detração. O bêbado, Pudim de Cachaça, com a *gula*. Ele que não tinha moderação pela bebida, estava sempre embriagado e por esse motivo tinha a perda da razão, o que provoca falatórios supérfluos, a alegria néscia, a imundície e a expansividade debochada nos gestos por falta de compostura. A prostituta Erotildes, nome que pode sugerir “erotismo”, relacionada à *luxúria*.

O jovem João da Paz pode ser associado à *ira*. Irar-se nem sempre pode ser considerado um ato pecaminoso, pois segundo Tomás de Aquino, assim como os sentidos, a ira pertence à natureza humana, é a força dada pelo Criador que permite atacar um mal adverso. Porém, tornou-se um pecado capital em João da Paz, pois sendo uma pessoa de baixa condição e dependente de outras, isto é, do governo e leis, sente-se injustiçado pela falta de assistência com igualdade entre as classes sociais, revoltou-se e não mediu as consequências ao pôr em prática seus planos de vingança. Nesse momento, a ira deixa de ser da natureza vinda da benevolência de Deus e passa a ser denominada um pecado capital.

Tais analogias não se dão de forma explícita, mas implicitamente por meio dos símbolos e analogias apontadas no texto literário, que são os caminhos para perceber as diversas interpretações que ele pode suscitar e que se renova a cada releitura. Entende-se, por tais considerações, que o encontro entre vivos e mortos não apenas é um julgamento, mas uma conscientização acerca da natureza humana e uma valorização da própria existência.

IHU On-Line – O que representam os vícios materializados

nos personagens de *Antares*?

Rita de Cassia Scocca Luckner – A correlação de *Incidentes em Antares* com os pecados capitais requer maior reflexão sobre a noção de pecado, que, embora repleta de significados que variam com os contextos históricos e culturais, associada a faltas e vícios pode remeter ao cristianismo e temas bíblicos sobre culpa e redenção. Porém, na maioria dos sistemas religiosos ou tradições espirituais encontram-se debates e reflexões sobre as atitudes humanas que se apresentam tanto como referências daquilo que se considera como representação do mal. Portanto, são condenáveis porque significam distanciamento daquilo que é ou se relaciona com o bem. Podem levar o ser humano ao sofrimento tanto de si mesmo como do próximo.

Portanto, a reflexão dessas noções pela literatura é válida, uma vez que em diversos excertos notam-se nuances de religiosidade ou que demonstram certo sentido espiritual, que é o sentimento que impulsiona o ser humano a reconhecer a divindade independentemente de culto ou doutrinas determinadas. Ou seja, em que não é referida essa ou aquela religião, mas a força que confere esperança ao ser humano. Moser⁸ (2012) afirma⁹ que a ideia de pecado, além de remeter para o mistério da condição humana, também interroga todo o seu modo de ser e de agir. Dessa forma, quando se fala em pecado, fala-se também em responsabilidade. O ser humano se distancia dos planos divinos para trilhar seus próprios caminhos por seus próprios planos. A partir dessa desvinculação com a criação, em vez de caminhar solidariamente para combater o mal em todas as suas formas, o ser humano aciona o mal, tornando-se responsável por ele: a guerra, a morte, a fome, a miséria,

⁸ **Antônio Moser**: falecido em 2016, foi diretor-presidente da Editora e do Editorial Vozes, professor de Teologia Moral e Bioética no Instituto Teológico Franciscano - ITF em Petrópolis, Rio de Janeiro, pároco da Igreja de Santa Clara, Diretor do Centro Educacional Terra Santa. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ MOSER, Antônio. O Pecado: do descrédito ao aprofundamento. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Nota da entrevistada)

a marginalização, a poluição, a ignorância, a doença, o desespero.

Visita ao pecado em vida

Em *Incidente em Antares*, enquanto os defuntos esperavam pela hora do encontro na praça central, eles resolveram ir “rever seus afetos e assombrar os seus desafetos”. Nessa visita aos antigos lares, os personagens defuntos se deparam com a realidade: os pecados que cometeram em vida, naquele momento lhes eram nítidos e vieram em suas mentes como que uma punição para suas almas. Eles puderam observar o modo como viviam, pois a condição de mortos lhes eliminava os deveres ou obrigações para com a sociedade, e perceberam não só as suas próprias, mas também as falhas ou vícios das pessoas próximas a eles. Na ocasião do encontro na praça, após terem sido acusados de trazerem males à cidade de Antares pela podridão e terem sido comunicados que os sepultamentos não seriam feitos devido à greve, os defuntos decidem explorar também a podridão dos vivos.

Dr. Cícero Branco, representante dos mortos, exclamou: “– Hipócritas! – Impostores! Simuladores! Eis o que sois... Vista deste coreto, do meu ângulo de defunto, a vida mais me parece um baile de máscaras... Ninguém usa a sua face natural...”. Dessa forma, os personagens defuntos “retiraram” as máscaras da população antarense, revelando sua própria condição. A podridão de seus corpos representava a podridão da sociedade corrompida pela ganância, falsidade, desamor, enfim, pelos vícios.

IHU On-Line – De que forma a virtude, e a busca por ela, aparecem na obra? Quem são os virtuosos e o que é preciso fazer para se tornar um?

Rita de Cassia Scocca Luckner – O texto literário deve ser observado como texto implícito. Os diálogos de um texto literário se estendem ao passado e ao futuro em que se

apresentam sem limites, inacabados, pois, eles se encontram e se renovam. No movimento dialógico do texto existem sentidos que por um tempo permanecem esquecidos, mas que, em determinados momentos, tais sentidos são lembrados e renovados para reviverem em novo contexto. Dessa forma, tanto a leitura acerca dos pecados capitais, como também das virtudes, dentro da obra pode surgir de diferentes maneiras e intensidades.

Para Bakhtin, o romance é um gênero literário plurilinguístico, que carrega em si os demais gêneros e é uma ruptura da representação do mundo fechado, definido, do passado que já terminou. O romance possibilita, pelo seu *plurilinguismo*, o espaço em que se misturam diferentes discursos com gradações diversas, uma tensão entre vozes sociais. Assim, várias leituras sobre a virtude podem ser feitas dentro da obra e uma delas é que está representada nas passagens que envolvem o personagem Pedro-Paulo. Ele, juntamente com o personagem padre Gerônimo, têm posições importantes, pois representam a Igreja e a religião Católica em fases diferentes da sua história, apresentando uma contraposição do passado e do presente, e as eclesiologias do pré e pós-Concílio Vaticano II.

A trama narrada no livro, o “incidente” coincide com a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II da Igreja Católica Romana, que foi aberto sob o pontificado de João XXIII, no dia 11 de outubro de 1962, e finalizado no dia 8 de dezembro de 1965, no papado de Paulo VI. Segundo o romance, “O incidente” ocorreu na sexta-feira 13 de dezembro do ano de 1963. A obra demonstra, por meio do padre Pedro-Paulo, a mudança da religião Católica para uma Igreja aberta e próxima dos acontecimentos do mundo e problemas da sociedade, que era algo essencial para que a sociedade cristã estivesse mais ligada à religião na sua busca de respostas para as questões existenciais. O jovem padre se apresenta na obra com pensamento contemporâneo e como o mais engajado, voltado para

os problemas de ordem prática e que se relacionam diretamente à comunidade pobre, o que permite uma analogia com preceitos da Teologia da Libertação.

Considerando os estudos acerca do livre-arbítrio utilizados na análise da obra, percebe-se o impacto do poder das escolhas na vida humana. O ser humano foi apontado por Tomás de Aquino como um ser essencialmente ético, a partir da análise de sua capacidade de agir, dando a si mesmo uma orientação intelectual, livre e responsável, elementos que estão relacionados às virtudes. Mas, apesar de seu caráter negativo, considerado como ausência do bem, o pecado se inscreve em todo ser humano, atingindo todas as suas capacidades, podendo modificá-lo. Sendo o livre-arbítrio uma potência de escolha (*vis electiva*), ele é o expoente da razão e da vontade, sendo que a vontade, por seu poder de escolha enquanto atingida pela razão, pode e deve tender para meios que ensejam o alcance do bem como um fim. As boas escolhas seriam um indicativo para se alcançar a virtuosidade, porém não se pode deixar de reconhecer que o ser humano é ambivalente, portanto está sujeito a cometer falhas.

IHU On-Line – Em *Incidente em Antares*, como a capacidade de escolha entre o bem e o mal se dá? E, nesse sentido da capacidade humana de escolha, que reflexões a obra suscita?

Rita de Cassia Scocca Luckner – A obra *Incidente em Antares*, por seu aspecto plurilinguístico, se apresenta como espaço dialógico, onde diversas vozes sociais se mesclam ou se afrontam. Os diálogos de um texto literário se estendem ao passado e ao futuro, pois não possuem limites e nessa dinâmica eles se encontram e se renovam. Os sete defuntos – sendo o número sete um número simbolicamente ambivalente – podem representar os sete pecados capitais e a finitude. A natureza humana é ambígua porque é resultado do livre-arbítrio, das escolhas boas ou más do ser humano. Por meio da ficção de Erico

Verissimo, em que são os mortos que julgam os vivos, observa-se que o ser humano é o responsável por suas ações. Elas acarretam resultados que podem lhe trazer uma vida de harmonia e realizações, voltada para o bem; ou uma vida de angústias que só é falsamente recompensada com o poder e bens materiais os quais são prazeres momentâneos.

O confronto entre mortos e vivos, pela simbologia das mensagens apontadas pelo verbo literário, demonstra na obra essa condição do ser humano de fazer escolhas, e pelo grotesco, isto é, pelos corpos em decomposição, indica que as boas escolhas devem ser feitas neste mundo, e para tanto, é necessário retirar as “máscaras” e encarar a “feiura” das próprias ações e maneiras como se busca viver.

60 “A obra *Incidente em Antares* apresenta a luta de indivíduos que são tratados com desigualdade e desrespeito, mas que não se encontram sozinhos”

IHU On-Line – Qual é a leitura simbólica que você faz do encontro entre vivos e mortos na obra *Incidente em Antares*? Por que esse encontro sinaliza uma ideia de “esperança”?

Rita de Cassia Scocca Luckner
– Para Queiruga¹⁰ (2011), a finitude

¹⁰ **Andrés Torres Queiruga** (1940): teólogo e escritor espanhol. Estudou no seminário de Santia-

go de Compostela e na Universidade de Comillas, passou dois anos em Roma realizando a sua tese. Foi professor de Teologia no Instituto Teológico Compostelán e de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela. É membro da Real Academia Galega e do Consello da Cultura Galega; foi um dos fundadores e diretor da revista *Encrucillada*. (Nota da **IHU On-Line**)

pode ser a causa do mal, assim como a liberdade finita pode ser causa da aparição do mal quando são adotadas decisões incorretas, e, por essa ótica, é possível pensar que as boas escolhas são um caminho para uma vida sem arrependimentos. Se o elemento que gera o mal é a finitude, Verissimo coloca a morte, representada pelos sete defuntos, para interagir com os vivos, provando que não se pode almejar que as respostas para as questões existenciais venham direta e unicamente de Deus. Mas, o ser que é vivente do mundo de humanos, inspirados no Amor que é do Criador, e sendo essencialmente virtuoso, ele encontra diversas das respostas que procura nas próprias relações humanas.

O encontro dos defuntos com os vivos no centro da cidade, que é narrado com ironia e comicidade, torna-se uma reversão do sentido da morte, e dessa forma, são os mortos que argumentam numa espécie de julgamento deles próprios e dos vivos. A morte remete à finitude, porém a simbologia da morte indica renovação. Já o Centro, a praça central onde ocorre o confronto entre vida e morte, simboliza recomeço. Pode-se, então, interpretar o incidente que culmina no encontro dos mortos com os vivos como um espaço não apenas de revelação – as denúncias feitas pelos mortos – mas também de renovação.

Outra simbologia que se desvela na obra é a correspondente ao sepultamento, que aponta uma espera, pois no pensamento cristão a morte indica uma nova vida, inspirado nos relatos dos Evangelhos sobre Cristo, que morreu e ressuscitou; assim, essa espera está relacionada à esperança. Pela ideia de que o mal está presente no mundo e o mundo é algo da realidade humana, entende-se que ele faz parte da sua natureza, e dessa forma, para o ser humano dar

conta do paradoxo: o bem e o mal sendo elementos constituidores de seu ser, uma possível indicação é a esperança, que aparece na obra de Erico Verissimo pelas ações e palavras do padre Pedro-Paulo, pelo arrependimento de alguns personagens que representam também a vontade de mudança, pelas palavras pichadas nos muros de Antares por jovens que não queriam que suas opiniões fossem esquecidas depois do incidente, e pelo filho do personagem João da Paz, como representação de uma nova vida. Como nas palavras do próprio personagem, Ritinha poderia fazer do filho deles “um homem para que um dia possa ajudar as criaturas de boa vontade a criar um mundo melhor e mais justo do que o de hoje”. E ainda: “Não perca a fé no futuro. Quem foi que escreveu que o pior pecado é o pecado contra a esperança?”. O filho que estava ainda para nascer é a representação do que é amado e esperado, que pela fé busca-se alcançar.

IHU On-Line – Que outras reflexões teológicas *Incidente em Antares* suscita?

Rita de Cassia Scocca Luckner – Por intermédio de uma análise teológico-literária da obra, encontramos analogias e simbologias que indicam que o ser humano não está livre de fazer o mal, porém pode aprender com suas faltas a se tornar eticamente melhor. Ademais, pode incitar uma reflexão acerca do comportamento humano, de ontem e de hoje, e sua força e/ ou fraqueza diante das situações e vicissitudes da vida. Erico Verissimo dá voz a pensamentos e questões sociais que faziam parte do seu contexto, mas também de contextos passados e que se estende ao contexto presente, visto que a desigualdade social e problemas relacionados à política continuam sendo aspectos da realidade atual, o que confere a esse romance a propriedade de obra universal e atemporal, por tratar de problemas existenciais do ser humano que ultrapassam o espaço e o tempo.

IHU On-Line – A narrativa da obra se dá em dois momentos: a crítica social à sociedade local, e o incidente propriamente dito. Como a perspectiva do bem e do mal se articulam como crítica social, tanto na apresentação daquela sociedade como depois do incidente?

Rita de Cassia Scocca Luckner – Nesse romance o uso da ironia como forma de denúncia é uma forte característica, mas apesar da comichidade, sua linguagem se caracteriza também pelo interesse aos problemas sociais e, assim como em outras de suas obras, além dos problemas relacionados à política, Verissimo abordou a vida cotidiana, a condição humana, a luta das classes humildes, a importância da família, e questões ligadas à moral. A primeira parte da obra está relacionada a acontecimentos marcantes para o país, tanto políticos dos quais podemos citar o período de ditadura militar, como também religioso, como o Concílio Vaticano II, que é citado na obra.

A ficção e a história real se misturam e se complementam, sendo que o incidente narrado na segunda parte da obra remete a um apelo para a saída do estado de estagnação que se encontrava a cidade de Antares, apelo que é revelado pelo movimento dos mortos. Como um aviso de que a população, mesmo não estando morta, estaria apodrecendo com seus vícios, em que o descontrolo de seus desejos permitiu que o mal corrompesse o bem que lhe era natural.

Após o incidente e o sepultamento dos mortos, foram analisadas as consequências daquela experiência vivida pelos cidadãos de Antares.

Divórcios, cobranças, surtos, entre outras ocorrências que acabaram por desestruturar não apenas algumas famílias, como também as autoridades da cidade. Os governantes, donos de fábricas, comerciantes e os representantes das famílias mais poderosas de Antares, decidiram que o ocorrido deveria ser esquecido para o bem de todos (ou de uma parte) da cidade, e introduziram a “Operação borracha”, visando tirar dos anais, e mesmo da memória da sociedade antarense qualquer fator que lembrasse o ocorrido. Porém, nos muros eram sempre pintadas frases politicamente subversivas e que remetiam aos defuntos denunciadores da “podridão” da sociedade burguesa. As pichações mostram uma força opositiva a essa situação de estagnação e de silêncio da sociedade. Assim, o autor, de forma implícita, demonstra que haverá sempre uma voz clamando por liberdade, e essa voz (mesmo que muitas vezes truncada) demonstra a esperança ao ser humano para lidar com o bem e o mal que se manifestam nas ações humanas.

IHU On-Line – De que modo, tanto na obra de Verissimo como na de Tomás de Aquino, é possível compreender que o bem e o mal são aspectos intrínsecos à natureza humana e estabelecer uma compreensão literário-teológica acerca desse tema?

Rita de Cassia Scocca Luckner – A simbologia transcende os significados objetivos dentro do texto, assim como os elementos religiosos e espirituais transcendem o tempo e espaço, que são aspectos

que podem ser analisados e percebidos na obra, e juntamente com a multiplicidade de vozes sociais que ecoam dentro do texto, permitem novas possibilidades de significação do verbo literário. As articulações dos estudos de Tomás de Aquino com a obra de Verissimo indicam um diálogo entre passado e presente, que proporciona ao ser humano perspectivas para o futuro, a partir da compreensão quanto à amplitude que podem alcançar as suas boas escolhas no presente. O olhar teológico que se debruça sobre a obra literária *Incidente em Antares* demonstra que mesmo o texto contendo uma linguagem que é diferente da religiosa, ao emergir aspectos importantes da vida humana e de suas relações, é também o espaço em que o divino se revela.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Rita de Cassia Scocca Luckner – Devido ao tema significativo envolvendo o bem (virtudes) e o mal (pecados) nas ações humanas, a reflexão a ser despertada em nossas pesquisas pode não ser esgotada em sua totalidade, mas iniciada com entusiasmo e substancialidade, dando abertura para novas releituras da obra *Incidente em Antares* que possam evidenciar ainda mais a linguagem artística como também a social do autor. A interface teologia e literatura nos ajuda a pensar que a linguagem conceitual limita e fragmenta a percepção humana, mas a linguagem simbólica encontrada na arte e na religião nos toca espiritualmente, e amplia nosso posicionamento e nossa visão da realidade. ■

5º CICLO DE ESTUDOS

METROPÓLES

Políticas públicas e tecnologias de governo.

A centralidade das **PERIFERIAS** brasileiras.

UNISINOS - SÃO LEOPOLDO
22 DE MARÇO À 30 DE
MAIO DE 2017

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NO SITE - IHU.UNISINOS.BR

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS | 15

UNISINOS



O garoto Chiron (Alex Hibbert) encontra no traficante Juan (Mahershala Ali) uma possibilidade de amparo e de cuidado

62

A serenidade de *Moonlight* sobre os escombros do abandono

Vitor Necchi

Moonlight (2016), dirigido e escrito por Barry Jenkins, é um filme de identidade, de auto-descoberta, mas vai além, ao tratar da combinação de estigmas e preconceitos. A obra, que recebeu a honraria máxima da edição de 2017 do Oscar, apresenta o quanto uma vida, em sua singularidade, resulta da relação de nuances e traços próprios da experiência humana. Trata-se de uma narrativa importante e necessária porque combina pelo menos dois marcadores sociais carregados de estigma: a negritude e a homossexualidade. A arte, neste caso, subsidia um conceito que vem crescendo em importância, que é o de interseccionalidade, ou seja, a análise de uma situação a partir da articulação das diferenças e das desigualdades. Não há como tratar gênero, por exemplo, sem articulá-lo com outras categorias como raça, sexualidade e classe.

Jenkins se baseou no texto da peça teatral *In moonlight black boys look blue*, de Tarell Alvin McCraney. O título, que pode ser traduzido como “sob a luz do luar, garotos negros parecem azuis”, faz um trocadilho com *blue*, palavra que remete tanto a azul quanto a triste. Jenkins e McCraney cresceram em um subúrbio pobre de Miami nos anos 1980 e tinham mães viciadas em crack. No filme, os negros vivem na mesma região, em guetos, sem perspectivas, à margem. Embora questões como drogas e violência perpassem o longa, o que se sobressai são as subjeti-



vidades, aquilo que habita as camadas mais intrínsecas dos personagens: os afetos, os desejos, os medos, as frustrações. A cidade e suas violências são cenário, e não protagonistas.

A primeira música que aparece no filme dá o tom das intenções. “*Every nigger is a star*”, ou todo crioulo é uma estrela, conforme os versos do jamaicano Boris Gardiner, cantor e compositor que usa a palavra *nigger*, pejorativa, para projetar o orgulho de ser negro. Esse processo de ressignificação é similar ao das mulheres que idealizaram a marcha das vadias: se apropriam da alcunha ofensiva para reafirmar sua condição e exigir respeito.

Com uma abordagem intimista e melancólica, *Moonlight* se sustenta em diálogos – e na ausência de falas também – para desvelar a história de Chiron, um negro gay em uma sociedade racista e homofóbica. Tudo se dá em três fases: a infância (Chiron é interpretado por Alex Hibbert) e a adolescência (Ashton Sanders) em uma zona pobre de Miami e a vida adulta (Trevante Rhodes) em Atlanta, quando o personagem tem cerca de 30 anos, trafica e é chamado de Black. Nas duas primeiras fases, a vulnerabilidade do personagem domina a tela. A qualquer tempo, sobressai-se o profundo silêncio dele, o olhar revelando um desamparo oceânico e a tentativa de se descobrir e sobreviver aos escombros domésticos.

Há, no entanto, outros fatores que tornam mais complexa a vida dele: ausência do pai, mãe viciada (Naomie Harris) e falta de dinheiro. E a criança, que fica vulnerável às ruas por conta da fragilidade familiar, acaba acolhida e cuidada pelo traficante cubano Juan (Mahershala Ali) e sua namorada, Teresa (Janelle Monae), estabelecendo uma ambivalência interessante, porque é justamente o criminoso e sua companheira que propiciam ao pequeno Chiron uma possibilidade de amparo e de cuidado, assim como a oportunidade de ter uma casa-refúgio relativamente estruturada para quando o tormento da mãe viciada torna insuportável o lar original.

É desse vínculo aparentemente improvável entre um traficante e um garoto sem lar seguro que surge uma das cenas mais lindas e delicadas do filme – e reveladora dos afetos que se estruturam sobre as ruínas da tragédia contida no abandono: Juan leva Chiron para o mar e sustenta o corpo frágil do garoto, para que ele aprenda a desafiar as águas e boiar, sob o olhar atento e amparado pelos braços fortes do traficante. Não seria uma associação tola se essa cena fosse imaginada como uma espécie de batizado.

A construção do personagem Chiron carrega uma grande potência ao evidenciar que, para muitas pessoas, os estigmas e as penúrias não se processam de maneira isolada, e esse cruzamento impacta no quão tortuosa e difícil será a vida em um mundo de desagregação e ódio. Essa questão é oportuna para se pensar a realidade brasileira e o ativismo. Há negros gays que não se sentem contemplados pelas expressões mais em voga do movimento LGBT porque, conforme a percepção deles, esta modalidade de militância age em prol dos brancos de classe média. Por exemplo: direito ao casamento e à adoção, duas das principais bandeiras, não é prioridade para negros gays e pobres que estão preocupados, sobretudo, em não serem agredidos e mortos nas ruas.

Voltando ao filme: durante o período escolar, Chiron se esquiva das provocações e agressões dos colegas, que se aproveitam da fragilidade da criança e da insegurança do adolescente para constrangê-lo diariamente, estabelecendo um processo que nos últimos anos recebeu a denominação de bullying, embora a prática sempre tenha existido, independentemente de haver um termo específico para designá-la. O garoto é chamado de bicha pelos colegas, sabe que fazem isso para ofendê-lo, mas ele nem compreende o significado da palavra.

A violência de colegas torna ainda mais complicada a já difícil trajetória de pessoas cuja sexualidade destoe da heteronormatividade. Crianças e adolescentes gays, lésbicas, travestis e trans enfrentam, durante o processo de construção da sua identidade, percalços extras, por conta do preconceito, da intolerância, da ignorância e do ódio manifestados cotidianamente nos mais diversos círculos, muitos deles compulsórios, como família e escola. A discriminação é tão grave e perversa que, para além das violências simbólicas e físicas, gera processos de exclusão que desestruturam a vida das vítimas. Não por menos, 90% das mulheres trans são profissionais do sexo. Não se trata de julgar ou refutar o sexo

por dinheiro. O trágico é quando alguém se prostitui não por opção, mas por falta de oportunidade ou por coação.

A sexualidade é um dos eixos estruturantes do filme, e o que se desenrola a partir daí é uma história de solidão, medo e culpa – ingredientes recorrentes na trajetória de boa parte dos garotos gays que precisam se constituir em meio a adversidades e hostilidades. E, neste salto de trampolim que é a descoberta e a vivência da sexualidade, Chiron experimenta o primeiro passo, a primeira vertigem do gozo, com seu amigo Kevin (Jaden Piner, na primeira fase, e Jharrel Jerome, na segunda). Ambos acabam afastados na adolescência, até que Chiron, já adulto, atende ao chamado de Kevin (Andre Holland) e vai encontrá-lo.

Além de seus atributos artísticos e culturais inatos, o filme ganhou mais notoriedade por conta de uma gafe ocorrida durante a cerimônia de entrega do Oscar de 2017: o prêmio de melhor filme foi atribuído inicialmente para *La la land*, mas tratava-se de um equívoco. *Moonlight* era o vencedor, distinção anunciada depois que os organizadores descobriram a trapalhada. Isso fez dele a primeira produção a ganhar o Oscar de melhor filme com um elenco de negros, sem nenhum ator branco, criando um contraponto às contundentes críticas à edição anterior do certame, marcada pela ausência de afrodescendentes. Além do prêmio máximo, *Moonlight* ganhou mais duas estatuetas, das oito indicações que teve: melhor ator coadjuvante, para Mahershala Ali, e melhor roteiro adaptado, para Barry Jenkins.

Moonlight é um filme de negros, feito por negros, mas evita estereótipos recorrentes em filmes de negros. Há a mulher dependente de crack que negligencia o próprio filho – e isso poderia ser considerado um estereótipo, tanto que Naomie Harris inicialmente recusou o convite para interpretar Paula, a mãe de Chiron, alegando que negras viciadas já havia em profusão no cinema. A ela, interessavam papéis de negras fortes, que trouxessem uma perspectiva positiva. O diretor, no entanto, insistiu, alegando que não se tratava de um clichê, mas da história da sua própria mãe que ele precisava contar. Então Naomie mudou de ideia.

Algumas das rupturas com a previsibilidade que pauta filmes de negros referem-se à terceira fase de Chiron que, embora grandalhão, forte e com cara de mau, é sensível, contido e refém da solidão, e à trilha, que não é dominada pelo que se chama genericamente de *black music*. A bela música original, composição de Nicholas Britell, estabelece uma atmosfera propícia para o desenvolvimento da história, lembrando peças do estoniano Arvo Pärt, um dos mais importantes compositores contemporâneos do repertório erudito.

A banda sonora ainda apresenta uma seleção de referências variadas: a já citada *Every nigger is a star*, de Boris Gardiner; *Laudate dominum*, de Mozart; *Hello stranger*, com Barbars Lewis; e *Cucurrucú Paloma*, com Caetano Veloso, cuja interpretação já havia marcado presença em outros três filmes (*Felizes juntos*, de Wong Kar-Wai, em 1997; *Fale com ela*, de Pedro Almodóvar, em 2002; e *Meu filho, olha o que fizeste!*, de Werner Herzog, em 2009).

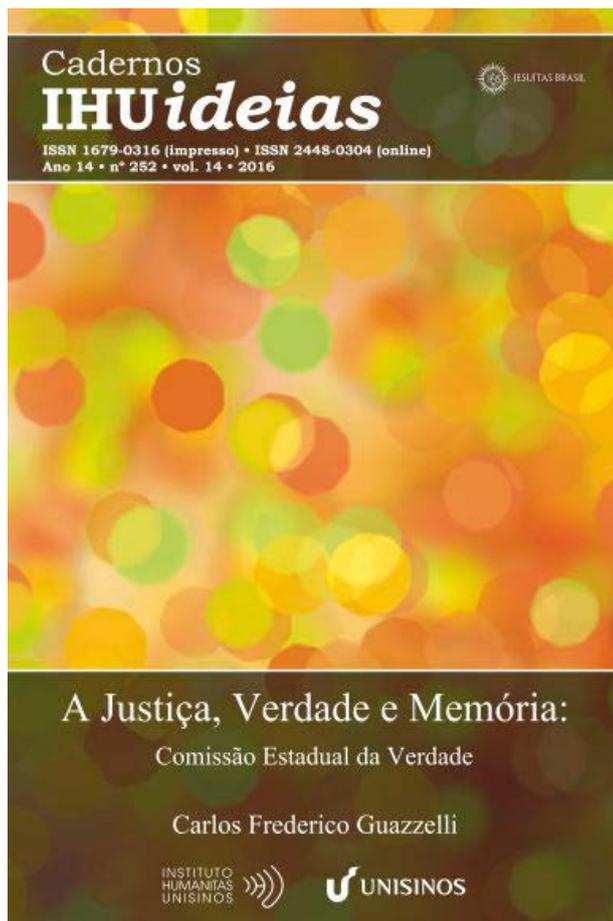
Cabe ainda um registro à fotografia de James Laxton, permeada de tons azulados e contrastes que evidenciam a beleza da pele negra. A partir de uma câmera digital, ele criou um tom próprio para cada uma das três partes em que o filme é dividido, emulando o resultado de diferentes películas, respectivamente Fuji, Agfa e Kodak. Uma câmera firme, sem o tremor recorrente em muitas produções independentes, o que amplia a serenidade da narrativa. Sim, *Moonlight* é um filme sereno, mesmo que a história contada transborde solidão, abandono e medo – ingredientes próprios de um mundo violento, mas que, ao final, abre espaço para a suavidade de um encontro adiado. ■



Moonlight (2016), de Barry Jenkins

A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade

A edição 252 do **Cadernos IHU ideias** publica o ensaio *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade*, de Carlos Frederico Guazzelli, professor da Escola Superior da Defensoria Pública do Rio Grande do Sul. O texto pretende apresentar, ainda que de forma sintética, as principais apurações e os resultados colhidos pela Comissão Estadual da Verdade do Rio Grande do Sul, entre sua instalação, em setembro de 2012, e o encerramento de suas atividades, em dezembro de 2014.



Esta obra remonta aos 21 anos de duração da ditadura implantada no Brasil com o golpe cívico-militar de 1º de abril de 1964, quando foram cometidas inúmeras e graves violações aos direitos humanos de milhares de brasileiros e brasileiras. A partir dos dados consolidados da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, pode-se afirmar que mais de 60 mil pessoas foram sequestradas, presas ilegalmente, torturadas e, até mesmo, mortas e desaparecidas – além de cassadas, demitidas, perseguidas e exiladas.

Esta e outras edições do **Cadernos IHU ideias** podem ser obtidas diretamente no **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.

A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica

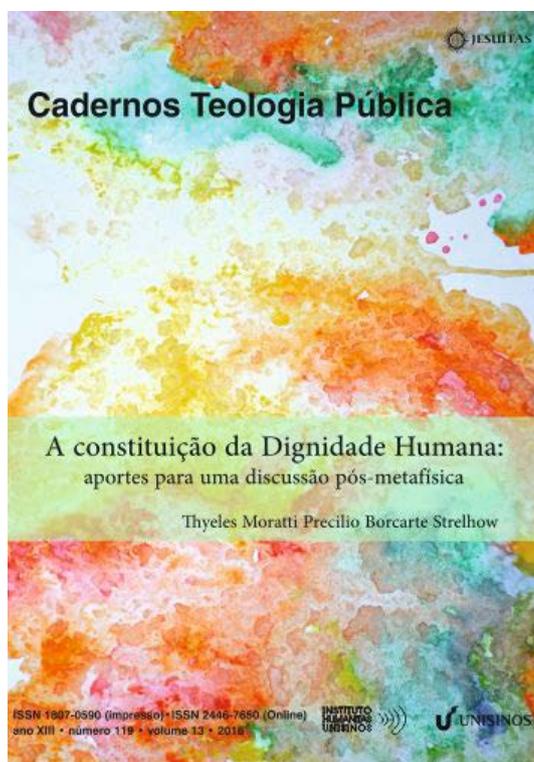
A edição 119 do **Cadernos Teologia Pública** apresenta o artigo *A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica*, de Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow, das Faculdades EST. O objetivo do texto é discutir o conceito de dignidade humana numa perspectiva relacional coletiva que aponte caminhos para a elaboração de uma cidadania participativa.

O conceito de dignidade humana é elemento chave nas discussões de direitos humanos. É ele que, de certa forma, embasa e rege a constituição dos direitos da humanidade. Por outro lado, por seu uso indiscriminado, o termo dignidade humana parece estar esvaziado de sentido. Há muito se tornou um

elemento presente em praticamente todos os discursos humanitários, mas sem efetividade concreta, acabando por nada dizer. Isto porque comumente os direitos humanos são pisoteados e esfolados na vida das pessoas, principalmente dos mais pobres. A pretensa igualdade já não dá respostas aos desafios atuais, pelo contrário, o que se percebe é a agudização da desigualdade econômica, social e política.

Neste sentido, é mister que se reinterprete a dignidade humana na perspectiva da coletividade, com sua construção a partir das relações sociais. Desta forma, é possível discutir uma cidadania participativa elaborada para além da representação. As representatividades já não conseguem responder às necessidades reais de pessoas reais. Estas também já não se contentam apenas com o direito ao sufrágio universal. Há que se ter como prioridade prática, não apenas discursiva, elementos que atendam aos anseios sociais da maioria e não apenas das corporações.

Esta e outras edições do **Cadernos Teologia Pública** podem ser obtidas diretamente no **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Impactos ambientais e contrassensos no pantanal brasileiro

Profa. Dra. Carolina Joana da Silva – UNEMAT

18 de abril de 2017 (terça-feira) | **19h30**
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU



OS BIOMAS BRASILEIROS
E A TEIA DA VIDA

14ª Páscoa IHU



**CICLO DE ESTUDOS
SAÚDE E SEGURANÇA NO
TRABALHO NA REGIÃO DO VALE DO RIO DOS SINOS**
3ª edição

Os desafios do trabalho no mundo contemporâneo

Prof. Dr. José Dari Krein – UNICAMP

18 ABRIL DE 2017 | 16h às 19h
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
UNISINOS – São Leopoldo

Saiba mais em: ihu.unisinos.br

A desidentificação da esquerda

como possibilidades na política
brasileira contemporânea

Prof. Dr. Moyses Pinto
Neto – ULBRA

24 de abril de 2017 (segunda-feira)
19h30min

Saiba mais: ihu.unisinos.br/eventos



ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br

 twitter.com/_ihu  bit.ly/faceihu  bit.ly/instaihu  bit.ly/youtubeihu  medium.com/@_ihu